INVENTÁRIO PARTICIPATIVO

PESSOAS E MEMÓRIAS

MUSEU DE
ARQUEOLOGIA
DE ITAIPU



INVENTÁRIOPARTICIPATIVO

PESSOAS E MEMÓRIAS



MUSEU DE
ARQUEOLOGIA
DE ITAIPU

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU

Rio de Janeiro
Data Coop

2018



Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Cultura
Sérgio Sá Leitão

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus - Ibram
Marcelo Mattos Araujo

Diretora do Museu de Arqueologia de Itaipu
Eunice Batista Laroque

©Bárbara Primo e Mirela Araujo.

Direitos desta edição reservados à Editora Data Coop – Cooperativa de Trabalho de Bibliotecários, Documentalistas, Arquivistas e Analistas da Informação Ltda.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização por escrito da editora.

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I62 Inventário participativo pessoas e memórias :
Museu de Arqueologia de Itaipu / Bárbara Primo e Mirela Araujo, org.
- Rio de Janeiro : Data Coop, 2018.
168p. : il. ; 23 cm.

Organizado pelo Museu de Arqueologia de Itaipu e pela Comunidade de pescadores e moradores do Canto de Itaipu.
ISBN 978-85-63637-04-8

1. Inventário participativo. 2. História de Vida.
3. Patrimônio cultural. I. Primo, Bárbara, org. II. Araujo, Mirela, org. III. Museu de Arqueologia de Itaipu. IV. Título.

CDD 363.69

Data Coop - Cooperativa de Trabalho de Bibliotecários, Documentalistas, Arquivistas e Analistas da Informação Ltda.
Rua da Quitanda, 19, sala 402 – Centro
20011-030 – Rio de Janeiro – RJ
e-mail: datacoop@datacoop.com.br

Apresentação 10

O Inventário Participativo de Pessoas e Memórias de Itaipu 13

Entrevistas 19

Mapa dos pontos de pesca 158

Glossário 160

Notas 165

Referências Bibliográficas 167


© Ray Lopez

APRESENTAÇÃO

Falar da nossa vida é fácil. Porque ela é bem exposta o tempo todo, inclusive pelos conflitos que a gente vive – seja com a Marinha, com as especulações imobiliárias, com as unidades de conservação e até mesmo com o Museu. A história do Brasil e de Itaipu está marcada pelos conflitos com os povos tradicionais. A maioria das pessoas que têm sua fala registrada aqui fala fácil porque sentiu, viveu, sofreu e, dessa experiência, construiu um pensamento histórico e político do que é ou não bom para nós. Fica fácil de falar porque essa é a nossa vida, a nossa ancestralidade. Mas as nossas questões não são só políticas, elas são emocionais também. Falar da nossa história é reconhecer e ser reconhecido, é lembrar e ter saudade e, principalmente, é uma forma de registrar nossa história de resistência. Então quando você pega nesse livro, você vai poder saber que esse é nosso espaço de resistência e que fomos nós que construímos isso. A história de Itaipu é a história que cada um de nós contou aqui: nossas ancestralidades, de onde viemos, como chegamos, o que passamos para continuar aqui, para onde vamos... A nossa vida é Itaipu, é mar, é casa e caminhar.

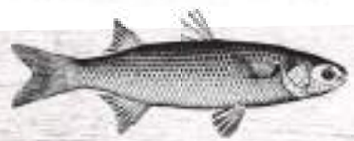
Nunca produzimos assim, junto a uma organização pública, um trabalho onde tinha a voz da comunidade. É muito importante um relato do personagem principal dessa história toda que é a da comunidade tradicional. Quando vemos que tem um trabalho que a gente acredita, não é só que fica fácil, mas a gente passa a ter um interesse em falar. O que a gente espera é que esse livro seja um instrumento para nos ajudar nos futuros conflitos. Ninguém aqui duvida que eles virão. Igualmente, sabemos que continuaremos aqui, resistindo. O que esperamos é que esse livro produza consciência e respeito. Consciência de que nós, as pessoas de baixa renda, que plantam seu feijão, pescam seu peixe, passam suas roupas e constroem suas casas temos direto de registrar nossa cultura, nossos hábitos, nossas vidas. Os nossos heróis não se transformam em nomes de ruas, bustos em praças e suas histórias não estão nos museus. Com esse livro nós temos a pretensão de registrar uma memória para o futuro e assim entrar pela porta da frente dos Museus.

As comunidades tradicionais pesqueiras ocupam sempre os melhores espaços, os mais bonitos, as enseadas. Se esses lugares estão preservados ainda é porque nós estamos aqui. Respeitem nossa história de luta. Quando estiverem lendo esse livro, lembrem-se que ninguém queria vir morar em Itaipu. Era muito longe, cheio de mosquitos, de difícil acesso, não tinha água, saneamento ou energia elétrica. Agora que temos condições mínimas de transporte e de moradia – direitos básicos de todos os cidadãos - querem nos expulsar. Querem nos dizer que aqui é lugar de posseiro, que os pescadores são preguiçosos, que os moradores poluem e não cuidam da Praia. Essa é a mesma história do Canto Verde no Ceará, de São Francisco do Sul em Santa Catarina, ou do Canto do Mangue em Natal. Essa é a mesma história de Sepetiba, Arraial do Cabo, Trindade ou Praia do Sono. Esperamos que esse livro modifique o seu modo de ver, valorize o nosso lugar, conte nossas histórias e que sirva de fonte de inspiração e de mudança.

Jairo Augusto da Silva
Jorge Nunes de Souza
Pedro Rodrigues Lopes
Rosilene Augusta da Silva









O INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DE PESSOAS E MEMÓRIAS DE ITAIPU

Criado em 1977 dentro do território pesqueiro de Itaipu, o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI) passou a desenvolver trabalhos sistemáticos com o grupo de pescadores tradicionais somente a partir de 2010. Desde esse período, o MAI tem procurado incluir em suas ações educativas e exposições informações sobre a importância sociocultural da pesca e dos pescadores dessa região. Esse novo discurso museológico está diretamente associado ao trabalho e consciência crítica das equipes do MAI, mas também às diretrizes político-conceituais do campo dos museus que ganharam força no país a partir de 2003 com a criação da Política Nacional de Museus.

As primeiras ideias sobre um inventário participativo na região surgiram da necessidade do Museu em discutir com os pescadores e moradores do Canto de Itaipu os sentidos atribuídos aos diferentes referenciais culturais desse território. Itaipu é um lugar que possui vários elementos culturais registrados como patrimônio: as ruínas do Recolhimento de Santa Teresa, a Igreja de São Sebastião, o Canto Sul da Praia de Itaipu, o sambaqui da Duna Grande e a própria pesca artesanal. Foi preciso um período de discussões e de maturação interna para compreender, dilatar e reorganizar os limites institucionais e as compreensões sobre o que é patrimônio, acervo, cultura e participação. O discurso museológico centrado exclusivamente no passado arqueológico e desconectado das populações tradicionais que vivem aqui secularmente já não era suficiente.

A partir de discussões, rodas de conversa e cursos promovidos pelo MAI em parceria com os pescadores, moradores e com universidades que já atuavam na região, foi identificada como ação prioritária para a preservação das memórias locais o registro das histórias de vida. Como em diversas comunidades tradicionais, as histórias, memórias e saberes das pesca artesanal não estão sistematizados de forma autoral em livros, arquivos, bibliotecas ou museus; são conhecimentos transmitidos fundamentalmente de forma oral, especialmente pelos mais velhos. Em Itaipu, as histórias de vida estão intimamente ligadas à ocupação do território, à formação das famílias e grupos de trabalho, ao desenvolvimento econômico e ao universo sociocultural local. As histórias de vida em Itaipu também se relacionam diretamente com a trajetória do MAI e não é possível pensar a instituição sem considerar o protagonismo dos pescadores no que diz respeito ao tombamento das ruínas de Santa Teresa, à criação do Museu e à formação da coleção arqueológica.

Especialmente após a doação feita ao Museu por Ruy Lopes de seu acervo fotográfico – que retrata Itaipu nas décadas de 60, 70 e 80 – e mediante a realização da oficina de Inventário Participativo que aconteceu no MAI em março de 2016, a ideia de captar as histórias de vida ganhou outros limites e foi compreendida como a primeira categoria de referência cultural a ser desenvolvida através desta metodologia de inventário. O conjunto fotográfico doado foi o elemento catalisador das primeiras práticas de curadoria coletiva entre o MAI e os pescadores. A partir das fotografias doadas foi elaborada, em 2016, uma exposição colaborativa que contou com a participação dos moradores locais na curadoria, seleção das imagens, identificação e produção das legendas. Cabe ressaltar, também, que a execução do Inventário Participativo só foi possível graças à parceria com a Universidade Federal de Goiás (UFG) e ao incentivo da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ). A UFG, mediante convênio com o Instituto Brasileiro de Museus, viabilizou a execução do projeto, além de coordenar a criação do site institucional do Museu e do repositório digital – Tainacan – que hospedará os produtos oriundos deste Inventário e demais acervos da instituição. O MAI integra a Remus-RJ desde 2013 e desde então, juntamente com outros museus e grupos que atuam pelo direito à memória, vem buscando melhores condições para o aprofundamento de suas ações.

O patrimônio que buscamos identificar neste trabalho é aquele constituído de forma sistêmica a partir da micro-história e da micropolítica local, ou seja, o patrimônio que forja o amálgama das memórias coletivas aqui inventariadas. Um dos objetivos do Inventário Participativo é fortalecer o sentimento de pertencimento e tornar claro que somos produto de pluralidades culturais que convivem no mesmo espaço em diferentes tempos. Portanto, a construção consciente de narrativas, a gestão coletiva e a comunicação dialógica são conceitos indissociáveis em meio às ações norteadores desta iniciativa.

A função dos museus está, também, em colaborar para que as pessoas que constroem sua história hoje possam conhecer, reconhecer e apreciar criticamente seus antecedentes e condicionantes, redimensionando inclusive sua atuação nesse meio, na perspectiva de valorizar os diversos entendimentos sobre o patrimônio e se perceber como agentes ativos da transformação social e cultural. Neste sentido, o MAI procura coadunar sua atuação de forma a incentivar a interação entre diferentes agentes da cultura local, com vistas a criar vínculos afetivos, estimular o respeito e formar uma visão crítica da sociedade através do diálogo na diversidade.

Tendo em vista o caráter colaborativo e participativo da ferramenta que utilizamos neste trabalho, a metodologia empregada ao longo da execução foi pautada por muitos debates, diálogos e consultas. A escolha dos entrevistados foi feita a partir da realização de uma reunião, no dia 19 de abril de 2017, com moradores de Itaipu, quando os presentes elencaram nomes e indicaram os membros da comunidade que, em suas opiniões, deveriam ser os contemplados nesta primeira etapa do Inventário. Os critérios, definidos pelos próprios participantes, procuraram abarcar os moradores mais velhos e, também, personalidades icônicas do local. Esta reunião teve como resultado uma extensa lista com os nomes dos indicados, de maneira que pudéssemos equacionar possíveis recusas ou dificuldades no agendamento das entrevistas. Além disso, ao fim de cada entrevista, solicitávamos aos depoentes indicações para futuros entrevistados que, caso não estivessem na primeira listagem, seriam, então, incorporados a ela. Desta forma, os nomes listados ultrapassam com grande margem o escopo proposto de 40 entrevistas, indício da relevância do projeto e da necessidade de sua continuidade.

Com os nomes indicados, iniciamos a etapa de agendamentos das entrevistas. Essa etapa foi delicada, tendo em vista a necessidade de sensibilizar os entrevistados a destinarem seu tempo em meio a uma rotina de muitos afazeres. Acolhendo a dinâmica dos moradores, fizemos diversas visitas antes que a entrevista transcorresse. Nessa etapa foi indispensável o trabalho e a participação de vários moradores para a apresentação do projeto e explicação da sua contribuição para preservação da memória local. Destaca-se a atuação direta de Rosilene Augusta, responsável pela articulação comunitária, moradora de Itaipu, uma das principais lideranças locais, filha e irmã de pescadores.

No dia agendado, a equipe, formada por técnicas do Museu, pela responsável pela articulação comunitária e por duas pesquisadoras – uma delas dedicada à parte técnica do registro da entrevista em suporte audiovisual –, deslocava-se até a casa do entrevistado ou o aguardava no Museu. O local de realização era de escolha do entrevistado uma vez que, tendo em vista a metodologia da História de Vida – norteadora da realização do Inventário Participativo –, era fundamental que ele estivesse à vontade e confortável neste momento.

Uma vez cumprida esta primeira etapa de registro audiovisual das 40 entrevistas propostas, passamos ao segundo momento de tratamento e análise deste material, que contemplaria as transcrições dos áudios e revisão das mesmas. Finalizadas as transcrições, iniciamos a elaboração dos textos. Visto que os áudios transcritos perfaziam documentos, em média, de 30 laudas, a confecção dos textos para o livro implicou, necessariamente, na realização de recortes temáticos de maneira a compor um texto curto e coeso. Para esse recorte, a equipe responsável pela edição teve como diretriz a menor manipulação possível das falas originais, mantendo as expressões, o linguajar e as construções narrativas das memórias. De forma a contemplar todos os entrevistados, limitamos o tamanho dos textos editados a uma média de duas laudas. Por fim, voltamos aos entrevistados para a leitura e aprovação dos textos na versão editada, que é essa que aqui se apresenta.

Em consonância com a metodologia adotada ao longo do Inventário, optamos pela elaboração coletiva do texto de apresentação. Propusemos, então, uma roda de conversa com alguns dos entrevistados cujo tema foi, justamente, o processo de produção do Inventário, a relevância em registrar essas memórias e as expectativas sobre o livro que viria a ser produzido. O áudio deste encontro foi transcrito e, a partir dele, elaborado o texto de apresentação, autoral e plural.

O Inventário Participativo resultou em outros produtos além deste livro. Em meio ao escopo do projeto foi elaborado, também, o primeiro sítio eletrônico do MAI, onde o público terá acesso a 40 vídeos editados das entrevistas, à coleção fotográfica Ruy Lopes e, também, às coleções arqueológicas que já faziam parte do acervo do Museu.

Os entrevistados foram aqui, ao mesmo tempo, narradores e personagens. Suas histórias pessoais são os fios com os quais tecem suas redes de memórias. Algumas histórias se misturam e se completam, algumas memórias são visitadas pela primeira vez, outras, apresentam-se como resultado de uma reflexão constante e profunda, incorporando perdão às dores, humor ao drama e coragem a uma luta que parece não ter fim. No cenário desenhado por cada entrevista é possível perceber a luta permanente para manter suas casas, seus espaços de trabalho, seu modo de vida, seus conhecimentos, sua forma de comer e de festejar. São vozes e silêncios que se misturam, construindo e explicitando por elas mesmas as muitas verdades individuais e coletivas. As histórias ganham outros tons, ainda mais vivos, quando compartilhadas com todos. Trazem de volta as experiências e o cotidiano da vida em comum, da vida em comunidade e, principalmente, ressignificam o olhar para o passado como fonte de inspiração e de mudança para um futuro mais justo.

As ausências foram inevitáveis e estamos cientes dessas lacunas. Alguns inibiram-se diante das entrevistas, outros se foram antes que pudéssemos alcançá-los. Mas uma coisa é certa: enquanto estiverem em nossas lembranças e em nossas histórias, são parte das nossas vidas e da construção desse Inventário. A todos os participantes, o nosso agradecimento pelos ensinamentos e pela confiança que depositaram em nós.

Bárbara Primo
Mirela Araujo


ENTRE
VISTAS



ADELIR DE SOUZA FREITAS

D. Dica

Nasci em Camboinhas, que naquele tempo era Canto do Ponte. Virou Camboinhas depois que um navio grande com esse nome encalhou ali. Nasci em casa, os filhos de minha mãe todos nasceram em casa. Naquele tempo era parteira, né? Era muito difícil arranjar um hospital, uma dificuldade... Não tínhamos conforto, mas tínhamos mais amigos, era uma felicidade.

Meu pai era um homem muito bom. Quando ele ia para Niterói, trazia um bolo para gente, um doce, uma goiabada... Ele tomou gosto pela pesca porque, naquele tempo, quem vivia da lavoura, muito bem, quem não vivia era pescador. Itaipu, naquela época, dava muito peixe e o Porto Grande era só do arrastão. Natalino, que era pescador na época de meu pai, era muito sortudo! Todo lugar que ele botava rede, matava peixe. Lembro que em dezembro de 55 ele pescou três caminhões de xaréu!

Quando os pescadores acabavam de pescar, esticavam a rede todinha na Praia e iam para casa. Deixavam a rede secar, depois batiam, remendavam e embarcavam para no outro dia retornar a pescar. As redes de pesca eram todas feitas em casa, se você chegasse em qualquer lugar tinha uma janela com aquele preguinho para fazer rede.

Naquele tempo a água vinha da Fonte, em Itaipuaçu. Foi a coisa mais difícil que nós tivemos aqui na Praia, foi a água. A luz foi que demorou mais a vir. Usávamos lampião e lamparina. Tinha um gerador no Museu que botava luz na rua, mas as casas não tinham.

A festa de São Sebastião era muito boa. Na procissão, os pescadores iam quase todos de terno carregar os andores. A de São Pedro era feita na Praia. Os pescadores colocavam bandeiras nas canoas, faziam barraquinha de bambu, traziam São Pedro e colocavam ali dentro. E a festa tinha leilão, o pessoal dava muita prenda, compravam rosca, vinho, tudo para leiloar.

Eu me casei na Igreja de São Sebastião em 26 de março de 1955, com um vestido feito pela minha irmã, que era costureira. A festa foi um almoço, jantar, né? Doces, essas coisas todas. E o baile nós fomos dançar ali no Museu. Teve saxofone, pandeiro, banjo, violão. Veio um amigo de meu pai que trouxe um acordeão, que tocou um bocado!

Meu marido era pescador e trabalhou no mar até morrer. Tive nove filhos, três são pescadores. Aprenderam com o pai, sabe como é pescador, né? Quer que o filho seja igual a ele.

Antes do Canal, quando a Lagoa enchia, a água vinha até perto do cemitério. Aí o Canal separou Camboinhas daqui... Itaipu era tão bonita... Os pescadores pescavam lá no tempo da tainha, quando a tainha saía da pedra, os lanços ficavam esperando... Eles viam quando os vigias vinham, com as roupas sempre brancas ou pretas, abanando desde lá para eles verem. E hoje, vai ver como? De que jeito? Como os pescadores passam para o outro lado com esse Canal aí?

Aqueles velhos, aquelas pessoas, os antigos já acabaram e não deixaram nada registrado para a gente contar. As poucas raízes que sobraram por aqui somos nós. Muitos já foram embora, muitos já morreram, só ficaram as raízes, netos, bisnetos... Já não quero mais pedir por mim, não, porque não vou mais para o mar. Mas eu tenho minhas raízes, eu não sei se meus bisnetos ainda vão precisar disso aqui. A pesca era para ter um frigorífico, ter um caminhão. Quantas vezes esse pessoal mata uma porção de peixe aí e o peixe está tão barato que às vezes nem ache quem compre? O peixe podia estar guardado no frigorífico, mas não. Quanta gente se alimenta desse peixe? E o dia que não tiver mais pescador? Esse dia vai chegar.



MAURO DE SOUZA FREITAS

Maurinho

Minha mãe diz que nasci aqui em Itaipu, sou o terceiro mais velho de 9 filhos.

Na minha infância existiam vários "arrastão" - acho que 13 - e dava grande quantidade de peixe. Eu era muito miúdo, mas levava uma sacola para apanhar peixe e levar para casa. Às vezes, até vendia para ajudar em casa, ajudar meu pai, porque éramos muitos irmãos. Estudei até a sexta série primária no Alcina Rodrigues Lima. A comunidade toda estudava ali e ele existe até hoje, é um patrimônio dos moradores.

Meu primeiro e único trabalho foi pescar. Com dez, onze anos, comecei a pescar de arrastão com meu avô Caboclo e meu tio Cambuci. Nessa época, a Praia não tinha o Canal, não tinha tantos bares. Existiam alguns quartos de pesca, simples, humildes. A Duna era maior e tinha muitas pitangueiras. Na época da tainha, a gente ficava o dia todo na Praia esperando o peixe. As canoas iam pelo mar, nós crianças íamos por terra porque não tinha o Canal. Nos anos 70, quando a Veplan começou a fazer aquele loteamento lá, a gente foi obrigado a atravessar o Canal a nado. Depois do Canal mudou muito. Até hoje não encaixa pra mim que Itaipu era de Camboinhas a Itaipu. As pessoas acham que Itaipu é só do Canal pra cá, mas a Praia de Itaipu é lá de quase Piratininga pra cá. Perdemos um nome, um espaço grande de pesca.

Mais tarde, eu e meu irmão compramos um barco e montamos, junto com meu pai, uma pescaria de emalhe. Pescamos, mais ou menos, uns quinze anos de emalhe, até que eu resolvi voltar para o arrastão. Eu já tinha uns vinte e poucos anos quando voltei a pescar de arrastão com meu tio Cambuci. Hoje eu tenho minha própria pescaria, pesco para mim. Antigamente, tanto a rede de emalhe como a de arrastão eram feitas à mão. Minha mãe, inclusive, tá fazendo para mim. Porque essa rede de arrastão, ela não vende pronta, você tem que fazer na mão. Arrastão é esse arrastão que você bota com canoa e arrasta na praia. A rede de emalhe a gente sai de barco motor e vai lá fora, bota a rede de manhã e colhe no outro dia de manhã. Arrastão não, arrastão você faz todo dia de madrugada.

Antigamente a gente matava muito peixe, mil tainhas por dia. De uns anos pra cá diminuiu muito, coisa de 80%. Nos últimos dois anos, com a Reserva Extrativista, melhorou um pouco, tanto que eu retornei pro arrastão. Quando o arrasto está dando bastante peixe, eu faço só o arrasto. Quando o mar está muito agitado, o peixe do arrastão diminui. Por que diminui? Porque quando o mar está agitado, o peixe não vem perto da praia, o peixe se afasta. Aí, no outro dia, eu vou na rede de emalhe, com o mar agitado é melhor.

Na minha juventude tinha a festa tradicional de São Pedro, que era em frente ao Museu. Tinha uma igrejinha dentro do Museu, que era um espaço de convivência nosso, mas que acabou depois de alguns anos. Depois que formalizou o Museu, acabaram as missas. Os pescadores faziam procissão por terra e por mar carregando o santo. Tinha banda de música e quadrilha. A festa de São Sebastião também era tradicional aqui em Itaipu. Eram dois, três dias de festa com dança, quadrilha, barraquinhas e leilão de vinho com rosca.

A maior modificação que vi em Itaipu foi o progresso, a melhora na pesca com barco a motor, mas também o aumento do comércio e dos bares onde antes era casa de pescador. Antigamente, a gente botava a rede de arrastão na Praia, fazia várias coisas, agora não pode. Quando você pesca, quando vai subir o barco, você olha do Canto até o Canal e vê a praia cheinha de cadeiras.

Meu maior prazer é ter saúde para trabalhar, eu gosto de pescar. Se eu parasse ou ficasse doente algum dia, eu iria sentir muita falta de querer pescar e não poder.

Eu acho que daqui a alguns anos não vai ter mais pesca. Tem a geração da minha idade, de quarenta e poucos, depois que passar essa geração não tem mais pescador. De uns anos para cá, alguns pescadores e filhos de pescadores abandonaram a pesca para estudar. A maioria dos filhos de pescadores não mora mais aqui na Praia. Acredito que daqui a alguns anos a pesca acaba... Só se acontecer algo muito forte, essa Reserva aí melhorar...



DINEA ROSA DE ABREU



Nasci lá no Museu. Tenho maior honra de dizer: eu nasci no Museu, vou virar múmia e vou para lá. Vocês vão sair de noite do trabalho, para farra, eu estarei bem em pé na porta.

Nossa casa no Museu tinha 2 quartos, uma sala enorme, o chão era de tijolo. As paredes eram feitas de areia com óleo de baleia, não tinha cimento. A porta ainda existe, aquela porta da frente, a grandona. Morávamos lá eu, papai, mamãe, meus irmãos e minha avó. De madrugada os pescadores iam pescar e a minha avó fazia café e mingau para vender. E vivia de peixe, que o que tinha aqui era peixe, né?

Meu pai era pescador, tinha uma canoa, mas era muito vagabundo. Ele matava peixe, ia para o mercado vender, vinha, agarrava o dinheiro, pagava os companheiros e o resto ele botava lá embaixo do travesseiro - aqui não tinha colchão. Puxava a canoa, botava cá em cima, tapava com a lona e enquanto não acabasse aquele dinheiro ele não voltava para pescar de novo. Passei muita fome, de ficar 2-3 dias sem comer! Só tomando café com pão e café com fubá. Mamãe fazia o fubá. Ela cortava umas folhas de banana verde, lavava, botava na panela de angu, despejava ali, depois coava o café e dava pra gente. Quando não era café com aquela farinha grossa. Fica tipo um pirão, mas era café, chama de gró. Agora, quando ele queria, matava peixe e era muito farto. Aqui no almoço era peixe, na janta peixe, no café é peixe. Por isso que eu ainda não morri, porque eu trabalhei muito, chupei muita cabeça de peixe. Dava cada xaréu assim ó! Uma vez Neneco carregou duas canoas, eu ganhei cinco tainhas e um par de ovas

porque ajudei a carregar o cesto na cabeça. O que eu mais gosto é de ova grossa. Eu primeiro cozinho ela, para depois fritar, fica muito gostosa!

Carne de boi aqui era um milagre. Quando você via carne de boi era uma festa. O Lelego tinha um boi que corria atrás da gente. A gente ia pra escola, ele vinha atrás, a gente tampava na água e ele ficava embaixo cavando. O nome do boi era Janeiro. Um dia Lelego matou Janeiro, vendeu as carnes e papai comprou. Aí eu perguntei para Totonho, meu irmão, "você vai comer carne de Janeiro?" Ele disse: "Não. E você vai?" Eu digo: "Não." Aí eu perguntei para Bibi, para Neusa e Ilda: "eu também não vou." "Então ninguém vai comer carne de Janeiro!", e só papai e mamãe que comeu.

Na Semana Santa o pessoal vinha todo a pé para pegar peixe, eles davam para todo mundo. Se sobrasse, até vendia, mas primeiro eles davam. Eu como carne, porque papai era espírita e ele não acreditava em Semana Santa. Papai era espírita e tinha casa de macumba. E eu também sou espírita, eu sei das coisas. Tinha macumba lá no Morro das Andorinhas e dava macumba também no Museu. Eu ainda tenho minha saia de santo. Vai até os pés, branca. Vou desfazer dela, vou jogar no mar.

Irmão, tive muito. Aqui paria que nem boi. Mamãe teve onze filhos, nunca fez pré-natal. Quem fez o meu parto foi a Dona Pequenina, mulher do seu Zeca Rodrigues. Tinha outra parteira que se chamava Jalda.

Na Lagoa ninguém pescava a moda boi como pesca hoje: todo mundo chega, pegando, enche o cu de camarão e sai batido. Antigamente não era assim. No tempo de Seu Eugênio, pai de Lelego, só pescava camarão o pescador daqui. A gente brincava no Morro da Peça e mamãe dava muito na minha cara com as calças, por que elas ficavam pretas. A calça era de saco de padaria e fazia em casa, eu mesma fiz muito. Lá no Morro, onde a gente brincava, ficava uma pitanga preta, pretinha! Acabou tudo, né? Do outro lado, era também areia, onde eles falam que é Camboinhas! O nome é Areia Preta! Botou Camboinhas, porque encalhou um navio ali. Mas não era! É Areia Preta. Pode cavar que a areia da beira da praia é pretinha. Mas com o progresso, né? Ficou assim: com esse Canal, não passa para lá, não passa para cá! Quer dizer, quem é daqui não pode passar para lá. Eu não posso porque eu já sou velha, senão eu ia lá e arrumava uma confusão!

A Lagoa vinha aqui, onde é Seu Chiquinho. Ali tinha um poço, chamava poço do campo, onde a gente ia lavar roupa. As mulheres, cada uma tinha seu lugar de lavar roupa. Eu era muito pequena, elas tiravam a bacia da minha cabeça para mim. Quando eu chegava primeiro eu jogava com a bacia e tudo no chão. Minha mão não dava para tirar a bacia, que eu tinha oito anos. Eu já lavava roupa para todo mundo de casa. Uma semana eu ia lavar, mamãe ficava em casa fazendo as comidas, na outra semana ela ia lavar e eu ficava em casa fazendo as comidas.

Eu fui mulher tinha 15 anos. Com 16 anos eu tive o primeiro filho, chamava-se Jairo, nasceu lá no Museu. Com 17 eu não tive nenhum, que eu larguei o pai dos meus filhos e saí fora. Aí ele foi atrás de mim e eu voltei. Com 18 tive o Aluísio, com 19 a Ariete, com 20 o Adalto. Com 22 anos fui para Niterói, trabalhar para sustentá-los. Hoje as meninas todas fazem pré-natal. Eu ficava prenha, carregava água, ia nesses matos aí pegar lenha. Não tinha médico. Nos enterros, vinha naquele burro branco de penacho, um burro fantasiado e o carroceiro guiando o burro, só ele e o caixão atrás amarrado com umas correias. Não tinha nem aquela capela do Museu, eu sei porque mamãe morreu no Museu.

Com 15 anos, fugi com ele, pulei a janela e fui morar lá na Fonte. De manhã, quando mamãe e papai acordaram, eu não estava. Fiquei vivendo com ele 4 anos, tive 4 filhos, um atrás do outro. Foi a pior coisa, estragou a minha vida, porque eu não pude criar meus filhos, eu só pari. Tinha que trabalhar para sustentá-los. Eu larguei dele com 20 anos. Ele me batia muito. Boba, nova, não fazia nada. Me batia à toa, à toa, cheio de cachaça. Cachaça com Dudu, com Dedemi, tudo pescador lá da Praia. Ia pescar anchova, levava ali para casa de madrugada para eu fazer. Um dia, o Aloísio chorando, eu larguei querosene no pirão! Fiz o pirão de peixe e larguei mesmo! Aqui não tinha luz, era lamparina de querosene. Abri a lamparina, botei querosene dentro do pirão, e eles comeram assim mesmo. Ele me batia pra chuchu. Se fosse hoje, eu dava era um soco na cara dele. Eu tenho uma picada aqui, um furado ali. Ele me furou com um furador de gaiola aqui perto do pulmão. À toa! Eu não fazia nada! Aqui não tinha nada para fazer, nem homem para ter jeito de trair tinha! Se fosse hoje, eu até pegava outro.

Aqui tinha carnaval, tinha bloco! Ficava perto do Museu, aí do lado. Onde é o estacionamento, era de Vavá. Era o rancho amarelo e branco e lá na Fonte era o vermelho e branco de Joãozinho. Tinha também a festa de São Pedro e de São Sebastião. Vinha banda de música, banda da polícia militar e a gente dançava! Papai atrás de mim, que dizia que quem dançava assim era vagabunda! Antigamente nem as axilas não se raspava, nem a sobrancelha não fazia, que ele dizia que era coisa de vagabunda! Nas festas tinha muita barraca, de brinquedo, de comida, de jogo! Tinha leilão: mandavam fazer umas roscas doces grandes, furadas no meio, cheia de forróbodó e botava por cima de uma garrafa de vinho! A festa de São Pedro não era como é agora não. Agora é festa de arrumação! Agora a festa é para eles arrumarem dinheiro. Não os daqui, mas os que vêm de fora! Antigamente era de Natalino, Bila, Seu Caboclo, Seu Tico, Seu Lô. Era tudo dos pescadores.

Pois quando esse homem fez essa casa aí, eu falei pra ele: "vou pedir um favor ao senhor, pelo amor de Deus, não encoste no meu pé de pitanga, que isso é árvore nativa. E nem encosta naquela figueira ali que também é nativa." Ali que era o curral de Lelego. Quando o sol tá muito quente, eu sinto um cheiro de estrume, sinto daqui e dano a chorar. Era muito bom, era ruim, mas era bom! Agora nem sino bate mais! Você sabe o que eu adoro ver? Um cantar de galo e um bater de sino. Se eu tenho um dinheiro, eu comprava um sino e dava para a igreja.







PENHA AVELINA BARBOSA

Eu nasci em Miracema no dia 4 de dezembro, mas meu pai me registrou no dia 6 de março de 41, então eu não nasci em 41, devo ter nascido em 40.

Eu ia me chamar Bárbara, porque nasci no dia dela, mas minha mãe fez uma promessa a Nossa Senhora da Penha para minha irmã não perder a perna. Então, quando eu nasci, minha mãe botou meu nome de Penha, porque toda Penha que não tem Maria é de promessa, sabia disso? Tanto é que quando eu nasci, meu pai disse que o dia virou noite... e até hoje eu tenho pavor de trovoada!

Nós éramos oito irmãos. Eu sou a única que restou da família. Meus irmãos moravam com a minha mãe, porque meu pai deixou os oito filhos e foi pelo mundo afora... Ele fez isso três vezes, ele ia e a gente não sabia onde ele ficava, depois ele voltava. Minha mãe achou que seria melhor pra mim ser criada por uma mulher que falou que ia me botar para estudar, que ia me dar tudo de bom... Foi melhor porcaria nenhuma, antes eu tivesse ficado em casa! Eu apanhava pra caramba e tinha que fazer todo o serviço da casa, se não, não estudava. Eu fazia tudo. Às 11 horas eu tinha que estar com o almoço pronto, roupa no quarador. Eu fazia tudo correndo, aí sentava para estudar junto com as outras crianças, se não, ela não deixava. A mulher era ruim pra caramba, mas eu fui levando. Com 13 anos, eu saí da casa dela.

Eu estudei mais um pouco depois que saí de lá. Não terminei o ginásio, mas fiz um curso de instrumentadora na Santa Casa. Depois trabalhei na Colônia por 19 anos como auxiliar de enfermagem. A Colônia na minha época tinha duas dentistas, duas pediatras, dois clínicos gerais, funcionava.

Eu vim para Itaipu em 58. Quem me trouxe para cá foi o pai dos meus filhos, Hildo de Melo Ribeiro. Ele era apaixonado por isso aqui. Foi ele que arrumou as peças pro Museu, que lá antigamente não tinha esse Museu não, ele que conseguiu as peças.

A gente vinha lá do Rio no final de semana naquela barcaça que trazia o carro. Quando chegava em Niterói, tinha um motorista que já esperava pela gente e trazia a gente até Itaipu. Chegava na sexta e ficava até domingo à noite, quando o rapaz vinha nos buscar, porque não tinha ônibus.

Tinha gente aqui em Itaipu que nunca tinha ido ao cinema. A primeira vez que viram um filme foi quando Hildo trouxe máquina de filme pra passar no Hotel Havaí. Aquele hotel era lindo! Tinha até o retrato de uma miss que era de Niterói, mandaram fazer um quadro dela em tamanho grande, era lindo. A cozinha era espetacular!

Eu vinha no fim de semana, mas depois que minha filha nasceu, eu vim morar. Aqui tinha luz lá onde é o Museu agora, eles botavam o transformador ali. Ligava a luz de 19h às 22h, quando dava 22 horas, acabava a luz. Mas todo mundo aqui se conhecia. Não tinha perigo nenhum, você podia andar a qualquer hora, agora você não pode mais... tá perigoso. Não tinha água. Tinha dia que eu ia tomar banho na casa de um pescador daqui, seu Neneco – já faleceu há muitos anos - , que ele tinha uma bomba. Mas a água era meio salobra... Não tinha luz, não tinha água, não tinha correio. Meu marido que abriu lá nos Correios uma caixinha postal. Quem quisesse escrever para Itaipu botava a cartinha lá e eu ia lá, pegava aquele monte de carta, trazia e distribuía.

Festa aqui era só época de junho, festa de São Pedro, que era feita ali na área da Colônia. E quando não, a festa de São Sebastião aqui em cima, dia 20 de janeiro. Tinha banda, tinha coreto, tinha leilão... dava galo, galinha pra botar no leilão, faziam rifas com vinho, uma rosca em cima, essas coisas de antigo, né?

Nessa época, a Praia de Itaipu era uma só, não tinha esse Canal não. Você ia daqui até aquela pedra que separa Itaipu de Piratininga. Ali onde tem aquele apart-hotel tinha um monte de coquinho, tinha muito pescador que morava ali. Aí depois a Veplan abriu aquele Canal porque eles iam fazer ali negócio de lancha, jet ski, aquele monte de coisa. Aí abriram de vez, porque esse Canal aqui era aberto uma vez ao ano. Meu marido chamava o pessoal – ele foi interventor aqui nessa Colônia durante um tempão – e ia com os pescadores, cada um levava enxada, pá e começavam a cavar, cavar, cavar até a água começar a vir. Abria e depois que dava camarão fechava de novo.

A justiça despejou os pescadores que moravam do lado de lá do Canal. Mas por ordem de quem? Veplan que estava por trás de tudo.

Antigamente, isso aqui era um paraíso, hoje em dia continua um paraíso, mas antigamente era bem melhor. Mesmo com dificuldade de, às vezes, não ter água... Mas você ficava mais tranquila, agora você não tem mais sossego, sabe? Itaipu de antigamente... que bom!





JOÃO BATISTA DOS REIS

Joãozinho



A infância da gente aqui em Itaipu foi muito boa porque a gente pescava, brincava dentro da Lagoa, que era uma Lagoa grande, não era só esse espaço que tem hoje... A gente chupava caju, roubava caju dos outros, era uma farra! Por isso que eu falo que nós tivemos infância. Não tinha maldade, não tinha briga, não tinha arma, nada... era tudo gostoso.

A nossa casa era de sapê e de tábua. A gente apanhava caixote de maçã, tirava a tábua, meu padrasto botava bambu e a gente pregava. Não tinha cimento, não tinha nada. Nossas camas eram esteiras feitas de taboa. A gente apanhava a taboa, trazia para casa, cortava e colocava para secar espalhada no quintal. O nosso travesseiro era a gente que fazia. Nossa mãe fazia assim: pegava saco branco – que naquele tempo tinha muito saco – e costurava. A gente ia pro meio da restinga e catava uma florzinha que tem o nome de paina. Nossa mãe botava aquilo tudo dentro do travesseiro e costurava o saco com uma agulha grande de costurar saco de carvão. E a gente dormia, maravilhoso, naquele travesseiro, deitava macio.

Antes do remanejamento da Veplan, tinha várias casas na restinga do outro lado do Canal: minha, do Seu Genésio, Seu Louro, Seu Adilino, Bainho, Dona Ana... As casas eram uma do lado da outra. Você chegava assim e dizia: "vou fazer minha casa aqui" e fazia! Você media o pedaço que queria, cercava de bambu, que nem arame tinha, e era seu. Depois que a Veplan veio e tirou todo mundo, nós fomos nos espalhando... Uns foram para o Cantagalo, uns para o Engenho do Mato, uns para a Avenida Central, um bocado foi para São Gonçalo. Aqui mesmo em Itaipu, a maioria dos pescadores estão lá naquele Morro do Cantagalo. Poxa, o pescador, ele tem que estar perto da praia, entendeu?

Antigamente era a gente que abria o Canal. Quando chovia muito e a Lagoa enchia, começava a alagar lá na Avenida Central e no Engenho do Mato. O que a gente fazia? Reunia um mutirão, passava a mão na enxada, na pá, ia na "boca" da Lagoa e fazia um buraco de uns 5 metros de profundidade para uns 10 de comprimento. A água da chuva, barrenta, saía com toda força. Levava uns 2 ou 3 dias vazando. Depois começava, lentamente, a jogar água do mar para dentro novamente, devagarzinho. Nessa jogada da água do mar para dentro – olha como a natureza é perfeita – entrava a criação de camarão e o mar ia batendo até aterrar de novo. Com três meses, você apanhava camarão aqui com a mão.

Era assim que a gente pescava, assim que a gente vivia. Só que hoje em dia não tem mais isso. Você vê que está aberto aí, permanente... Há um tratamento de água em Niterói que está acabando com a nossa Lagoa, despejando resíduo de noite... Acabou com o camarão, com o siri, aquele siri azulão... Antes dessa poluição toda, a gente tinha aqui muito robalo, tainha, piraúna, savelha, parati, peixe bom... E o bagre que nós não temos mais, aquele bagre veludo. Não gosto nem de falar... Naquele tempo não existia feijão, nada, a gente comia era pirão de bagre. Acará é um que nós não temos mais. Caraúna também não...

Se nós não pedirmos socorro enquanto é cedo, ela vai acabar. Ela vai ficar completamente aterrada e é isso que eles querem, aterrar para lotear e vender.

Fizeram uma obra lá atrás no manguezal, na beira da Lagoa, uma coisa monstruosa, vai daqui até Itacoatiara, vários prédios... Aquilo ali foi uma covardia, o esgoto que tem ali, aquelas manilhas todas descarregando ali... No dia que passei lá eu não aguentei, passei mal, porque eu fui criado aqui com a minha família toda... Por isso eu não gosto muito de ir para aquele lado ali, não.

Meus irmãos pescam aqui, igual meu pai que também era pescador, mas faleceu. Eu aprendi a pescar com meu padrasto, aprendi cedo. Eu sou pescador, eu remendo rede. Você pode rasgar uma rede aí de cima até embaixo e me dar, quando vier está prontinha, eu costuro na hora.

Com 12 anos eu já pescava. A pescaria é fácil, não tem muito o que se aprender. Você começa puxando rede, depois você começa remando e acabou, já está pescando, já é companheiro. Você começa puxando como ponta de cabo e depois você passa a companheiro. Eu pesquei muito tempo, não tive nem tempo de estudar porque tive que ajudar minha mãe a criar meus irmãos. Eu tenho o maior orgulho em dizer: "eu não aprendi a ler nem escrever, mas eu aprendi duas coisas: aprendi a trabalhar e criei meus irmãos todos." Meus irmãos, não tem um que não saiba ler e escrever. Eu e Ivan – nós somos os dois irmãos mais velhos – criamos nossos irmãos.

Eu pesquei com o Seu Natalino, tomei conta das pescarias dele, uma das maiores. Ele tinha 6 canoas e 6 redes. Fui mestre de pescaria dele por um bom tempo. Naquele tempo dava dinheiro, tinha bastante peixe, você vendia. Mas hoje em dia não dá muito não. Hoje o que ainda dá dinheiro é a rede alta. A rede alta tem 1 metro e meio de altura. Você faz 20 panos dessa rede com 70 braças cada uma de comprimento e emenda uma na outra. Você coloca uma boia, estica ela, deixa e no dia seguinte vai colher. Por isso que se dá o nome de "come-dorme", você coloca a rede lá, vai pra casa e amanhã colhe.

O arrastão são quatro no remo, um na rede. Seis a sete pessoas no máximo. Só que no nosso tempo não eram sete não, eram 14, 15, 20. A pesca não tinha só Lula, Cambuci e Maurinho de arrastão não... Tinha Natalino, Bila, Caboclo, Tinga, Adilino... Cada um com sua equipe de 10 homens.

Pesquei até os 15, 16 anos com Seu Natalino. Quando as pessoas perguntam "o que você é, você é comerciante?", eu respondo: "não, eu sou pescador!". Não sou comerciante, comércio é uma defesa que a gente tem, um quebra-galho.

Era Seu Natalino que fazia as festas aqui. Nós tínhamos a festa de São Pedro e de São João. Tinha quadrilha, a gente ensaiava antes. Antes da festa era uma semana ensaiando quadrilha com as filhas do Seu Vavá. As festas eram o quê? Assava tainha, tinha umas garrafas de vinho, umas roscas redondas, iguais a um bolo, que eram para o leilão. Seu Natalino foi o maior pescador de Itaipu, um homem respeitado e honesto.

Se eu pudesse voltar, eu voltaria, sabia? Mesmo com tudo hoje, televisão, geladeira... daria tudo e voltaria àquele tempo.





MARIA RIBEIRO GOMES

D. Lia da Toca do Maracujá



Eu nasci em Itaipu, ali na entrada do Engenho do Mato e desde então nunca mais saí daqui. Foi minha avó Augusta, mãe da minha mãe, quem fez meu parto e de todos os meus irmãos. Os últimos três partos que ela fez, ela fez cega, já não enxergava nada. Acho que minha avó era daqui mesmo, ela foi escrava. Minha mãe com certeza era daqui e meu pai veio de Campos.

Meu pai era motorista de caminhão de uma empresa, Balneário Itaipu, na época do falecido Pizarro. Balneário Itaipu era um hotel lindo que ficava aqui na beira da praia. Pizarro, que dizia ser dono de Itaipu, tinha muitos caminhões que ele usava para transportar peixe, carregar barro, fazer socorro quando alguém passava mal... Não sei como esse Pizarro veio parar aqui, mas ele tinha esse hotel, loteou Itaipu e vendeu tudo, inclusive a Lagoa. As pessoas compravam pela planta e quando chegavam aqui que viam que o terreno era brejo.

Quando eu tinha 11 anos, meu pai me levou para trabalhar fora na casa da sobrinha do patrão dele, o tal Pizarro. Eles não pediram, nem perguntaram, simplesmente me botaram num carro, não tinha ponte na época, atravessamos de barcaça, e fui trabalhar na Ilha do Governador.

Eu não tive infância, com 11 anos eu já era babá, não fui criança. Eu só vinha em casa uma vez por ano, vinha no sábado e voltava na segunda bem cedo, porque coloquei uma coisa na minha cabeça, que se eles me quisessem dentro de casa, eles não tinham me tirado tão cedo.

Com 11 anos eu tinha muita vontade de estudar... Estudei no Alcina Rodrigues Lima que, primeiro, ficava aqui perto onde hoje é o colégio Athayde. A diretora de lá era minha madrinha.

Quando eu voltei para Itaipu, já mais velha, comecei a trabalhar numa casa em Itacoatiara cuidando de quatro crianças. Acho que foi isso que me ajudou a crescer emocionalmente, porque lidar com criança é bom, com criança você aprende com ela, não ensina.

Com 18 anos eu conheci o pai dos meus filhos e fui morar com ele. Foi aí que eu pude ser criança, brincava com as crianças o dia inteiro, tudo que eu não fiz quando eu tinha que fazer, eu fiz depois dos 18. Brincava de amarelinha, pipa, bola de gude, garrafão, esconde-esconde... Brincava de bandeirinha nesse campinho que tem aqui, ninguém me pegava, ninguém! Corria muito! Os irmãos de Rosi passavam o dia inteiro aqui dentro do quintal comigo, todos eles vinham para cá de manhã, tomar café, almoçar... De tarde a gente fazia bolinho de chuva e só iam embora de noite, era o dia inteiro aqui comigo brincando. Era essa minha vida, mas de noite eu tava em casa, fazendo comida, lavando roupa.

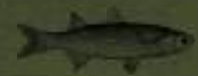
Nessa época, tinha outra Duna do lado de lá, e muitos pescadores moravam ali. Ainda não tinha o Canal e a gente podia atravessar de um lado pro outro. Tinha muita restinga do lado de lá, muito coquinho, muita pitanga e maracujá.

Na minha infância não tinha luz elétrica em Itaipu, a luz era de lamparina a querosene. A gente amanhecia com o nariz todo preto de fumaça! E a água era de poço. O comércio que tinha era o armazém do Seu Lelego, ele vendia de tudo a varejo: feijão, arroz, farinha... E logo na esquina adiante tinha o bar do Seu Peçanha, que vendia cerveja, cachaça, doce... Lembro daquelas latas de goiabada... Depois isso foi morrendo, foi acabando tudo e foi chegando a tecnologia. E tinha muito peixe, a gente comia muito peixe. Hoje não tem peixe mais... Antigamente meu pai levava caminhão mais caminhão para o mercado de peixe. Tudo daí da Praia, na época da tainha, de tudo quanto é peixe. Tainha dava do pessoal encher duas, três canoas. Mas isso é a poluição que foi aumentando e foi acabando com os mariscos, que é o mexilhão, corogondó... Marisco a gente pegava aos montes na beirinha da pedra... Eu cozinhava tudo e a gente comia debaixo de um limoeiro que tinha aqui. Espremia o limãozinho no marisco e comia, que delícia, eu amo!

As festas que tinham em Itaipu eram as de São Pedro e São Sebastião. Eu costumava ir de dia, mas nunca ia sozinha, as crianças sempre iam comigo. As crianças que eu falo eram os filhos dos outros, não eram as minhas, porque eu criei muito sobrinho, sempre tive a casa cheia. Então onde eu ia, eu ia com todo mundo. Meu primeiro filho, Renan, eu só tive com trinta anos. Rafael, meu segundo, veio sete anos depois. Na minha casa sempre foi assim: sai um, entram três! Eu gosto de gente, entende? Não sinto solidão, mas eu gosto de gente, eu fui criada com gente, então eu gosto!

Eu adorava subir o Morro das Andorinhas com minha irmã e com as crianças. Ia lá em cima tomar café que eles mesmos plantavam, com o açúcar que eles faziam com a garapa da cana. Dona Corina e Seu Cecena, pais de Bichinho, plantavam feijão, café, milho, aipim, jaca... Eram os dois velhinhos que cuidavam de tudo, eles tinham uma força danada. E o balanço... Aquele balanço lá é bom!

Eu não sou muito de me queixar não... Eu acho que o Sol quando vem, vem para todos! Mas as coisas sempre podem melhorar. Eu acho que as únicas coisas ruins que aconteceram em Itaipu foram o pescador ter perdido a Colônia e as crianças terem perdido o espaço do campinho para brincar. Antes de cercarem o campinho, tinha torneio de futebol, baliza, futebol de mulheres, era muito legal. Itaipu tinha que ter um espaço para os jovens, uma pracinha para as crianças, uma área para os idosos fazerem um exercício...





MARCELO LOPES DUTRA

Nasci na maternidade, mas moro minha idade todinha aqui na Praia de Itaipu. Tenho 2 irmãos. A gente se entende legal, quando criança a gente se "arranhava" um pouco, mas agora é tranquilo, inclusive com minhas cunhadas.

Quando eu era pequeno ficava aqui na Praia mesmo, mergulhando, rodando pião, catando pitanga, descendo nas Dunas nas folhas de papelão. Subia o Morro das Andorinhas para brincar e comer jaca. Lá era tranquilo e antigamente subia por um caminho pequenininho de terra, pelo canto da Igreja de São Sebastião. Agora tem rua, aquele cimentado e muitas casas. A gente também jogava bola no nosso campinho, o Amarelinho, por causa da cor da areia. Agora é condomínio. A nossa alegria foi se acabando aos poucos.

Eu estudava no Alcina, concluí até o segundo grau. Ia a pé, até conseguir uma bicicleta. Fiz muitas amizades lá. A escola é feita para isso também, para ensinar a gente a respeitar e ser respeitado, essas coisas assim. Naquela época a gente andava muito unido.

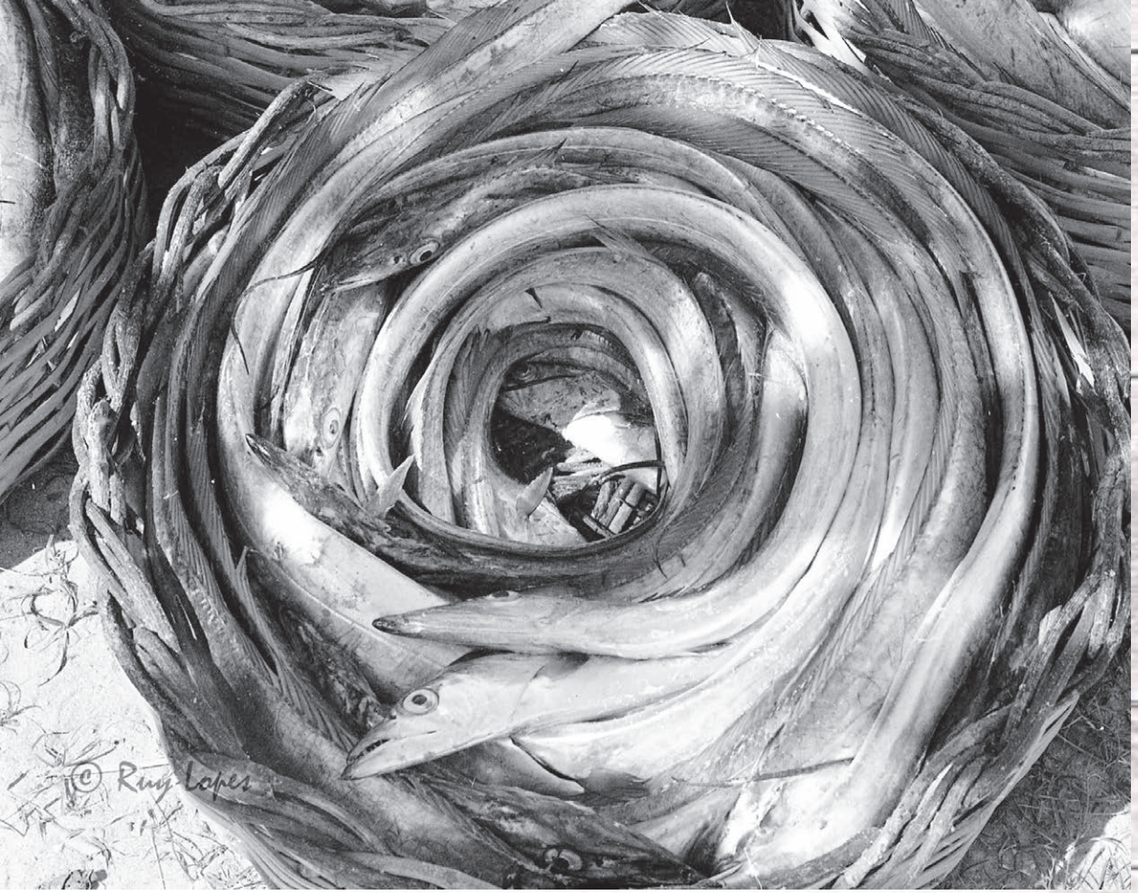
Meu pai, antes de casar, trabalhou em barco de traineira. Depois veio trabalhar com meu avô, no arrastão e mais tarde tomou a responsabilidade da pescaria dele. Meu avô era conhecido como Neneco Gordo. Minha avó me conquistou com a comida que ela fazia. Eu comi para nunca mais esquecer. Era tainha, ensopado, ova, lula recheada, pirão de tainha, pirão de banana d'água. Ela fazia para o meu avô e para todo mundo. A gente sentava na mesa comprida, mas o primeiro a comer era o meu avô. A gente ficava tudo quietinho esperando a nossa vez.

Antes dos 12 anos eu já ajudava meu pai, principalmente na pescaria do meu avô. Carregava cesto de peixe, a gente chamava de "ganho", precisava de 2 ou 3 homens para carregar, se fosse tainha ou xaréu, 4 homens. Os atravessadores vinham a cavalo para levar o peixe e vender. Depois de trabalhar um tempo com ele passei para pescaria de Edson, um amigo meu, trabalhando com corvineira.

Tive um intervalo na pesca de 3 anos, porque tive um acidente de moto. Eu bati com a cabeça no asfalto, não estava de capacete e fiquei em coma 15 dias. Depois disso não tinha mais condições de trabalhar, não podia nem pegar sol. Nessa época todo mundo ajudou: meu irmão Fábio, Dona Cleide, Edson, Mauro, Barbudo, Cambuci. Fizeram até rifa para me ajudar, sabendo que eu estava no hospital. Depois tive que trabalhar 3 anos e meio em condomínio, mas a minha cabeça era só pesca. Eu sentia muita falta do mar. Vinha para cá nas folgas, via os peixes, a beira da Praia, as embarcações chegando e ficava até arrepiado. Aí voltei, estou na pesca até hoje.

Passei aperto no mar também, um em Itaipuaçu, outro em Piratininga. Estava colhendo a linguadeira, veio aquela nuvem negra, vento e pegou a gente. A gente estava com a rede na canoa e deveria estar com uns 250, 300 quilos de peixe dentro da canoa. A vaga foi e arrasou a canoa. Ficamos na água e nadamos 1 quilômetro e meio mais ou menos, para chegar na Praia de Itaipuaçu, que é uma praia que você não pode dar mole, mas conseguimos. Aqui em Piratininga, estava na baleeira com meus dois irmãos e arrasamos também, com rede, peixe, com tudo. Nadamos para terra e meus irmãos vieram agarrados no tanque de gasolina. Foram os 2 perrengues que passei no mar. Sofri dois no mar e um em terra. Falam que sou gato de sete vidas e três já foram.

As festas aqui eram boas, de virar a noite. Quem não aguentava, pedia arrego. Não peguei a época que enfeitavam as canoas, da procissão que saía do Museu. Peguei a época do Grupo Garoupa que fazia uma festa boa na praça, soltava balão com a imagem de São Pedro. Eu gosto do santo e da Igreja de São Sebastião. Respeito muito também. Quando a gente vai para o mar, tem que respeitar e rezar, tanto pra ir, quanto para voltar. Agora quem faz a festa do nosso padroeiro é a Colônia e é bem organizada. Mas esqueceram um pouco a parte religiosa. Eu não esqueci e não vou esquecer, é o nosso padroeiro, né?



Eu gosto de andar certo com a Colônia. Desde o momento que está me respeitando como pescador, está tranquilo. Mas tudo mudou muito. Antigamente os peixes vinham na beira da Praia, agora com essa iluminação o peixe se afasta. Mudou muito depois da abertura do Canal, acabou com o criadouro de peixes e camarão. A gente também mudou um pouco, agora tem motor e barco de alumínio, que é mais rápido, mais leve. Até os pescadores não moram mais aqui, moram distante. Alguns têm contato com traineira, que avisa quando o peixe está chegando. Não sobra muito para gente, eles tiram tonelada, às vezes num dia só. Enquanto tiver essas firmas de pesca industrial por aí acabando com o nosso sustento, vai ficar difícil. Com a Resex era para ter mais fiscalização, mas cadê?



DORA MATTOS RODRIGUES

Dorinha



Eu nasci em Itaipu, ali onde hoje é Camboinhas. Tenho um monte de irmãos, mas por não ter sido criada aqui, não tive muito contato com eles na minha infância. Só fui ter contato mesmo depois de moça já. Não sei porquê eles vieram pra cá... Meu pai disse que vinha vender peixe aqui. Vinha lá de Maricá, subia essa estrada de Itaipuaçu, que era um atalho, trazendo peixe no burro. E acho que aqui ele ficou, né? Deve ter se agradado daqui. Ele já estava aqui com a família dele quando foi viver com a minha mãe. Dessa união com minha mãe ele teve cinco filhos.

Por eu ter perdido minha mãe muito cedo, com 3 anos, e por eu ter sido adotada, eu não sei muito a história dela, entende? Acho que minha mãe era daqui sim, porque meu pai falava que ela era neta de índio daqui. Meu pai falava muito dela, dos meus avós, porque meus avós eram daqui.

Quando minha mãe faleceu, meu pai não tinha condições de ficar com todos os filhos. Como faz pra criar? Sozinho, pescador, saindo de madrugada? E minha mãe deixou crianças muito pequenas, eu tinha 3, Arino tinha 2 e Maria Felícia ainda ia fazer um aninho. Naquela coisa de não ter como se virar, deu os filhos para adoção. Só ficou com Cambuci.

Quando eu fui adotada, fui pro Rio. Minha infância foi no Rio de Janeiro. Na época, meus pais moravam em Botafogo, aí eu fui criada uma boa parte da minha infância lá. Depois, meu pai adotivo fez a casa aqui em Itaipu, aí a gente vinha muito de férias. Eu sempre tinha contato com Cambuci, nunca perdi contato com ele não... E o casal que adotou Arino era muito amigo dos meus pais adotivos.

Só voltei para Itaipu com 17 anos. Aí eu me juntei à mocidade, que na época já tinha todo mundo a minha idade também, né? Seu Chico, Reinaldo, Edinho, Jorge, Joãozinho da Lagoa, Vandinho, Norma, Lúcia, minha irmã Maria Felícia, que morava com a minha tia Sila... Voltei para morar na casa do meu pai, lá onde é o Canal hoje.

Era bom, mas eu estranhei bastante porque eu fui criada com luz, água, telefone... Quando eu vim pra Itaipu não tinha luz, ferro era de carvão, luz de lamparina, bomba de braço... Mas eu sou uma pessoa que eu me adapto muito fácil com as coisas. Foi um pouco difícil, mas não muito, porque eu também gostava da Praia, aquela bagunça, sabe? No verão a gente tomava banho de chuva, fazia piquenique em Itaipuaçu... Ia sempre eu, Seu Chico, Reinaldo, Vandinho, Naza. A gente saía daqui de manhã pra Itaipuaçu, subia aquela serra, ficava lá o dia inteiro e depois voltava.

Então eu fui me acostumando, porque aqui eu tive a liberdade que eu não tinha. Antes eu me sentia muito presa, então eu tive alforria!

A Praia no verão aqui era muito boa. Tinha o Pingão, que era uma casa de show, vinha muito artista, era casa de baile. Do lado de lá tinha o hotel. No hotel tinha restaurante, casa de show, salão grande... Toda semana tinha show de artista. Eu adorava dançar! Chegava sexta-feira, eu vinha para o Pingão e só saía de manhã!

Na época que eu vivi aqui de adolescente eu achava muito bom. As pessoas eram mais unidas, se juntavam, jogavam bola, faziam festa junina... Ensaiei muita quadrilha, quadrilha de adulto, criança, eu que ensaiava todas, sempre gostei. Na festa de São Pedro, que era ali no estacionamento, tinha leilão de rosca enfiada no garrafão de vinho – aquela rosca enorme! -, as barracas eram feitas de tábua e eram aquelas comidas boas, né? Angu à baiana, batata doce na fogueira, tinha pau-de-sebo... A missa era aqui na capelinha do Museu. Nessa época, aqui no Museu era tudo vazio, só tinha a capela de São Pedro, bonitinha, com os bancos. Era padre Pedro que rezava a missa, sem sapato, de meia só. Ele era muito engraçado. Aí depois da missa tinha a procissão.

A festa de São Sebastião também era boa. Também tinha a procissão, que vinha lá de cima, tinha quermesse...

Quando eu casei, com 20 anos, fui morar em São Gonçalo. Morei lá uns sete anos, aí meu marido faleceu, então eu voltei pra cá. Quando eu voltei, meu pai já morava no Engenho do Mato, porque a Veplan já tinha aberto o Canal. Porque antes tinham as duas Dunas, né? Duna maior e Duna menor. Os pescadores abriam o Canal pra época da pesca do camarão, ficava 3 meses aberto, depois fechava e ficava tudo normal. Quando a Veplan veio pra cá, que fez aquele apart-hotel com pretensão de fazer marina para as lanchas entrarem pelo Canal, eles abriram e dragaram tudo. Encheram de pedra e aí o Canal ficou aberto. Logo depois a gente teve que sair, né? Eles praticamente tiraram todo mundo de lá: o pessoal da família de Guete, a gente, a família de Seu Rubens, todo mundo. Uma parte foi para São Gonçalo, mas a maioria foi para o Cantagalo.

Acho que meu pai foi o único que foi para o Engenho do Mato. Mesmo assim ele nunca largou a pescaria, vinha a pé do Engenho do Mato até aqui. Vinha para costurar rede de livre e espontânea vontade. Meu pai, ele era um homem rígido, mas ele dava bronca em você conversando, sabe? Meu pai foi muito meu amigo, apesar de não ter me criado, quando eu voltei ele foi muito meu amigo, ele era muito bom, dava muito conselho. Me chamava de Dorinha Mattos, gostava muito de mim. Ele falava muito bem, não tinha cultura, a cultura dele era a vida. Explicava tudo muito bem, se vocês conhecessem ele, vocês iriam gostar, ele era uma pessoa muito boa.

Itaipu é muito abandonado... A prefeitura não liga para isso aqui, ela quer mais que entre a especulação imobiliária para ganhar dinheiro com IPTU. De Itacoatiara para cá, não existe. Daqui a pouco não vai haver mais pesca, porque fica cada vez mais difícil. Quem conheceu essa pesca como nós, a fartura que era... Às vezes os meninos passam semanas e semanas sem conseguir faturar. Isso é ruim para os antigos, porque os novos estão tomando o seu rumo. Mas, e os antigos? Minha irmã, Cambuci, o que vai ser deles? Vão para onde? Vão fazer o quê da vida na velhice?





RONALDO CARVALHO DE LIMA

Nasci próximo ao trevo de Itacoatiara, ali era o sítio do meu avô. Ele tinha um comércio grande naquela esquina. O outro comércio ao lado, era o Armazém Fiel. Entre a Igreja e o Armazém Fiel, tinha um poço de pedras. Aquele bairro é o bairro da Fonte pela quantidade de água que nunca esgotava, a caçamba era uma panela e o cabo era bambu.

Meu avô chamava Simplício, tinha o apelido de Seu Tico. Ele lutou pela chegada da luz elétrica, eu alcancei isso aqui com lamparina, lampião e quando as casas não tinham chave, era aquela taramela. Na casa do meu avô criava pato, ganso, peru. Minha avó fazia muitos doces no fogão à lenha, que não apagava nunca. Ela cuidava da criação sem a medicina de hoje, com limão galego. Vovó pegava o frango, abria o bico, dava limão e passava naquelas pipocas que davam nas galinhas. Era uma baixinha forte. Ela abria o peixe, colocava no alguidar de barro, secava e vendia como "mulato velho".

Meu pai veio para Itaipu na época da guerra, casou com minha mãe e ficou. Sou filho único, meus parentes morreram quase todos. Meu avô foi presidente da Colônia de Pescadores da Praia de Itaipu, depois o filho dele, Natalino, ficou conduzindo a pescaria. Minha mãe era professora e uma das fundadoras do Colégio Athayde. A escola era de fundo, ao lado de uma pedra, um casarão de pau-a-pique. A Dona Alcina, através do conhecimento com o senhor Pizarro, que era o dono e proprietário da Companhia Territorial de Itaipu, foi conseguindo fazer o colégio.

Meu avô tinha 5, 6 canoas e tio Natalino, como meu avô, gostava e defendia isso aqui. Ele também organizava a festa de São Pedro, era o festeiro, se interessava e era falador. O que tinha que dizer ele dizia, não tinha essa história de medo de ninguém. Tinha os outros mestres de pescaria, o Carmélio, Seu Ernesto, Caboclo, Seu Neneco, Seu Bila, de famílias tradicionais, eram pessoas respeitadas. São pessoas importantes que nos davam, pelo conhecimento, a previsão do tempo com uma precisão incrível. Sabiam até pela posição das aves a voar.

Hoje, sábado e domingo de verão, é um inferno, você não consegue ir ao comércio, padaria, mercado, tomam conta do estacionamento querendo moldar à maneira deles viverem. Muitos dizem que se os mestres de pescaria estivessem vivos, não iam deixar essa porção de bares tomar conta da areia ou as pessoas acharem que o pedaço é delas. As pessoas tiraram o espaço, fui sentindo a diferença. Antigamente você colocava uma esteira e ela ficava ali, ninguém mexia. Nós saíamos à noite com a Lua para passear na rua, não tinha ladrão, não tinha perigo. Houve um avanço, o tempo hoje é outro, mas teria que ter um respeito maior. Na época, era muito bonito. A própria Lagoa, descaracterizaram toda, aterraram para poder vender lotes. Quando meu avô era presidente da Colônia de Pescadores, tinha a abertura da chamada barra da Lagoa, para entrar a criação, tinha o prazo para desova e o tempo certo de pescar.

Tinha o Esporte Clube União com bailes maravilhosos no carnaval e o futebol de bairro. Em Várzea das Moças, tinha o Clube Crol. Em Piratininga, o time de lá. Era o futebol de bairro porque não tinha facilidade de ir ao Maracanã, não tinha a facilidade de transmissão por televisão. No domingo à tarde, esses campos tinham uma frequência terrível, torcida, aposta, grito de guerra de um time, tinha aqueles que eram mais afoitos, que brigavam, era uma delícia. E a rapaziada daqui jogando futebol?! Não tem profissionais como vi jogar aqui!

Aquele navio que agarrou lá em Camboinhas, ele bateu de lado na Praia. Quando a maré baixava, criava uma praia em volta dele. Fotos do Museu, da Praia, não tenho, mas tenho uma do navio Camboinhas que ganhei de uma professora do Athayde. Vou tentar achar alguma coisa da minha mãe, ela tinha muita coisa guardada, eu não joguei fora, acho tudo isso muito importante.

Todos tinham coisas engraçadas para contar, como a história do seu Bebeco que levava os burros carregados para as quitandas de Icaraí, bebia umas cachaças e os burros traziam ele de volta.

Eu vinha na praia jogar bola, brincava, ficava ali na água, mas nunca fui aquele afoito pelo mar. Nunca entrei numa canoa do meu avô, para mim aquilo ia desabar, eu ia acabar no mar. Não tenho coragem, acho muito bonito, tenho uma admiração incrível pelos pescadores. É uma coisa que a pessoa não faz curso, isso é um querer, é um gostar. Pode crer.



LUCIA ROSA DE ABREU

Nasci onde estou agora, dentro do Museu. Foi a melhor casa que eu tive, eu adorava isso aqui. Éramos 3 famílias e 4 dos meus irmãos nasceram aqui. Aqui no Museu era assim, vocês não mexeram muito, eram essas pedras mesmo, tinha daquelas telhas bem grossas e velhas, só que não era esse portão. Éramos felizes aqui dentro. Começou a festa de Itaipu, festa junina e de São Pedro, na igrejinha daqui de dentro, mas foi depois que nós saímos.

Isso aqui era um convento, dizem, e estava fechado. Seu Hildo era interventor, compadre do meu pai e deixou a gente entrar. Depois ele mesmo tirou a gente e nós não tínhamos para onde ir, ficamos no relento. A gente rodou Itaipu inteira sem casa. Sofria frio, chuva, não tinha cama, dormia em esteira. Nossa vida era ruim, a gente sofreu muito, meu pai era alcoólatra, minha mãe também. Meu pai, minha mãe, eram tudo doente. A família toda era de pescador, a maioria já morreu. As pessoas, antigamente, não ligavam muito para gente, por causa da maldição da família, o alcoolismo. A gente foi quicando de casa em casa, até que minha mãe e eu fomos trabalhar em uma casa em Itacoatiara, juntas.

Comecei a trabalhar com 7 anos, como babá, para poder comer e sustentar minha família. Meu pai, inclusive, deu minha irmã para adoção. Eu entrava em um emprego, saía, entrava em outro, o tempo todo. A casa que eu fiquei mais tempo foi com D. Regina. Com 13-14 anos, tomava conta do casarão e era cozinheira. Lá eu dormia, comia, bebia. Estava bom para quem nunca teve isso.

Eu fui ficando adulta, trabalhava em casa de família só para comer e estudar, não ganhava nada. As pessoas abusavam da gente. Mas trazia comida para minha mãe. Foi uma vida muito sofrida. Hoje em dia quando eu posso ajudar, ajudo.

Estudei no colégio Alcina até a quarta série, depois não consegui, tinha que trabalhar. Sempre quis ter um para-pedro preto, um bonequinho com as pernas arcadinhas. Aí minha madrinha me deu. Que felicidade!

Engravidei pela primeira vez com 13 anos, não sabia o que era gravidez. A gente ficava assim sendo usada pelas pessoas. Aí eu perdi. Fiz o que tinha que fazer escondido e quase morri. Quando namorei Joel, que é meu primo, tinha uns 14 anos. Engravidei dele depois, com 18 anos, mas não ficamos juntos. Ficou ele na casa dele, eu na minha. Se bem que era pertinho. Resolvi tê-la e criar do meu jeito. Até que ele resolveu montar casa para gente. Ele sempre trabalhou também, desde criança. A trajetória dele foi parecida com a minha. Estou com meu marido há mais de 30 anos. Ele não quis que eu trabalhasse mais em casa de família, então fui ser garçonete e agora abri a padaria ali. Eu não gosto de ficar parada.

A Praia era uma só, sempre foi, era tranquila, não tinha bar nem barraca, era dos pescadores. A gente ia até o final, na ponta, a pé. Era muito bom. A criançada ia com um cesto, catando sarnambi, tatuí, e a gente se alimentava deles, além de mamão verde, que minha mãe fazia com colorau e comia com papa de farinha.

A Duna era muito grande, não dava para ver a nossa casa, atrás. A gente pegava papelão e ia escorregando até embaixo, era a única coisa que tinha para brincar. A gente achava muito osso de gente na Duna, bem branquinhos, mas não dava importância. Disseram que tenho sangue de índio, da família do meu pai. Sei por causa das histórias que contaram para gente, mas é muito antigo isso. Depois que fizeram o Canal, nunca mais fui para lá. Minha vida sempre foi aqui em Itaipu. É muito difícil eu ir para o centro. Joel, meu marido, também ama aqui.



Lembro do Ruy perfeitamente, somos amigos até hoje. Só não lembro dele tirando foto, mas sei que ele não mandava a gente: "faz assim, faz assado". Ele via o jeito que a gente estava e tirava. O Ruy mandou essas fotos para mim e deu a dedicatória dele, fiquei maravilhada.

Vanessa, minha filha mais velha, também engravidou, teve dificuldades, mas eu nunca desisti dela nem da minha neta. Camila, a mais nova, já foi totalmente diferente, ela é bajulada até hoje, é feliz porque só estuda. A mais velha agradece a vida que tem: estudada, tem marido, casa boa, duas filhas maravilhosas.

Depois que vocês entraram eu nunca mais vim aqui. Era um lugar de lembranças boas e ruins, mas acho importante guardar essa história no Museu. Se a pessoa estivesse me ouvindo, ela ia ver que somos possíveis.

As mulheres daqui têm uma história de muita resistência. Uma dava força para outra, para não desistir. Eu peguei essa força delas. Eu vi o que minha mãe passou com o marido, os filhos e as outras mulheres também passaram. Elas foram muito guerreiras e eu tenho uma fé muito grande em Deus, peço que ele me ajude, me guie e me segure para eu manter minha família unida.



VINICIO FRANCISCO DE BRITO



Nasci em Itaipu, morei aqui e em Itacoatiara, hoje moro no Engenho do Mato. Meu pai não foi pescador, ele era lavrador. Minha mãe era de Maricá, vieram para Itaipu e tiveram 8 filhos, todos nascidos aqui. Eu sou o caçula. A diferença de idade era grande, tem uns 20 anos entre a mais velha e eu.

A casa da gente em Itacoatiara ficava em um terreno grande doado pelos padres, que depois tomaram de volta. Meu pai faleceu e minha mãe foi morar com minha irmã casada aqui no Pingão. Meus irmãos foram casando, saindo e eu fiquei com minha mãe até pelos 18 anos.

Minha mãe gostava de arrastão, de fazer rede. Ela catava casca de madeira para poder ferver, dar tinta e jogar ali no cocho com as redes para conservar. Ela também gostava de fazer balão de carvão: cortava as madeiras, cobria de mato, depois terra, tipo um forno. Tinha que saber fazer e a época certa. Depois ela vendia o carvão, a tinta para rede e ajudava no arrastão.

Minha infância sempre foi pescaria, puxar arrastão, pegar mexilhão nas pedras. Quando não dava para o mar, a gente ia para a Lagoa. Pescava de canoa e de caíco. Poucas pessoas tinham um motor, era mais no remo. Eu estudava no Athayde, depois inauguraram o Alcina. Poucos conseguiram estudar, eu ainda tentei uns dois anos, mas aqui sempre foi precário.

A vida era boa, comia bem, desde que ajudasse, trabalhasse. Eu comecei com 6-7 anos, como ponta de cabo. Antigamente a gente carregava um cesto largão chamado “ganho” na cabeça; encharcado já era pesado, imagine cheio de peixe. Quem me ensinou a pescar foi meu avô. Já pesquei de tudo: barco de linha, atunzeiro, traineira, rede de espera, até já mergulhei. Cada tipo de pesca tem um jeito certo. Ajudava meu irmão porque tinha época que a pescaria ficava ruim e você tinha que comer o almoço e guardar um pouquinho para a janta. Quem pode, compra uma pescaria, fica dono. Mas tem que saber ser dono, não é fácil. A casa do meu avô Ernesto era ali embaixo, ele tinha um barracão de pescaria e contava essas histórias que os antigos contam, história de pescador, sempre animado, botando pra cima.

Aqui em Itaipu, mulher que embarcava era a Nereide, pescava tainha e qualquer coisa. E tem a Déia, que pescava, remava. Agora ela tem um comércio, chama-se a Mulher que Vira Peixe.

Servi o quartel. Lá aprendi minha profissão: motorista. Minha profissão foi rodoviário, viajei bastante. Sempre pesquei nas folgas, na parte da tarde. Quando me aposentei voltei para a pescaria. Mas minha paixão é a praia, a pescaria. Peguei um problema de coluna sério. Me curei na água do mar, andando na areia, puxando arrastão. Até de um acidente de carro vim me curar aqui na Praia.

Quando jovem, ia nos bailes do Clube da Olaria. Vinha conjunto tocar, era bom, mas o ônibus para lá ficava difícil. Hoje em dia nem lembro se tem algum clube por aí. Depois que saí do quartel fui trabalhar direto para empresa de ônibus, mas quando chegava em casa, “rancava” a roupa e vinha para Praia.

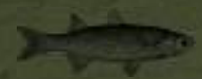
Tinha festa junina aqui dentro, era uma beleza: quadrilha, leilão, corrida no saco, fogueira, barraquinha com quentão, milho. Tinha sanfona com música caipira e a gente vinha com gravata, chapéu de palha. Tinha festa no colégio também.

Eu brincava muito nas Dunas, hoje em dia ela tem a metade do tamanho que era. Era enorme! Tinha umas pedras brancas, vitrificadas, de vez em quando, alguém era cortado com aquela porcaria. Eu preferia jogar futebol na Praia.

Conheci minha esposa na adolescência, começamos a namorar com 13 anos de idade. Ela foi nascida naquele bairro chamado Fonte. Ali tinha umas 5 ou 6 fontes de água. O pai, o avô dela foi tudo pescador. Eu me dou muito bem com meu sogro. Casei com 24 anos, tenho um casal de filhos. Meu filho é pescador, mora aqui na Praia, tem duas filhas. Ele gosta disso mesmo, não tem jeito. Quem ensinou ele a pescar foi o avô e os tios.

A tendência é acabar a pesca, a cabeça da molecada hoje em dia está diferente. Tudo muda. Eu pesco com o Lula já tem 12 anos e temos muitas aventuras no mar para contar. Algumas bem perigosas. Por pouco não vira tragédia.

As traineiras grandes, de fora, vêm para pegar corvina, tainha, xerelete, sardinha e a fiscalização não adianta, eles ficam lá no escritório, na sede. Tem que ter 24 horas de fiscalização. A tendência é piorar, o pescador não tem como se defender na época do inverno. Tinha que ter um fundo para isso. A gente vai comer o quê?





JULIETE DOS SANTOS CUNHA

Nasci e me criei na Praia de Itaipu. Tive uma infância muito humilde, mas foi boa porque convivia com os pescadores e com os filhos deles. Não conheci meus avós, eles eram daqui mesmo, mas já tinham morrido. Sou a caçula da família.

Nossa casa não tinha luxo nem riqueza, mas meu pai tinha uma roça com muita fruta: banana, laranja, coco de catarro e aipim. Ele acordava às 4 da manhã para pescar e eu ia junto, tinha uns 7, 8 anos. Ele sempre pescou com Seu Caboclo e meu irmão Rui com Zequinha. Eu fui ponta de cabo por muito tempo e também pegava siri com o pé. Meu pai ia na Lagoa pescar camarão e às vezes eu ficava lá segurando a lamparina para ele. Depois do almoço ele ia para a roça.

Meu pai fazia muita coisa gostosa: tainha com ova, ensopado de linguiça com aipim, abóbora com carne seca, tainha com guandu, pirão com banana bem madura. Eu sei muito fazer. Eu catava o que ele plantava – laranja, coco de catarro, aipim – e levava para escola para trocar por merenda e pipoca, mas meu pai sabia. Aprendi a fazer xarope para resfriado e bronquite com minha mãe: vai laranja da terra, guaco, saião, erva-cidreira e capim-limão.

Um homem, Nicanor, deu com uma pedra na cabeça do meu pai. A Penha e a Ariete, enfermeiras da Colônia de Pesca, iam todos os dias lá em casa, mas ele ficou doente, foi enfraquecendo e morreu em casa. Nesse dia, aconteceu uma coisa tão estranha! Minha mãe botava água de beber e de cozinhar na lata, nessas latas de manteiga. Aí minha tia Amália virou e falou: "Joga todas essas águas fora". Ela disse que as águas tinham ficado salgadas. E aí realmente, nós fomos provar a água e estava salgada, como se fosse água do mar. Ficou amarelada de sal porque meu pai morreu dentro de casa. Minha mãe era uma mulher tranquila e o mundo dela era a sua casa. Meu pai morreu eu tinha 11 anos e minha mãe nunca mais namorou. Ela ficou morando na mesma casa um bom tempo, até que veio morar com minha irmã na rua 07.

Na infância eu ajudava as pessoas, conhecia muita gente e ficava na casa delas. Onde eu chegava, era bem chegada. As pessoas eram boas para mim, comia e bebia por lá, mas também ajudava nas coisas da casa. A minha infância foi assim, eu dependia dos outros para tudo. Não tinha água em casa, a gente dava 5, 6 viagens até os poços comunitários. Levava uma toalha, fazia rodilha e vinha com a lata na cabeça, sem segurar. Hoje, se tem uma coisa que eu detesto é ter de depender dos outros, sabia? Vou trabalhar até o fim. Eu quase não ia para casa, minha mãe sabia onde eu estava, mas meu irmão me batia de chinelo, de cinto, mas não adiantava eu ia assim mesmo! Com o namorado da Fátima, que era mergulhador, aprendi a pegar polvo, mergulhar de máscara na toca da pedra. A gente nadava muito. Trabalhei muito também: com 16 anos fui trabalhar em Itacoatiara, na casa do major Ivan, onde fiquei 14 anos. Depois fui para a casa de Neiva e Pedro, onde fiquei 8 anos e eles ajudaram a comprar a minha casa. Mais tarde fui para casa da Dona Lúcia, foram mais 8 anos e agora estou na casa de Dona Julie.

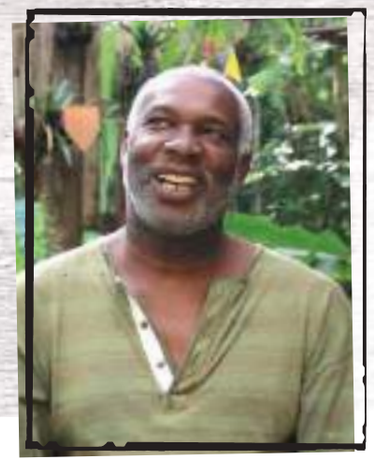
Tinha muitos amigos na Praia com quem jogava bola de gude, futebol, tinha uma atiradeira e matava muita rolinha. Eram Luiz, Carlinhos, Bolinha, Seu Chico, Deja, Zeca, Maurinho, Cambuci, Nicinho, Carlinhos, Meméia. Cheguei a estudar, mas aprontava muito na escola, brigava com os outros e ficava de castigo. Estudei até a 4ª série, minha madrinha era Dona Alcina. A gente ia de ônibus, o "mata-sapo", sem pagar a passagem. Mas voltava a pé e brigava no meio do caminho. Chegava em casa com os cabelos em pé, com a blusa rasgada, eu era brigona, muita coisa.

Em Itaipu tinha o centro espírita do pai de Nicinho, o Bamba. Tinha outro, o da Dona Helga, era muito bonito e organizado. Bamba fazia comida de preto velho, canjica e muzumbá, um pirão de peixe com arroz. Eu sou espírita e acabei tendo que trabalhar, botar roupa no centro, fiquei careca e tudo. Pode falar o nome do Santo? O vento que venta aí, venta aqui. Venta pra todo mundo! Tenho a maior honra da minha mãe Iansã e do meu pai Obaluaiê. São meus orixás de frente. Não escondo minha religião de ninguém. A não ser na rua, porque hoje em dia você não pode falar que vem um evangélico doido e te dá uma cacetada. Na capela de São Pedro a gente brincava de centro espírita, botava as roupas, os meninos batiam latinha, eu imitava um preto-velho, tudo na capelinha dentro do Museu. Recebia santo sem saber que eu tinha ligação, era criança, né?

Tenho dois filhos. Eles ficavam em casa com minha mãe de criação e eu dormia no emprego. Assim criei meus filhos, comprei uma casa humilde com muito trabalho, muito sacrifício. Separei do pai de Joel porque ele queria que eu fosse para igreja evangélica: "Eu não posso ir à igreja agradar a você!". Ele foi ser evangélico e com 40 dias do menino, ele foi embora. Eu não corri atrás, não pedi nada. Só que eu sou uma guerreira, sou mesmo! Comprei a minha casa so-zi-nha, não dependi de ninguém para me dar um centavo. Conheci o pai da Rosinha num forró, mas eu não quis morar com ninguém. Criei sozinha também, sem dinheiro de homem. Hoje eu estou com 60 anos e não pretendo viver com mais ninguém, nem botar homem dentro da minha casa. Sabe por quê? Porque quando eu era nova, nunca tive um homem, um ombro amigo. Agora vou pegar um homem para enfiar na minha casa? Acho que tudo que eu tinha que fazer eu já fiz! Agora com 60 anos eu quero paz, sossego e tranquilidade. Só se eu gostar muito, se acontecer de eu gostar de alguém. A gente não sabe o dia de amanhã, né? Para o amor não tem idade.

JOSÉ RENATO GOMES DA COSTA

Renatão do Quilombo



O meu avô Zé Gomes e meu avô Manuel Bonfim, vieram de Sergipe para o Engenho do Mato para trabalhar na fazenda na década de 20. Primeiro a fazenda foi de café, depois fizeram tijolos, grandes e maciços para a Siderúrgica Nacional. Meus avós trabalharam fazendo farinha, cuidando da produção e do pomar de laranja. Meus pais se conheceram, casaram e eu nasci aqui mesmo. Eu sou o mais novo dos meus irmãos.

Só eu estudei lá no Alcina, as minhas irmãs estudaram no Athayde. A gente ia para escola a pé ou de bicicleta, são uns 4 ou 5 quilômetros. Ia por dentro da mata, que era mais perto e não tinha poeira. Eu fazia muito esse caminho de lá-vai-um. Tinha bastante brincadeira, mas tudo tinha hora e tinha muito compromisso para ajudar na renda familiar: deixavam marcado um pedaço de roça para capinar, cortar capim, dar comida aos animais, catar carvão e colocar tudo dentro dos sacos. Minha mãe lavava roupa para fora, chegou a ter mais de 30 lavagens! Foi o que ajudou a criar a gente.

Televisão aqui era na venda de Dona Júlia e só passava novela e acabava. Depois, Dona Dione e Seu Anésio compraram uma televisão e a gente ia muito lá assistir. A gente brincava bastante com os garotos dela, eles lá têm muitos filhos! Televisão era crista da onda aqui do bairro porque quem tinha estava em uma situação muito privilegiada. Bom, não tinha nem energia elétrica, só tinha até a praça. Todo mundo aqui para cima era na lamparina.

Tinha uma relação de trabalhador com os donos da fazenda: a gente produzia, eles vendiam e a maior parte era deles. O que sobrava para a gente era o que comia. Antigamente, todo pagamento era em forma de produção, dinheiro mesmo era difícil. A produção daqui vendia no Largo da Bata-

lha ou então lá no Viradouro, em Santa Rosa. A gente tinha 11 burros, trocava algumas coisas, vendia as outras e assim ia vivendo. Carvão, banana, muita abóbora, quiabo, maxixe, inhame e aipim saíam daqui. Essa produção grande foi até 1985 mais ou menos. Nós íamos na Praia de Itaipu toda semana levar a produção e trocar por peixe ou vender. Assim eram feitas as coisas.

Meu pai era muito amigo dos pescadores de Itaipu, Seu Rui, Seu Oscar, Valmir... Ele e meus tios jogavam bola lá no campo do União e eram uns dos fundadores do time de futebol. A Praia de Itaipu era grandona, ia até a Praia do Sossego. Era mais restinga, pescadores e os barracões das canoas. A gente ia para lá também nas festas, bailes, no carnaval e na festa de São Pedro.

Meu avô fazia ladainha aqui todo ano na festa junina, tinha fogueira e forró. Meu tio tocava pandeiro, Nelsinho tocava cavaco, não me lembro quem era da sanfona, mas era sempre o pessoal da família mesmo. Tinha muita fartura de comida, meu pai sempre matava um porco e tinha manui, que é um bolo de aipim assado na chapa do fogão a lenha, enrolado na palha de bananeira. E tinha cachaça para caramba, que era a diversão na época e apanhava lá na fazenda de Itaocaia.

Na época que a fazenda faliu, deram 2.000 mil mudas de banana para meu avô plantar. Ele juntou meus tios e fizeram essa plantação aí. Tiravam lenha também para fazer carvão, até criarem a polícia florestal. Logo depois veio a criação do Parque. A gente estava em uma situação muito frágil. Eles falavam de uma forma, que queriam fazer acreditar que nós éramos os invasores da Serra da Tiririca! Eles estavam resolvendo o nosso destino e eu achava aquilo um absurdo! Queriam tirar a gente daqui de qualquer jeito e já vinham com o comprador e tudo. Meu avô trabalhava há muito tempo na fazenda, perdemos muita terra, não só ele, mas outras pessoas também. Não tinha papel passado, hoje tem. Só falta fechar a titulação.

Comecei a trabalhar fora em 1987. Meu tio arrumou para eu ser segurança lá no centro do Rio. Foi outro mundo. A cidade traz muita desunião - o individualismo é uma coisa da cidade. Quando eu saí daqui que fui reparar como a gente tinha uma harmonia com as pessoas do bairro, uma vida unida, participativa. Antigamente, as amizades nossas não eram com pessoas mais intelectuais, a gente sempre foi tratado de outra forma. Esse preconceito financeiro sempre existiu, a gente vê muito mais claro agora, mas foi sempre isso. A gente está sempre se deparando com confronto, com a exploração, com intolerâncias. Depois eu voltei para cá e aí aconteceu essa resistência que resultou no Quilombo. Eu não era muito envolvido com política, mas defendia esse contato entre os vizinhos, essa união. Eu comecei na política mesmo pela necessidade de permanecer morando aqui.

Hoje em dia a Universidade está junto, ajudaram a certificar o Quilombo e aprontar documentos. Seu Chico também ajudou! Juntou esse conhecimento que o pessoal lá da Praia de Itaipu tinha e foi fundamental naquela época. Nós fazíamos a feijoada para arrecadar dinheiro para fazer a associação, por que só podia participar da reunião no Parque se tivesse associação e montar todos os documentos não é barato! Fora a burocracia, tem que juntar um monte de cartas e documentos!

Eu lembro bem quando foi a criação do bairro de Camboinhas, todas as pessoas que moraram ali eram pescadores e deixaram de ser, porque foram deslocados para um lugar longe da Praia. Muitos vieram para o Engenho do Mato, a maioria foi para o Cantagalo. Como é para aquela pessoa não pescar mais?

Para quem é realmente tradicional é uma coisa muito ruim sair de onde você mora porque você perde toda a sua origem, seu modo de vida. A nossa luta hoje é conseguir colocar esse espaço como interesse cultural, como o nosso território cultural e criar formas para que as pessoas possam ficar aqui e ter renda. Nós não perdemos a nossa origem, nossa identidade, o que era no tempo do meu avô e do meu pai. Desde a época de Basílio o pessoal já faz uma capoeira aqui. A gente tinha terreiro de umbanda, a mãe de santo era minha vó, depois minha irmã, que morreu. Por enquanto está fechado, as filhas dela estão tomando coragem para ver quem assume, porque é um compromisso muito grande! O Quilombo foi uma retomada muito importante para a gente. Hoje tem mais de 30 pessoas que vivem aqui e têm uma renda. Minha irmã vive do artesanato, outra vive de doce, a gente faz feijoada para 400 pessoas, a capoeira vai até a Europa e o samba também. As pessoas ligam fazendo excursão de São Paulo e temos folheto em inglês e português. Mas tem muita coisa para fazer ainda. Falta incentivar mais o Fórum das Comunidades Tradicionais e brigar para estar mais inserido na cultura. Senão, a gente fica de fora mais uma vez do plano da cidade. Na realidade, a gente nunca entrou para a história da cidade. Parece até que a gente nunca fez parte, porque disso, das comunidades tradicionais, do trabalho das lavouras e do pescado, ninguém fala.




© Ruy Lopes



TÂNIA RODRIGUES LOPES

Nasci do outro lado do Canal, em Camboinhas.

Meus pais são nascidos e criados aqui na Praia de Itaipu. Meu pai sempre teve barco de pescaria, minha mãe nunca trabalhou fora, porque mulher de pescador cria filho, né? Minhas avós eram donas de casa. Tinham uma roça que tinha tudo: inhame, manga, jaca. Minha avó fazia flor de abóbora à milanesa. A carne vinha do quintal: galinha, porco. Tudo era salgado, não tinha geladeira e era feito no fogão a lenha. Antigamente não existia esse negócio de venda, a gente trocava. Todo mundo era comadre, trocava alimento. Uma trazia um bolo e quando ia embora levava um frango. Tinha a venda do Lelego que vendia café, farinha, margarina, querosene.

A casa da gente lá era de pau-a-pique, mas era emboçada. Tinha uma cerca de arame que dividia com o portão. Não tinha luz, era lampião a gás ou querosene. Com 12 anos, nós viemos embora por causa da Veplan. Depois que abriram esse Canal, a Veplan entrou com um processo porque queria aquela terra. Meu pai, meus avós, lutaram para ficar lá, mas não teve jeito. Onde tem dinheiro, pobre não fica. O dinheiro era pouco, não dava para comprar uma casa e meus pais não queriam ir para o Morro do Cantagalo, aí o compadre do meu pai emprestou a casa para a gente morar.

Meu pai tinha um vício: ele jogava muito na loteria. Um dia ele ganhou e comprou a casa do compadre e também uma pescaria. Meus irmãos são Carlos José, conhecido como Lula, Marcos Paulo e Vânia. Teve o Bruno que faleceu de um mergulho mal dado no Canal. Era o caçula, se estivesse vivo estaria com 31 anos. Foi muito ruim.

Eu sempre fui moleca de praia, onde meu pai estava eu estava atrás. Sei tudo de pescaria: atar rede, costurar, puxar rede, fazer puçá. Vivíamos largados aí nessa Praia atrás de peixe, de passarinho, dentro de barco. A gente brincava de pique-esconde, elástico, caçar sirigaita na Praia, aquele sirizinho que se enterra na areia. Mas não era de comer, pegava e depois soltava. A gente comia era rolinha. Fazia esparrela, matava a rolinha e fazia farofa. A Praia era mais bonita, não tinha esse monte de mesas e cadeiras, os pescadores estendiam a rede de arrastão para secar, depois recolhiam. Já costurei muita rede na Praia.

Comecei a estudar no morro da Igreja, na sacristia. Meu avô Rubens me levava e eu ia chupando chupeta escondido da minha mãe. Meu avô era dez! Quando chegava em casa, trocava o uniforme e ia lavar o banheiro, limpar o quintal, passar roupa, eu e minha irmã. Ruim era quando a gente pegava piolho e minha mãe cortava o cabelo “joãozinho”. Chorava à beça, meu pai brigava, mas não adiantava.

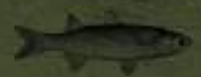
Na minha juventude aprontei muito. Tinha baile no Pingão e nós íamos com uma roupa enfeitada por baixo e outra comportada por cima. Na capela de São Pedro - eu tinha a chave - a gente trocava de roupa e voltava de madrugada. A festa de São Pedro era aqui nesse estacionamento. No morro da Igreja cortava bambu para fazer as barraquinhas, enfeitava com bandeirinhas, balãozinho e cada barraca vendia o que queria. Tinha caldo, pamonha, cachorro-quente, milho cozido, uma maçã do amor dura, bem ruim. Tive uma infância muito boa!

Casei com um rapaz que era pescador, que pescava com meu pai, eu gostava e ia junto. Saíamos às 16:30 da tarde e voltávamos às 06:30 ou 07:00 da manhã seguinte. Depois de 6 anos, quando Tainá nasceu, não deu mais para vir. Fiquei casada 24 anos, agora tenho um relacionamento, mas ninguém me segura não. É bom, quando a gente está enjoado um do outro, dá um tempo para respirar, sair, viajar, depois volta. Sou técnica de

enfermagem, trabalhei em alguns hospitais até Tainá nascer. Nunca fui de pedir dinheiro para homem, sou muito independente, graças a meu pai. Tenho um comércio onde sirvo café da manhã para os pescadores. Tenho caderninho do fiado e o pessoal me respeita muito. Tenho a lanchonete há 15 anos, faço pão na chapa, bolo de cenoura, Nescau, cachorro quente, pão com ovo, todo dia.

A única mulher pescadora aqui da Praia foi Déia, filha do Seu Euclides. Tem algumas mulheres que vêm acompanhando os maridos, ajudam, fazem o lanche, vendem o peixe, como a Vitória e a Ercília.

Tudo vai acabando, acho que esse progresso não vem para melhor não. Hoje não se respeita nem a data de 29 de junho, dia de São Pedro. Tinha comunhão entre os pescadores. Hoje, até os peixes estão sumindo. As traineiras cercam os cardumes em alto mar, não tem fiscalização. As pescarias estão acabando, os barracões viraram bar. Gosto muito dessa Praia, daqui só saio para o cemitério.



NÍCIO DOS REIS

Bamba



Ganhei esse apelido porque saiu aquela musiquinha “Eta moleque bamba...” e eu pulava muito, na época. Vim para cá estava com 6 anos. Morei em uma porção de lugar, minha mãe foi casada e viúva 3 vezes. Meu pai tinha uma quitanda no Viradouro, ela gostou dele e foi morar na travessa.

Viemos para Piratininga trabalhar num bar, depois fomos para o Jacaré, minha mãe e avó tinham lá uma fazenda, com roça e criação: muita cana, aipim, banana, porco, galinha. Até arroz.

Comecei a pescar com a idade de 8-9 anos, na companhia de Bila e Caboclo. Tinha muita tainha. O dinheiro era pouco, mas eu pensei: “vou juntar um dinheirinho e comprar uma pescaria.” Comprei a pescaria, montei rede - era forte, trabalhava noite e dia. Naquela época não tinha estudo, nem tinha uma pessoa para orientar. Não tinha uma caderneta, então colocava o dinheiro no paletó. Nessa época tinha muitos amigos lá em casa, muito pescador. Trouxe minha carteira de pesca: tem aqui o cartão da Colônia e os recibos, pagava pela pesca todo mês.

O que eu matava de polvo: 30-40 quilos! “Só quem mata polvo é o Bamba!” Eu pescava de tudo: arrastão, garatéia, rede, matava garoupa na pedra. Carregava caminhão de tainha. Chegava uma época que tinha camarão na Lagoa, ninguém podia pescar. A gente abria a Lagoa para entrar cria de camarão, depois de um mês todo pescador podia pescar até as 22 horas. A gente fazia caldeirada de camarão com limão na Praia. Farreei à

beça, gastei um cado de dinheiro mesmo, depois a velhice começou a chegar. Agora parei de pescar porque as pernas não dão mais.

Papai abriu um botequim, vendia mingau de madrugada. Pouco pescador, muito peixe. Fiquei pescando, comecei a namorar, servi o exército, não aprendi a ler nem a escrever. Meus irmãos aprenderam tudo. Por uns dois anos trabalhei na Companhia Territorial de Itaipu, a gente carregava um burrinho com areia para aterrar a Lagoa.

Soube que meu pai tinha vendido o botequim e fiquei com a ruína de trás. Casei, fiz uma casa lá em cima, aquela bonita. Aí papai adoeceu, foi para o hospital e quando cheguei lá ele estava morto. Eu queria trazer mamãe para casa, mas ela era teimosa. Eu morava numa casa aqui que tinha conforto. As filharadas nascendo, um atrás do outro, fora os abortos, que naquela época não tinha televisão, todo ano era um. Eu disse: "mamãe, vamos lá para casa", mas ela com as galinhas dela, não foi. Encontrei ela já não falando coisa com coisa, "sei que minha mãe vai morrer, mas vai morrer nos meus braços". Peguei minha mãe no hospital e trouxe para cá no colo, dava banho, mingau, fruta na boca. Perfumava ela. Ela morreu e fiquei na minha luta em Itaipu, com os meus 8 filhos. Não estudaram mais porque não quiseram, comeram peixada, botei para fazer cobrança, queria botar no estudo para ser uma novidade aqui dentro, mas não queriam estudar. Aí casei a primeira filha, com o vestido todo bordado à mão, até os convites eram bordados. Casei a segunda e a terceira.

Luta daqui, luta dali, gastei minha vida tratando deles. Tive mulher boa, bonita, agora vivo arrumando vida de filho, mas sou muito protegido por Deus. Já levei tiro, pancada, até assaltante já me deu dinheiro.

Aqui tinha baile de carnaval, os blocos eram Rouxinol, Andorinhas, Azul e Rosa. Alguns não se davam, outros eram parentes. Aqui em Itaipu é tudo parente mesmo, pode procurar. Era uma vida boa, eu gostava à beça.

Minha mãe me ensinou a fazer remédios para dor, a benzer e rezar para cobreiro. Eu faço sempre que me pedem, mas nunca cobrei nada. Se foi dado por Deus, não posso cobrar. Eu morava aqui, tinha crença de pescador. Eu tinha uma roda aqui na Praia, de baixar santo em quem tem santo. A entidade que trabalha comigo é o Rompe-mato. Mas acabaram com as ervas todas, por causa de quê ? De dinheiro! Para abrir farmácia, se não, não ganha dinheiro. No meu centro não entrava bebida, cerveja podia tomar no dia dos Oguns. Eu trabalhava no espiritismo e levei um guerreiro por muitos anos. Hoje eu grito o nome de Jesus em tudo quanto é lugar.

O Deus de antigamente não é o de hoje, o meu Deus é antigo, do tempo da minha vó. Hoje a igreja é dinheiro. Eu não entro nem na onda de pastor. A igreja agora é um mundo, com mais de três mil pessoas, dinheiro entra como chuva. A minha tem lá quatro gatos. Um dia eu vim na Praia, comprei uma corvina e quando fui jogar o resto no lixo, não acendi a luz na escada, dei com a testa na muralha. Rolei de costas, braço todo ensanguentado. Meu sobrinho me levou no médico, ele disse que não sabia se eu ia resistir. Lá na igreja pequena, de pouca gente, me passaram um óleo, orando, e não senti mais nada. Deus, Jesus, me guia. Aí passou um tempo, chamei meu sobrinho "me leva pra pegar a rede pra ver se vai doer os braços", não senti nada.





ROSILENE AUGUSTA DA SILVA

Rosi

Nasci aqui em Itaipu na casa onde eu moro ainda com a parteira tia Maria. Meus avós também eram daqui, minha avó quando casou, em 1916, foi morar lá onde nós moramos até hoje.

Vamos começar com a minha infância: minha mãe criava a gente bem fechadinho. Eu acho que a gente criou um casulinho, somos dez irmãos e nós temos bastante preocupação um com o outro. Nós íamos à Praia, mas não tivemos muito contato com a galera daqui até a época da escola. Eu tinha uma amiga, a Rejane, nós estudávamos juntas e mais tarde trabalhamos juntas na mesma escola. Depois veio Verinha, Luzia, Beto, Dedeca, Luiz Eduardo e Lula. Nós ficávamos na Praia, tomávamos banho de mar e brincávamos de bandeirinha, bola de gude, soltava pipa de papel de pão e jogava futebol, eu era goleira. E também brinquei de boneca até uns 15 anos. Na minha época, era proibido tomar banho na Lagoa porque faleceu um menino lá, mas de vez em quando a gente ia escondido, colocávamos o papelão e descíamos escorregando na Duna. Era totalmente diferente, não tinha muro, não tinha cerca, era tudo aberto. Aqui no canto da Praia tinha um sítio e nós íamos roubar fruta: banana, mamão, tamarindo, pitanga e coquinho. Uma vez me machuquei no arame farpado fugindo do dono do sítio. Cheguei em casa, apanhei, lógico.

A questão do respeito era uma coisa louca, tinha que respeitar os mais velhos, dar benção na minha avó. Nós crianças não participávamos da conversa dos adultos. Na procissão de São Sebastião, as mães faziam promessa e a criança tinha que usar roupinha de São Sebastião com uma vela do tamanho dela.

Minha mãe era muito rigorosa com a gente. Meu pai já era diferente, comecei a sair com ele com 12 anos para dançar, todas as festas nós íamos. Meu pai pescava com tio Natalino, depois foi para a Petrobrás e mais tarde para o Sistema de Transporte da Baía de Guanabara, onde se aposentou. Aí voltou firme e forte para o camarão. Ele já pescava nos períodos de folga. Ele não brigava comigo, só falava. Quando via que eu ia fazer alguma coisa errada: "Tudo bem, estou aqui, mas você vai ter que segurar sua onda e resolver a situação". Hoje eu até entendo minha mãe. Meu pai deu uma perspectiva muito diferente para ela. Cheia de filhos, meu pai boêmio, bebia, eles brigavam às vezes, ele saía para festa, ela não podia porque tinha que ficar em casa cuidando dos filhos. E ela gostava de baile, tanto que foi Rainha da Primavera. A vida dela mudou depois que casou.

As mulheres sofreram muito aqui, ficavam em casa e os maridos saíam para a festa. Mas eram guerreiras, elas trabalham muito, correm atrás e uma ajudava a outra, mas sem desabafo. Era tudo fechado, ninguém falava nada. Essa divisão acabou, até porque a mulher hoje trabalha fora. E vai melhorando, a cada geração melhora mais. Essa coisa de homem pode e mulher não pode, zerou. Zerou mesmo.

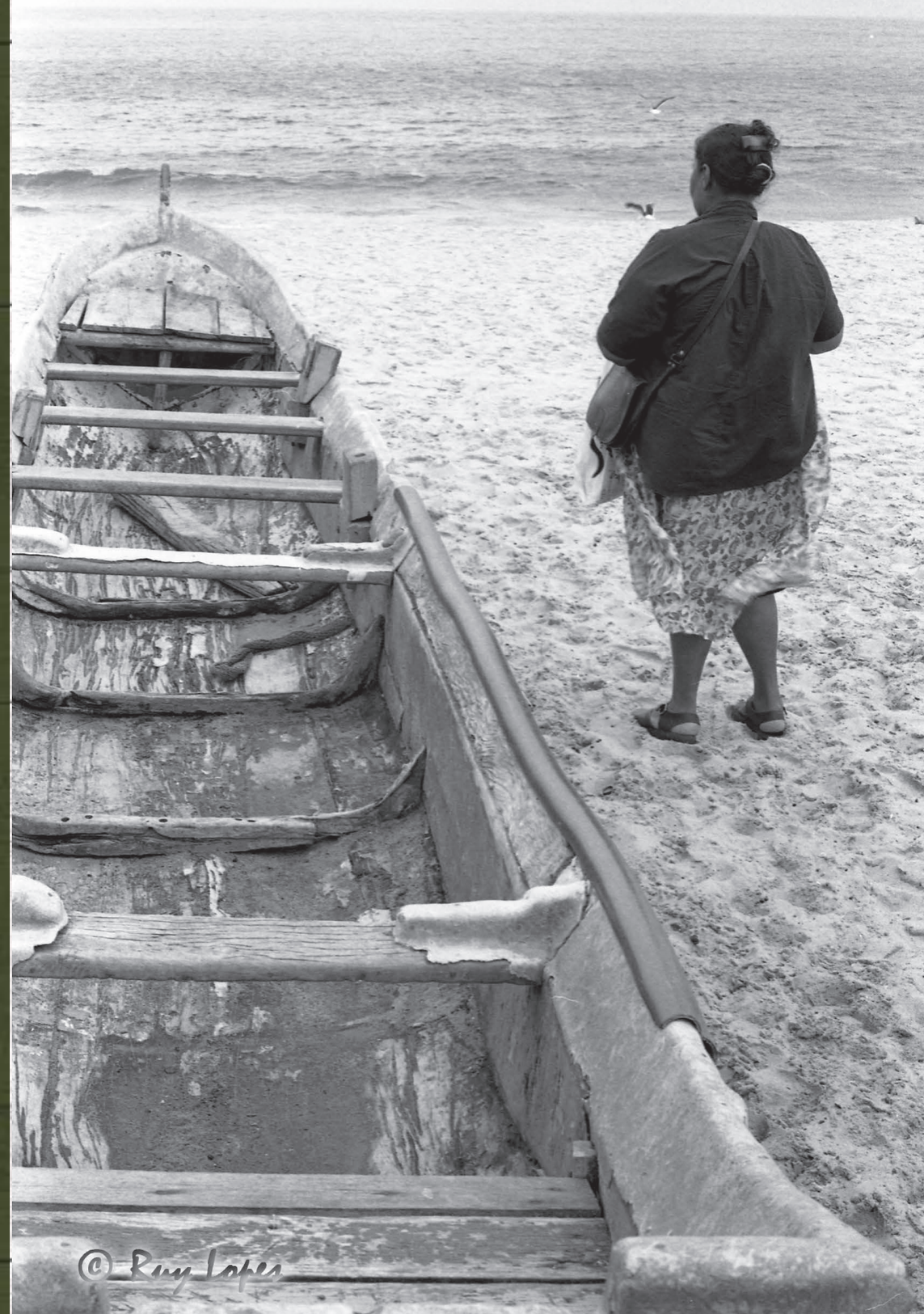
Eu não ia pescar, fui uma vez mas enjoei, gostava era de pegar siri e tatuí. E também a gente tinha muito medo de defunto, porque aqui aparecia muito, não sei se morria lá e desembocava aqui. Eu gosto de ficar na terra e ver o mar. Eu ia ser um péssimo pescador, é muito perigoso, Deus me livre.

Antes de abrir o Canal, conta a história que Seu Caboclo estava uma vez caminhando e a Lagoa estava cheia. Aí ele colocou a ponta do guarda-chuva, fez um risco e a água veio descendo e começou a abrir e aí abriu o Canal. Ele é igual a Cambuci. Parece muito.

Isso até a Veplan chegar e acabar com tudo. Seu Hildo tentou, lutou junto com os pescadores para que eles não saíssem, mas teve muita pressão; ou sai, ou sai. Ofereceram casas, teve gente que foi para o Cantagalo, Engenho do Mato e Terra Nova. Foi uma especulação muito grande.

A galera é muito boa, rolam as briguinhas, mas todo mundo se ama, socorre um ao outro. É igual à pescaria: vê um barco subindo, vai todo mundo ajudar, aconteceu alguma coisa lá fora, vai todo mundo ajudar. Essa briga toda que tem aí hoje não é daqui, não é nossa, é de gente que trouxe para cá. Mas um dia a gente vai acabar com isso.

Achei muito legal esse trabalho. Eu senti que as pessoas que vieram realmente sentiam essa necessidade de contar. Muita gente tem medo de falar porque a opressão é grande. Tenho certeza que cada um mudou depois que deu entrevista. Tem que ter atenção aos mais velhos, todo mundo gosta de ser valorizado. Eu não sabia que seria tão aconchegante, que eu tinha essa capacidade de estar no meio deles com tanto carinho. Aprendi muito. Quando eu estiver velhinha, me ame, por favor.





NÍCIO DOS REIS FILHO

Nicinho

Eu nasci aqui na Praia mesmo, com a parteira tia Jupira e aqui fui criado. Tenho oito irmãos, os que eu sei... Mas acho que tinha mais. Antigamente a gente brincava na beira da Praia e dormia lá, às vezes, no verão. Só tinha a luz da Vila e da Lua. A Praia era mais bonita, tinha espaço, hoje em dia parece que diminuiu, não dá mais para as crianças jogarem futebol, muito menos para pegar tatuí, sarnambi e siri para comer. Antigamente fazia sopa de tatuí e comia sarnambi com mamão.

Meu pai tinha uma pescaria e eu comecei a pescar com ele quando tinha uns 10, 12 anos. Depois meu irmão passou a ir também. Comecei a pescar de linha, depois meu pai passou a pescar de rede e de espinhel, num barco a remo, no muque. Aí meu pai comprou motor e mais tarde passou a pescaria para mim, meu irmão e meu primo. Acordava 4 horas da manhã e quem estivesse dormindo meu pai jogava água do mar em cima. Aprendi também a pescar de espinhel, com corrico, a jogar lambreta. Meu pai pegava polvo de garatéia. Eu pego polvo de tubo.

Hoje em dia ninguém tem mais canoa por aqui, só Cambuci e Lula. Agora só baleeira, barco de alumínio. Eu ainda pesco, mas é muito ingrato. As redes são caras e jet sky e caiaque cortam rede, isso quando elas não são roubadas. Uma rede é caríssima. Uma vez quase infartei, cheguei lá, a rede nova e não encontrei a rede. Passei mal, fui parar no hospital, tive um derrame, fiquei nervoso. Tive paralisia facial uma vez. Você fica a noite toda fazendo rede, chega lá e não encontra, não há coração que aguente. Hoje eu não deixaria meu filho ser pescador. Meu filho é mergulhador. Antigamente a gente era obrigado a pescar para sobreviver. Eu acho que a pesca aqui em Itaipu já deu o que tinha que dar. Ninguém mais quer ir pescar.

A festa de São Pedro era boa, mas a de São Sebastião era a melhor. Tinha leilão e a gente ia pra festa muito perfumado. Mas era difícil namorar as moças daqui por causa da financeira, que era pouca. Na minha juventude saíamos para o cinema, para os bailes. Tinha um carnaval muito bom. Aqui fazíamos banho à fantasia, com roupa de papel crepom, todo mundo caía n'água e o mar ficava colorido. Era uma beleza! Eu toco um pandeirinho, um surdo, aprendi olhando os outros, como na pesca, porque ninguém nasce sabendo, é só prestar atenção. Aprendi também a cozinhar com minha mãe, gosto de fazer a comida com carinho, com bastante tempero, enfeitada. Cozinhar é uma arte.

Meu pai foi um pai de santo famoso, salvou muita gente, hoje ele é crente. Mãe de papai era rezadeira e meu pai ficou com essa sabedoria. Minha avó, se você estava com uma dor, ela ia ali no mato e sabia a erva que pegava. Às vezes as crianças estavam com febre, minha avó pegava aquela "vassourinha", que acho que não existe mais. Está com febre, está com quebrante, está com mal olhado, ela ia ali e rezava. Eu só rezo para sair e na hora de deitar. Sou muito devoto de Nossa Senhora de Aparecida.

Aqui dentro do Museu a gente brincava muito e namorava escondido. Muita gente morava aqui dentro, até a minha avó Marica, que ficou cega e fazia rede só no tato. As redes de algodão eram fervidas com aroreira para tingir e junto iam os shorts dos pescadores que eram feitos de saco de pano.

Meu avô tinha uma mercearia e me obrigava a estudar tabuada, fazer conta, tinha que trabalhar com ele. Mais tarde trabalhei na Ducal, em loja de móveis e de agenciador.

Todos aqui se davam bem, eram mais unidos, ficavam preocupados com você e iam ajudar. Já passei muito sufoco, pegamos cada temporal que achava que não ia chegar aqui. Pescaria é para homem, tem que ter coragem. Medo é fogo. Quando acontece essas coisas só reza e pede a proteção de todo mundo: São Pedro, São Paulo. Está no sufoco, até para santo que não tiver nome a gente tem que pedir!

SIBÉRIA RODRIGUES DE FREITAS

Mãe

ROSALINA DE FREITAS GONÇALVES

Filha



Sibéria

Meu nome é Sibéria Francisca Rodrigues, fiz 96 anos em 18 de abril. Lembro da festa de São Pedro, que acontecia na Praia mesmo e tinha quadrilha. Ali onde ficam as ruínas, morava a família do Seu Nilo, ele tinha uma porção de filhos. Acho que eles já morreram, ficaram só os netos, como Guete.

Meu marido, Rubem, era pescador, tinha duas canoas que ele guardava num barracão lá na Praia. Antigamente dava de tudo quanto é peixe, peixe-galo... Na minha época se pegava muito peixe, tinha muita fartura. Tinha muito pescador em Itaipu, mas hoje quase nada. Os pescadores antigos já saíram, já morreram... Acho que só tem Cambuci e o filho do Zequinha...

Rosalina

Na minha infância, a Praia de Itaipu era uma beleza. Tinha os pescadores, era deserto, não era frequentada por pessoas de fora, era só o pessoal do local mesmo. Era uma beleza, a gente tomava banho de vestido, era muito bom. Ali não tinha perigo, todo mundo conhecido, eu ficava por lá, nos matos, pegando cajá, côco, goiaba, pitanga, coquinho, cajú. Lá em Camboinhas tinha aquele côco que a gente pegava, aqueles cachos, côco de restinga. Tinha cajueiro, era uma delícia.

Eu tive 9 irmãos, mas nós éramos 10, mamãe perdeu um recém-nascido. Meu pai era pescador, ele pescava para outra pessoa e depois comprou as canoas dele. Com pescaria própria, meus irmãos pescavam com ele. Naquela época tinha muito peixe, muita fartura. Muita tainha, muitos caminhões de peixe pra vender no Mercado São Pedro em Niterói. Seu Natalino tinha três canoas, Seu Bila tinha duas ou três, umas canoas grandes, bonitas. Tinha muito pescador, é uma pena... Alugavam o caminhão da Companhia Territorial, do Seu Pizarro, para fazer o transporte. Seu Pizarro era um português, veio para cá, comprou as terras, era dono da Companhia Territorial de Itaipu. Depois vendeu para a Veplan.

A festa de São Sebastião, no dia 20 de janeiro, era grande, muito boa, tinha procissão. E tinha a festa de São Pedro no dia 29 de junho, também tinha procissão lá na Praia, as canoas enfeitadas com bandeirinha, era ótima. No mês de maio, que era mês de Maria, nós fazíamos procissão com Nossa Senhora de Fátima. As senhoras visitavam as casas, era muito bom. Tinha uns bailes de carnaval naquela época, mas a gente era jovem e não ia. Acho que era no Largo da Batalha que tinha, mas nós não íamos, papai não deixava. Quando eu comecei a ir, já era moça, ali no Esporte Clube União. A diversão da garotada era ali. Meu marido foi diretor social na época que a gente namorava, então eu também ajudava.

Não tinha luz, mas uns anos depois, quando a Companhia Territorial começou a lotear Itaipu, colocaram um gerador lá na Praia, naquele canto lá nas ruínas. Funcionava até às 21h, 22h... Mas só para quem podia pagar. Quem não podia pagar usava lampião, lamparina, querosene...

Água não tinha também, tinha que pegar onde tivesse. Lá na Lagoa tinha uns poços, nós pegávamos água lá. Alguns davam uma água boa, outros não. Depois puseram um chafariz ali perto da Colônia, uma torneira.

Estudei na Escola Estadual Desembargador Athayde Parreiras e fiz o curso Normal em Niterói, porque aqui só tinha primário. Todo mundo ia para escola a pé, não tinha ônibus, nem passe, nada disso, todo mundo andava

muito. Quando a gente terminava o primário e o ginásio, Dona Alcina arranjava com as amigas casa para a gente ficar para estudar em Niterói. Eu fui para a casa da Dona Júlia, que era minha professora, lá no Cubango. Aí vinha final de semana para Itaipu, porque ônibus era precário.

Dona Alcina era uma pessoa muito boa. Conheci como professora, depois diretora. Ela era muito esforçada, arranjava professor para Itaipu, que naquela época era muito difícil. Ela sempre procurou dar tudo, ajudar todo mundo, ela queria que todo mundo estudasse. Pedia caminhão pro Seu Pizarro para levar a gente para pegar doce de Cosme e Damião, para ver o Horto... Ela era muito caprichosa, sempre foi excelente.

Antigamente, se precisasse comprar alguma coisa, tinha o armazém do Seu Luiz ali na entrada de Itaipuaçu, na subida. Lá em Itaipu tinha Seu Lelego, que vendia tudo: feijão, arroz, açúcar, farinha, café... O armazém ficava ali perto da casa de Rosilene. Na esquina tinha um bar que era do Seu Peçanha, Francisco da Silva Peçanha. Ele era campista, então tinha muita goiabada em lata, eu adorava! Ele também tinha compota, essas coisas.

Nessa época, arroz e feijão não faltava. E peixe, né? Peixe era o prato que a gente tinha. Naquela época ninguém comprava carne, depois que veio o açougue. Aqui não tinha, né? Depois de um tempo que abriu um açougue lá perto da entrada de Itacoatiara. Mas comíamos mais peixe, galinha, a gente criava porco... Plantávamos aipim, batata doce, milho, laranja, banana, abacate.

Itaipu mudou muito, principalmente os moradores. Muita gente mudou, você não conhece mais quase ninguém. Eu tenho uma saudade... Sentava no ônibus, todo mundo era conhecido. Eu sinto muita falta do pessoal antigo. Acho que foi uma mudança muito grande tirar as pessoas do lugar... Depois que loteou, vendeu para a Veplan e ela indenizou os moradores, muita gente foi morar lá no Cantagalo... Seu Pizarro vendeu, loteou, começou a tirar todo mundo. Indenizou, mas não deu para comprar muita coisa... Muitos pescadores foram para a Avenida Central, mas muitos foram lá para o Cantagalo, outros foram morar no Jacaré... Quer dizer, a vidinha deles ali ficou difícil...



GERALDINO MENDONÇA

Bogê



Meu nome é Geraldino Mendonça, minha idade é 70 anos, mas já era Bogê, sempre foi, desde nascença. O pessoal daqui que botou esse apelido. Nasci aqui em Piratininga, ali na esquina. Essa Praia era tudo coqueiro, não tinha rua, era tudo matagal, as casas eram só de pescadores mesmo. Tive 12 irmãos. Dos meus irmãos, quatro eram pescadores. Meu pai nunca foi pescador, só quem nasceu pescador foram os filhos. Ele era lavrador, plantava tudo: batata, aipim, milho, banana. Aqui era dificultoso de serviço, era só pescaria. A gente vivia disso: fazer esteira, carvão e pescar.

A nossa casa era normal, tinha quatro cômodos. Era de sapê e de estuque. Não era de tijolo, porque naquela época não existia. Tinha vizinhos, mas muito pouquinho. Eram só quatro na época e todos os vizinhos eram parentes: Dona Anita, Caetano, minha tia e nós que já morávamos aqui. Aqui nunca teve bar, só tinha a Praia mesmo. Não tinha luz elétrica, era lamparina de querosene. Andava à noite, mas no escuro. A nossa claridade aqui era a Lua, quando era noite clara. Medo dava, mas não tinha nada porque era só a gente e os vizinhos. Hoje Itaipu e Piratininga tá uma cidade. Acho pior, porque conforme vai crescendo, vai piorando. Na minha época, no calor, a gente ia para beira da praia dormir e nunca teve problema nenhum. Hoje não pode mais.

Cheguei a ir à escola, mas muito pouco, porque a gente era muito pobrinho e trabalhava para ajudar na despesa de casa. Então a gen-

te não teve quase tempo de estudar. Se estuda não come, se come não estuda. E aqui era muito dificultoso. Quando era criança brincava de bola de gude, peão, jogava pelada, essas coisas. Não fazia nada mais, porque não tinha nada pra fazer. A gente tinha um timinho aqui pertinho, o Bacurau. Depois eu fui pescar, comecei a trabalhar com a idade de 7 anos.

Aprender a pescar? Fui para a Praia e comecei a remar aqueles remos lá, soltar aquela rede no meio do mar e puxar para terra. Ponta de cabo? Não. Já comecei pescando, remando. A gente já nasceu pescador. Comecei a pescar com Natalino, ele gostava muita coisa de mim. Mas eu pesquei com várias pessoas: com Zequinha, com Seu Caboclo. Na época tinha bastante pescador em Itaipu e eu praticamente pesquei com todos eles como companheiro. Meu irmão na época era fortão, o Manel. Era fortão mesmo. Foi pescar com Maucinho, foi remar e quebrou o remo da pescaria. Maucinho zangava com ele e pedia: “Rema devagar, se não tu vai quebrar os remos todos”. Quem fazia os remos era um colega da gente, Seu Meco.

Aqui matava muito peixe, mas não dava tanto dinheiro, só mais para se alimentar. Quem tinha mais dinheiro e tinha alguma coisa eram os donos das pescarias mesmo. Porque a gente, como companheiro, só ganhava para sobreviver. Na época dava peixe de quantidade, espada, xerelete, anchova, tainha, xaréu, parati. Toda qualidade de peixe que procurasse tinha e dava muita coisa mesmo. Saía de casa às 23 horas da madrugada, ia daqui para lá a pé ou de bicicleta. O caminho era um caminhozinho estreitinho de lá-vai-um. Passava por aqui, saía lá na Praia e ia pela beira para Itaipu para pescar.

Tinha a festa de São Pedro, festa na beira da Praia. Enfeitava todas as canoas e fazia festa e fogueira. Na época de festa tinha corrida de canoa. A gente botava canoa e ia até lá na ilha do meio. O comandante soltava fogos e iam quatro, cinco canoas para barra, para ver quem chegava em primeiro e segundo lugar. Eram de Natalino, Seu Bila e Seu Caboclo. Já ganhei uma vez, o prêmio era uma garrafa de cachaça. Sempre fui um remador famoso porque na época eu era forte, hoje eu sou magrinho. Na festa também tinha pau-de-sebo, as pessoas botavam um dinheiro lá em cima para a turma subir e pegar. Tinha os colegas que tentavam subir, alguns conseguiam, mas era muito difícil, porque sujava aquilo tudo de graxa, escorregava e não tinha quase como chegar lá, era mais para dar animação.

Carnaval tinha, mas era pouquinha coisa, porque tinha pouco morador. Tinha um bloco, botava dinheiro no estandarte e saíam aquelas turmas de pessoas, cada um ia botando um dinheirinho ali pra ajudar o bloco. Saía daqui, mas não ia para lugar nenhum não, ia daqui para ali. Em época de festa a gente fazia também um tal de calango. Calango é tipo forró e o sanfoneiro vinha da Terra Nova, aqui pertinho.

A rezadeira que tinha por aqui era Dona Rita. Eu fui, mas não muitas vezes porque era muito difícil a gente adoecer. Na época era muito difícil, comia muito peixe e o peixe fortalecia, não deixava a doença encostar. Hoje em dia que tem muita doença, por causa dessas comidas industrializadas.







ERIKA GONÇALVES DE SOUZA

Eu tenho 39 anos de praia.

Vou voltar um pouquinho mais... Minha mãe veio para uma casa de veraneio que a família dela comprou do irmão da minha avó, do falecido tio Facinho. Ela não tinha vontade de vir para cá, morava no Rio, o carro tinha que atravessar de balsa, aquela coisa... Depois de 5 anos, ela acabou vindo em um final de semana e conheceu meu pai. Minha mãe era mais velha, tinha 27 anos e meu pai, na época, 18. Ela se encantou, largou o noivo, a vida lá e foi deserdada, ficou só com essa casa para viver com meu pai. Eles casaram e depois eu nasci, fui a primeira filha deles. Tenho um irmão, Jorge Hamilton, ele tem 34 anos.

Eu fui batizada na última missa de São Pedro no Museu, em 78. Eu, tio Gugu, Juliano, Isabela e a Suzete. Normalmente eram feitos batizados coletivos no dia de São Pedro, era uma tradição. Naquela época o Museu disse que não era uma capela e que o São Pedro não poderia ficar mais lá. Então meu pai construiu o oratório do lado de fora. Esse oratório tem uma simbologia importante para comunidade, porque a devoção a São Pedro é uma maneira de pedirmos intercessão junto a Deus. Além de padroeiro dos pescadores, ele tem uma história que remete às pessoas daqui e faz com que a gente tenha mais coragem. Era pescador, era bruto, era bronco, cometia erros, faltas, se enganava, como nós, mas pedia desculpas e mesmo assim Jesus esteve do lado dele. Sabia que ele era daquele jeito, não era um doutor, nenhum estudioso, mas sabia do coração que ele tinha.

Tio Gugu era meu melhor amigo. A gente cresceu junto, com relacionamento muito de irmão, mas eu sempre chamei de tio apesar de ele ser mais novo. Na parte da areia mais dura a gente pulava corda e fazia amarelinha. Na areia mais fofinha, brincava de castelinho ou dentro d'água. Tinha um lugar entre as pedras que a gente chamava de piscina. Os primeiros mergulhos de todo mundo eram lá para conhecer a fauna e flora marinha. Outra brincadeira que eu achava incrível e que rendia muito dinheiro para comprar bala, mariola ou paçoca, era pegar tatuí e comer vivo. A gente falava que era barata do mar, fazia um terror com as pessoas que vinham de fora, veranear. Dizia que comia aquilo vivo e depois apostava um real. Daí a gente mandava escolher o maior, mastigava, botava na língua, mostrava, pegava o dinheiro e ia embora. O gosto do tatuí não era horrível nem saboroso, era mais pela emoção de ver as pessoas com aquela cara de nojo. A gente aprontava muito, contava histórias terríveis. A gente tinha liberdade e a comunidade toda tomava conta das crianças.

Na Duna a gente pegava ossos, achava muitas coisas antigas e coisas que não eram tão antigas assim. Achávamos tudo o máximo e aquilo tinha uma importância incrível para nossa vida. A gente sempre pegava as coisas, mostrava primeiro em casa e na comunidade e depois trazia para o Museu. Um dia, a gente começou a cavar e apareceu uma ponta. A gente puxava e não saía, até a hora que a ponta cresceu! Nós cobrimos com um pano, ficamos com muito medo de estragar. Realmente foi a coisa mais incrível que achamos, foi o que sempre sonhamos - criança pensa logo que é de dinossauro! Ficamos contemplando aquilo sem saber o que fazer. Precisamos achar um carrinho de mão emprestado para trazer e pedir ajuda para o meu pai, mas a gente tinha que se virar porque era uma descoberta nossa! Era um osso de baleia de verdade!

Uma vez fui numa exposição em um museu lá no Rio e vi que estava tudo em nome do interventor da Colônia, tudo o que a gente tinha achado. Eu fiquei muito mal, nunca mais trouxe nada para o Museu e nem fui procurar. Essas coisas acabaram me afastando, porque eu via aqui como se fosse o lugar de ter histórias da comunidade, uma história local que contasse como começou. A gente não tinha acesso ao Museu e não tinha os méritos de trazer nossa história para cá e isso nos afastou por muito tempo.

Os pescadores daqui nunca gostaram de mulher no mar. Eu fui um problema por isso porque eu era adolescente, gostava de estar com meu pai e era muito próxima dele. Ele sempre fez caça submarina. Então a pescaria em si, em cima do mar, ele podia ir com qualquer pessoa, mas com a caça submarina era mais complicado, tinha que saber remar e tem uns espaços mais difíceis entre a primeira ilha e o Morro. Ele mergulhava e tinha que ficar

com o caíco acompanhando o tempo inteiro. Eu passei a caicar na adolescência para ele, era um trabalho legal e ganhava bem. Quando eu tinha 19 anos começou aquela coisa, eu ficava em cima do barco sozinha e meu pai lá embaixo. E se chegasse um desses caras que não eram locais? Era uma preocupação. Aí vimos como alternativa a criação de mexilhão, montamos uma fazenda. Depois eu comecei a plantar ostra, porque houve um incentivo da Petrobras e era muito legal. Só que minha mãe ficou doente e eu fui me dedicar a ela. Com o tempo, a criação foi se acabando. No inverno o mar sempre bate muito, estraga algumas coisas e acabou que não foi reposto. Isso me deixou feliz por muito tempo, um espaço no mar e poder trabalhar.

Eu tive a sorte do meu pai me ver de um jeito diferente. Ele sempre quis que eu estivesse junto, me levou para as reuniões, para os debates, para as lutas em defesa da nossa comunidade e da pesca em geral. Eu fiz esse acompanhamento desde muito novinha. Ele me mostrava diferente para a comunidade e confiava em mim, dizia que eu era boa para aquilo. Até essas ocupações políticas, de ir a reuniões, audiências públicas, quando ele não podia ir, pedia para eu representar. Com 18 anos, para falar dos problemas e dos conflitos de pesca eu mal era ouvida. Se você não conseguisse impor sua voz tinha que ganhar no grito. Acho incrível as mulheres estarem do jeito que estão hoje, ter associação de mulheres da pesca. Há 20 anos era muito difícil. Lembro quando foi criada a UEPA - União de Entidades de Pesca e Cultura do Estado, tinha duas mulheres na entidade: eu, que era suplente do Seu Chico, e a Virgimar que era de Campos, que está lá até hoje. Você chegava lá só via homens de todos os lados. No máximo, uma mulher secretária sentada ali para anotar. A gente foi ganhando nosso espaço, mas era muito complicado. Aqui em Itaipu era mais complicado do que lá. Lá tinha pescadores das outras comunidades, outras lideranças que estavam ali e diziam que eu podia falar também. Mas aqui eu não era ouvida. Se eu podia resolver é porque não era nada importante, então eu passava para o meu pai, que passava para todo mundo. Para ser mulher aqui parecia que precisava ser idosa. Ou você era uma senhora mãe de família ou era uma menina.

As festas eram da comunidade porque todo mundo era parente, todo mundo era amigo. A festa de São Pedro naquela época era feita pela comunidade. Tinha pau de sebo e quadrilha e os ensaios eram em frente ao Museu. Quem ensaiava era Dorinha, filha do Seu Caboclo, tanto a das crianças como a de adultos. E tinha o dia das crianças! No Cosme e Damião a gente não dava saquinho, a gente botava umas 20 mesas na beira

da Praia. Minha mãe era uma doceira incrível, fazia pudins, manjar, muitas gelatinas, vários tipos de bolos! As crianças olhavam aquela mesa, ficavam circulando para ver onde iam parar primeiro. Tenho muita vontade de fazer isso novamente ainda mais que agora tenho dois filhos!

Pois é, o Boinha. Meu filho não tem nome mais. Escolhi com tanto carinho. Meu filho chama Pedro por causa de São Pedro e Gustavo por causa do pai. Só que desde minha barriga, chamam ele de Boinha. Meu pai tem o apelido de Chico Bóia, uma referência a Araribóia e ele acabou virando Boinha por causa do avô. Pedro adora ser o Boinha. Ele é aquela criança que chega na Praia, cumprimenta São Pedro, fala com todas as pessoas, abraça as que tem intimidade e nunca passa direto. As pessoas gostam dele por causa desse jeito. Espero que Maria seja exatamente igual. Criar o Pedro aqui é muito legal. Quando ele vem para Praia e eu chamo para almoçar, ele já comeu em três lugares diferentes. Todo bar que ele passa prova alguma coisa que está saindo. Pastelzinho de mexilhão, um prato de pirão... Pedro adora frutos do mar! Sinto que ele está cuidado e protegido. Não tenho problema de deixar o Pedro, com 8 anos, ir a casa do avô sozinho, porque eu sei que no caminho ele vai encontrar pessoas que cuidam dele.

Itaipu tem uma comunidade pesqueira, tradicional, tem uma história de vida e de pesca que não pode terminar. O Pedro tem que aprender a pescar com meu pai e conhecer cada uma daquelas tocas de garoupas, cada um dos petrechos. Tem que saber pescar quando não tem isca e trazer o pescado para casa. Isso mantém a vida das famílias e dos pescadores. Eles fazem isso porque é a vida deles, porque gostam de fazer. Não é para virar só um vídeo. Tem que passar de geração em geração. Eu tenho medo disso acabar, dessa arte milenar uma hora chegar ao fim. Mas eu vou estar aqui.

A comunidade é muito mais do que as pessoas pensam, muito mais do que a gente diz. Por mais que venham pessoas de fora e se intitulem protetores do lugar, só quem sabe do que a gente precisa somos nós. Não venha ajudar querendo ocupar o meu lugar. Venha ajudar a comunidade a melhorar, a manter a cultura, mas não ocupar nosso espaço e dizer que quer proteger porque eu não sei proteger o que é meu. Então, tenha só um pouquinho mais de respeito.





ANTONIO CARLOS DUTRA

Carlinhos

Sou nascido e criado aqui. Aqui era tudo pescador. Meus avós também eram, meu pai sempre foi pescador e minha mãe era filha de pescador. Nós somos 16 irmãos, 6 mulheres e 10 homens.

Minha mãe gostava muito de criar bicho, criava galinha, pato, porco. Horta era mais difícil, tinha muito pouquinho. Perto do Natal, matava o porco e dividia os pedaços para os vizinhos. Os vizinhos se davam bem. Aqui morava uma senhora chamada Dona China, Dona Aurelina e a família de Rosilene. Umas foram falecendo, outras foram para outros lugares. Ficamos só nós mesmos: minha família e de Jairo e Rosilene.

Minha tia morou no Museu e criou os filhos todos ali. A minha irmã mais velha, já falecida, nasceu ali também. Os outros filhos nasceram todos aqui em casa, porque meu pai se mudou de lá. Ali do lado esquerdo, antigamente, tinha um gerador de luz enorme. O gerador era com alavanca, então, você rodava, rodava, rodava, cansava o braço e não pegava. Um largava, outro pegava e era aquela fila, até que o motor pegava e não parava mais. Nós brincávamos muito ali dentro, de índio, de mocinho, escondia atrás daquelas pilastras. A capelinha veio depois. Eu não sei em que ano fizeram a capela, mas foi depois que passou a ter a missa, ladainha e procissão. Depois fecharam o Museu, mas antigamente, era tudo aberto. No canto do lado direito lá no finalzinho tinha um quarto de pescaria, de Seu Bila. Ali guardavam material de pesca e a equipe dele dormia lá dentro.

A diversão aqui era no Clube União, onde a gente ia jogar futebol e ia ao baile nos sábados. As meninas daqui iam e os rapazes também. Quando é rapaz novo não quer saber de nada, só quer namorar, dançar, brincar. Até hoje em dia, ainda danço, frequento a Terceira Idade, lá na Amaral Peixoto.

Itaipu era melhor do que agora. Antigamente era mais roça, nós brincávamos à vontade. Nós brincávamos muito nas Dunas. Ela era o dobro do que é agora, a gente pegava um troço que dá no coqueiro, ia lá em cima e descia direto dentro da Lagoa. Quando não tinha aquilo, nós rodávamos no pneu.

Camboinhas, quando o navio encalhou, tinha um caminho, que chamava "Caminho das Moças". Nós íamos para lá ver o navio, pegava coquinho e caju na restinga. Lá era um deserto. Antes, era só casa de pescador, de ponta a ponta. Minha mãe esperava para almoçar. Cadê que eu vinha almoçar? Eu queria era brincar, comer coquinho e caju, ficar correndo, jogando futebol e paquerando as irmãs dos colegas. Tinha a macumba de Seu Fernando. Na mesma casa tinha ladainha às 18 horas e das 19h às 22h era macumba. Depois da macumba era forró a noite toda até de manhã.

Comecei a pescar com 12 anos, aprendi com meu pai. Adoro a pesca, se eu pudesse, não saía de dentro d'água. Se eu não puder pescar, para mim acabou a vida.

Eu vigiava o peixe lá no final de Camboinhas. De lá fazia um sinal, aí jogava o barco dentro d'água, lançava a rede e pegava muito peixe, enchia caminhão de tainha. Naquela época matava era tonelada: 4, 5, 6 toneladas de peixe. Era difícil para levar no mercado, levava a remo para a Praça XV. Depois que apareceu o motor de popa. Levava também para o mercado São Pedro. O Seu Vavá, na Semana Santa, botou arrastão aqui no cantinho, em frente ao Museu e encheu 3 caminhões de espada, numa arrastada só. Nós levamos para o mercado, eu fui com o filho dele.

A Lagoa, quando estava muito cheia, abria com pá e a água escorria 2, 3 dias direto. Depois o mar começava a jogar para dentro e com uma semana tapava. Dava muito camarão, muito mesmo! Eu digo, não minto não. Depois, em 78, dragaram, encheram de pedra e fizeram esse Canal. A Lagoa diminuiu pela metade! Aí começaram a fazer condomínio e o esgoto, que jogam para dentro do rio, desemboca na Lagoa. Que peixe vai ficar? Que camarão? Sumiu. Quando aparece não dura nem dois meses. Antigamente, você ficava mais de 5 meses pegando camarão direto. Hoje quem pega o camarão não é pescador. São esses aventureiros que vem para cá. O INEA não fiscaliza.

Eu larguei a pesca um período. Fiquei dois anos, trabalhava como topógrafo. Começamos a medir, depois os tratores vinham limpando e os caminhões aterrando. Primeiro veio a Veplan, depois a Tratex. A Tratex fez o loteamento todo em Camboinhas. Eles tiraram os pescadores dali. Se você botava um advogado, eles botavam 10, por isso muitos perderam. Eles indenizavam - dava um trocadinho para a pessoa construir uma casinha. Alguns não quiseram, mas a maioria aceitou. Jogaram as pessoas lá para o Cantagalo. Foi isso que aconteceu.

Meus filhos, hoje em dia, estão na pescaria, mas contra o meu gosto. O peixe afastou muito, tem muito barco com aparelhagem, com sonar que acaba com a pesca. Muitas pessoas pescam e não são pescadores. Nós pescadores temos até medo de pescar. É uma bagunça danada, palavrão, nego armado dando tiro. Aí é que desanimou, entendeu?

Agora inventaram um negócio do defeso. Ajuda um pouco, mas eu vejo pessoas que não são nem pescadores e recebem por isso. Tem a carteira, tem os documentos tudo certinho, mas não coloca nem o pé dentro d'água. Foi lá, o primeiro a receber. É isso que revolta a pessoa.

Junho e julho, era época da tainha. No ano passado apareceu tanta tainha em Itaipu, mas as traineiras pegaram. Pegaram 7 toneladas aqui em Itaipu, na nossa cara! Com essa tecnologia, esse negócio de barco com sonar, eles acabam rápido com o peixe. Barco pega 70, 80 toneladas em uma redada. As canoas desistiram de pescar e os pescadores desanimaram.

Hoje em dia, eles estão pedindo a Reserva, a Resex. Se não fizer isso, Itaipu vai ter que parar a pesca, porque não vai ter peixe. Se tiver a Resex, se evitar esses barcos pesqueiros, vai aparecer uma quantidade de peixe em Itaipu como tinha antigamente. Isso eu tenho certeza do que eu estou falando. O futuro da pesca não melhora se não tiver essa Reserva. Agora, se correr tudo direitinho, eu acredito que aqui em Itaipu a pesca melhora, aí acredito que vamos ver bastante peixe ainda.



DIONE GOMES MONTEIRO



Diz a minha mãe que eu nasci em Maricá e que ela me trouxe para cá com 18 meses. Tive 11 irmãos. Só conheci minha avó por parte da minha mãe, ela tinha um sítio aqui e eu gostava à beça de ir para a casa dela porque ela tinha casa de farinha e um cavalo chamado Brinco. Nós viemos para trabalhar na fazenda.

Essa fazenda era do Doutor Fábio Sodré que comprou de Chico Paulo. Dizem que antes era fazenda de café, encontramos muito pé de café por aí e uns terreiros de cimento que usava para secar. Quando a gente chegou já era plantação de cana, fazia cachaça. Mas o dono, que era médico, disse que não gostava de bebida, que tinha ainda uns restos de escravos rodando por aí. Eu era criança, mas lembro, tinha medo porque eles eram meio malucos. Naquele tempo que eles libertaram os escravos, pensei que eles davam terreno, davam alguma coisa, mas não davam. Soltava igual a um pássaro na gaiola, ao relento, não dava nada. Tristeza, né? Tinha umas velhas, como a dona Vitória que era meio maluca, tinha um velho que todo mundo chamava de tio Belo. Esses eu conheci bem, até que o velho Belo era bem lúcido e levava goiaba para fazer doce na fazenda.

Era uma fazenda enorme, do Doutor Fábio de Azevedo Sodré e Dona Irene Lopes Sodré. Depois eles desquitaram e dividiram. Meu pai e meu marido continuaram trabalhando para ela. Aqui por cima chegava num lugar onde se chama Biquinha, subia a serra e fazia rumo até Itaocaia, que já é Maricá. Essa baixada aqui era campo, tinha muito ganso, rebanho de carneiro, muito boi e cavalos de corrida. Tinha um carpinteiro que fazia

os carros de boi. A casa tinha uns 10 quartos, uns 4 salões e só tinha um banheiro. Era muito linda. Eu lembro que, aos sábados de tarde, mamãe dava banho na gente e levava para passear na fazenda.

Fizeram grandes plantações de abacaxi, de laranja, de tudo que foi jeito e uma horta enorme nessa baixada por aqui. Depois, mais recente, foi olaria. Cada tempo faziam alguma coisa, mas eles não eram gente de fazenda. Eles vieram lá da Europa, o pai dela era cônsul da França. Todo mundo falava francês, aquela gente toda refinada. Eu era empregadinha, tinha uns 13, 14 anos, molequinha! Tinha que servir a mesa à francesa, botava talher de não sei de quê, copo de vinho, tinha que servir à direita ou à esquerda, agora nem sei mais como é. Não gostavam que na copa fosse empregada preta, tinha que ser bem mulatinha ou branca, os cabelos tinham que ser bem cortadinhos ou presos. Era assim tudo cheio de coisa, não pode fazer pergunta. Só se perguntarem qualquer coisa, aí você responde. Era assim.

Minha mãe trabalhava em casa, tinha criação, porco, galinha. Naquele tempo a gente tinha que fazer tudo em casa: roupa, calça, sutiã, vestido, o que soubesse e o que não soubesse; ou aprendia a fazer, ou não tinha nada, era assim. Na vendinha, vendia sal, aquele sabão português que danava a mão da gente, açúcar de saco, um feijão cheio de pedra e querosene.

Na minha infância, a gente juntava os vizinhos de noite, que era longe um do outro, um no céu outro na terra, mas à noite, principalmente aos sábados, a gente juntava e brincava de roda, de esconde-esconde, pular corda. Ninguém tinha dinheiro nem para comprar corda, que era de guaxima, um cipó que não vê mais, deve estar em extinção.

Anésio foi quase que um irmão da gente. Ele namorou minhas irmãs que eram mais velhas, eu nem estava ligando para namorado. Depois a mãe dele morreu e acho que ele estava precisando de uma mãe ou de uma escrava, qualquer coisa assim, aí ele começou a me namorar. Eu nem sabia que era namorado. Casamos em 12 de dezembro de 1942. Tem uma coisa que as pessoas admiram muito em mim é que eu tive 15 filhos e criei todos! Tinha gente aqui de ter até 20 filhos, mas morria muita criança, era um tempo muito sem recurso. Eu tive com uma parteira, uma velha entendida que fumava um cachimbo, Dona Minalvina. Depois ela morreu, aí era dona Jalda, depois era dona Maria José de Amâncio e tinha Dona Belinha, que era parente do velho Belo, parece que era filha. Eu ia matando as mulheres e ia tendo filho, assim que era. Casei no tempo da guerra, aí não tinha nada mesmo para comprar. O tempo da guerra foi bravo. Tinha que entrar na fila para comprar um litro de querosene, a gente acabava usando vela. O fogão era à lenha ou às vezes fazia quatro pedras lá fora e cozinhava alguma coisa. Só cozinhava com aquelas panelinhas de ferro, não tinha nada, era uma miséria mesmo. As coisas eram muito ruins.

Médico nem tinha, para falar a verdade. Tinha aqueles farmacêuticos, a gente mesmo nem sabia o que era farmacêutico. Eles faziam fórmulas, davam aqueles vidros para gente. Meu marido era mestre, catava erva à beça, fazia chá, xarope. Agora tem uma coisa: ele era uma pessoa que adorava ler. Ele fazia remédio, medicava, aprendeu por conta própria a aplicar injeção, todo mundo vinha aqui pra aplicar. Às vezes algumas pessoas iam ao médico, a maioria era analfabeto, inclusive eu também, aí não entendiam uma coisa: "Vou levar isso, só quem pode entender é o Seu Anésio". Para essas coisas ele era bem atirado, trabalhava com gente lá na cidade, andava até pelo Rio.

A Praia era no mesmo lugar, mas era mato. A estrada era tudo de chão. Meus amigos da Praia mesmo, morreram. Era Célia, Nida, Nazaré e Leda. A Praia era boa, era limpinha. Não tinha maldade não. Eles iam de madrugada buscar peixe com o burro, tinha muito picu, dicão, muzundu, que agora chama cavalinha. Mudaram até o nome dos peixes. Quando Bila ou Natalino pegavam uns peixes, a gente trocava. Plantava feijão, colhia e dava uns 3 quilos para eles. Entre os moradores daqui fazia troca: um tinha laranja, o outro ia matar um porco, você mandava uma galinha... Naquela época, quem tinha um burro, tinha condição. Seu Manoel Bonfim, tinha um burro. Quando emprestava um burro para gente puxar lenha, puxa vida! Era como emprestar o seu carro! Até bicicleta tinha pouco. Eu acho que dessas famílias mais antigas só quem resistiu aqui somos nós e os Bonfins. Agora eles conseguiram a terra, louvado seja, porque são merecedores mesmo. Eles nunca saíram.

Eu acho que hoje está melhor, mas tem coisas que não estão não. Está muito difícil criar um filho, educar, naquele tempo era financeiramente ruim, mas hoje, quanto mais dinheiro é pior. Ninguém respeita ninguém. Hoje tem tudo pronto, tudo fácil. Naquele tempo a gente tinha que trabalhar duro mesmo, era tudo tão difícil. De melhor tem a medicina que está muito adiantada. Tem esse negócio de informática que dá até medo nas pessoas, não é? Então são coisas assim. Não sei se você acha que estou errada.




© Rene Lake



JORGE NUNES DE SOUZA

Seu Chico

Minha mãe nasceu onde é o Hotel Havaí. Eu nasci ali onde hoje é a casa da Erika. Meu parto foi feito por Dona Ana, tia da minha mãe. Ela também era uma boa parteira, mas a mais famosa era Dona Jupira, que fazia 90% dos partos aqui. Tenho 10 irmãos, todos nascemos aqui. Só o mais novo, Gugu, nasceu na maternidade.

Meu nome é Jorge, mas ganhei esse apelido porque tinha um senhor aqui na Praia que pescava de espinhel, o Chico da Doca. Com 8 anos eu ajudava a destecer o espinhel e confundiam que eu era filho ou neto dele. Ele me dava um peixe, pagava um refrigerante, um pão com mortadela de vez em quando. Eu ficava feliz da vida. Até 12 anos eu era Chiquinho, depois virei Seu Chico. Meu apelido é uma herança.

A gente morava onde depois fizeram o hotel, minha avó tinha uma estalagem ali, era uma pensão. Ela faleceu quando eu tinha 19 anos. Hoje eu moro do lado de onde era a casa dela. Meu avô, meus tios, eram pescadores. Meu pai era de Friburgo, veio fazer uma obra, casou e ficou.

Fui para escola com 10 anos e fui expulso com 11. Só tinha banheiro para os professores. Tinha uma pedra, você tinha que pedir para ir na pedra. Do lado direito era dos meninos, lado esquerdo era das meninas. Eu queria ir ao banheiro e a professora não deixou. Xinguei ela e ela me xingou. A gente não estava muito preocupado em estudar, a nossa ideia era ser vigia, ser mestre. Tinha que ter emprego no lugar de ter estudo. As famílias antigas falavam que era isso: você tinha que aprender uma função e respeitar o direito do outro! Eu voltei para escola, mas pedi para ir de tarde porque eu pescava de madrugada, trabalhava de manhã. Eu tinha meus afazeres, cuidava das cordas, tinha que arrumar direitinho, é uma responsabilidade.

Normalmente, todos os filhos de pescadores tinham uma pescaria de brinquedo. Eu comecei a pescar de verdade com 10 anos, com Natalino. Ele foi falar com minha mãe se eu podia continuar. O dinheiro que eu ganhava ele pagava a ela, não a mim. Depois, com 14 anos, eu virei pescador de verdade e com 16 eu comprei minha pescaria. Natalino foi meu mestre, fiquei muito colado, tinha esse carinho com ele. Ele me aturou quando eu era criança.

Uma pescaria era muito cara e tinha que ter conhecimento. Nenhum pescador embarcava com você se não confiasse que você era uma pessoa íntegra. Além disso, nenhum pescador em Itaipu pescava sem saber atar rede e empatar anzol. Cada anzol tem um tipo de nó. E o arrastão é mais complicado ainda. Eu fazia várias funções a bordo, mergulhava bem, remava, fazia tudo, menos ser vigia. Nunca quis ser. Eu queria ser mestre. O vigia tem a função de ficar vigiando quando vem o cardume. Ele ficava lá na pedra, na ponta, onde o pessoal passou a chamar de Camboinhas. A gente chamava lá de Pedra da Vigia. Ou também em cima do Morro das Andorinhas, ali no canto. O vigia começa na função no final de setembro e vai até novembro. Ele fazia o sinal com casaco, guarda-chuva ou apito. Pelo sinal que ele fazia lá, a gente fazia aqui a nossa parte, de largar a rede. Cada pescaria tinha que ter 6 pessoas dentro da canoa, fora o vigia. Às vezes dava confusão, que a gente resolvia como cavalheiro ou podia ter um braço quebrado, uma costela...

Algumas pessoas usavam a voz mais grossa para garantir sua posição e o respeito dos outros. Alguns pescadores aqui eram bem respeitados, eram muito rígidos, mas também eram muito honestos no que faziam. Natalino, Seu Bila, Seu Roberto, o avô de Lula, que era muito politizado, o pai de Meméia, Seu Neneco Gordo, Seu Caboclo. Eles eram também os festeiros. Natalino era o festeiro de Itaipu, fazia a festa de São Sebastião e de São Pedro. Seu Caboclo já gostava de quadrilha, de bloco de carnaval, fazer baile dançante, isso aí era com ele.

Eu fiquei com a minha pescaria até 83. Em 81 mandei fazer um barco. Fiz uma promessa que se eu pegasse o barco, eu ia doar a canoa para o mar. Aí fui, botei umas pedras, uns sacos de areia, levei dentro do barco e botei ela no fundo, dei para Iemanjá. Aqui tinha uns terreiros de umbanda, de

candomblé do finado Nilo, de Bamba, de Bigode, de Thiago em Camboinhas, que era um cara mais famoso, negro, bem respeitado. Alguns eram mais fracos, outros fortes. Eu ia lá para paquerar.

Aqui dentro do Museu tinha um gerador que era da SUDEPE, mas só funcionava até as 22h. Ali onde é o escritório, tinha os quartos de pescaria do Seu Bila, Seu Caboclo e Natalino. Ali ficavam dois tachos para cozinhar aroeira ou murici, ferver rede e dar a ela maior vida útil. Muitos tinham tacho em casa e quando não tinham, pediam permissão para usar o daqui. Aqui no Museu era um lugar onde as famílias moravam, a gente brincava de mocinho, andava por cima desses muros, jogava bola no pátio. A capela, no início, era um cagador, não tinha vaso, né? Era tudo mais bagunçado, mas tinham mais respeito, principalmente, com as famílias.

Tinha festa lá no pai do Renatão também. Festa junina, uns bailes. A gente acabava dormindo por lá, embaixo da mangueira, para não vir embora. Aqui, Dona Ilda tinha uma vitrola. Uns caras de fora também, como o Guta, que morava em Niterói. A gente saía para dançar com vitrola de pilha, que acabava fácil. Não tinha luz, a gente colocava tocha e lampião. Tinha o Clube União e tudo era feito em forma de mutirão. Na quadra de futebol de salão, fizemos o cimentado, botamos a rede e os bailes para arrecadar e trocar o telhado. E namorava também, não os namoros de hoje, era bem mais de longe. Itaipu piorou, não regrediu. Se regredisse para década de 70, ia ficar muito bom. Se fosse para o tempo de 60, ia melhorar mais ainda.

Eu admirava muito o Natalino pela liderança dele em defesa do grupo. Defendia os pescadores, não o salário dele. No passado, a gente tinha uma autonomia melhor. Hoje, a gente apanha muito da especulação imobiliária e da pesca industrial. Agora a especulação imobiliária está querendo construir no entorno da Lagoa. Eles querem o lugar mais bonito, mais preservado. Se fizer na beira da Lagoa, primeiro, vai tirar o verde e, depois, não tem um tratamento de esgoto sério, abastecimento de água, luz, malha viária, hospital. Isso sem falar que os pescadores tiveram que sair de lá. Os pescadores ficaram com medo de não sair e não ter como sobreviver. Medo de que derrubassem as casas sem ser indenizados. As coisas eram bem estressantes, os caras mandavam ameaçar!

E tem a pesca industrial que pesca junto com a gente. Eu não posso sair a 30 milhas da costa. Nossos barcos, os mais abusados, chegam a 10 milhas correndo muito risco. Mas a pesca industrial pesca a 10 metros da gente, a 10 metros da Praia. Por isso teria que ter uma política pesqueira, um ministério sério e definir o território pesqueiro. Desavisados, eles pensam em fazer o pescador artesanal virar um pescador industrial. Acho que preservar a beira da Praia é fazer uma área ambiental, defender a comunidade e a tradição da pesca. A pesca artesanal é feita de pequenos barcos, fazendo mais à mão, a remo, puxando rede com tração humana. Esperamos o peixe chegar para ser pescado, não se usa equipamentos automáticos, tecnológicos.

Fico preocupado porque acho que não vai durar muito a pesca em Itaipu. O que me incomoda é que os filhos e os netos de pescadores, não estão voltados para pesca, para o nosso movimento. Nós não estamos desenvolvendo a vontade deles de serem pescadores. Um pouco da culpa é nossa, mas é muito desgastante. Hoje, quem é menos respeitado em Itaipu são os pescadores. A gente tem que ter uma sede de verdade, carpintaria naval, criar um espaço para armazenar pescado, outro só para comercialização, um grupo que ensinasse mergulho. E outras coisas, né? Um espaço para ensinar balé, capoeira, forró, uma sala de mídia, fazer uma rádio, um canal nosso, dar aula de fotografia, cinema. Era uma maneira de manter as pessoas aqui, de melhorar a vontade de ficar no lugar. No lugar da gente ser ajudado pelo poder público para fazer algumas coisas, é o contrário, o poder público tenta proibir e embargar esse tipo de coisa.

Isso aqui que estamos fazendo é uma coisa de olhar o passado, mas com a gente pensando no futuro. Agregando valores ao nosso trabalho. Precisa começar a valorizar cada um da gente.





MARINÊS SIRQUEIRA CRUZ

Moro aqui na Praia de Itaipu há 51 anos e era muito bom. Quase não tinha luz, só podíamos ficar na rua até no máximo 10 horas da noite. Ali onde eu moro era um bar, do finado Peçanha, que é meu padrasto. Era completamente diferente: mesa de tábuas antigas, bancos de madeira, um cofre muito grande e a geladeira do tamanho desse armário, madeira por fora e alumínio por dentro.

Minha mãe era conhecida como Candorinha. Ela gostava de beber uma branquinha, venho de uma família que bebia, meus avós bebiam muito. Meus avós trabalhavam na roça, ouvi falar que tinham muita terra e foram expulsos de lá. Eles são de Cachoeira de Macacu, vieram para cá logo assim que minha mãe me teve. Sou a caçula dos 3 irmãos. Meu irmão tem 3 anos que faleceu. Minha mãe cantava no palco que botavam nas festas. Festa junina com barraquinhas de bambu, pau-de-sebo, fogueira. A gente vinha com aquele vestidão, era chique, era lindo. Não tinha briga.

Na minha infância eu ficava o dia todo na rua. Só ia para casa para almoçar, às vezes, tomar banho e dormir. A gente jogava futebol e queimado. Tinha dois campos, um de areia amarela, outro de areia preta. As crianças saíam de lá todas ruças, ficava tudo grudado no corpo. A gente tinha um time e jogava contra outros, como o de Terra Nova. Eu fazia um golzinho de vez em quando. Tinha time só de mulher. Antes do Canal a turma ia para Camboinhas para pegar coquinho de restinga e mexilhão, que cozinhava em latas. Depois voltava para a Praia, passava o dia pegando onda.

Naquelas Dunas ali, a gente brincava o dia todo e encontrei muito osso de cachorro, de índio, aquelas pedrinhas branquinhas. Eu brincava de fazer comidinha no fogo de lenha, aprendi a fazer as coisas e hoje virou uma profissão, cozinho para os outros. Só fui na escola depois de grande. Já trabalhava no Rio e de noite ia para escola, então foi muito cansativo. Me arrependi de não ter estudado quando era novinha.

Quando eu tinha mais ou menos 10 anos, uma família chegou para minha mãe e pediu para eu ir morar com eles, para cuidar da filha de 10 meses. Eu fui, mas um dia vi uma cena do marido com a empregada e fui falar com ela. Ela me bateu e eu vim embora andando, sozinha. Também fui ser babá para os filhos da finada Marli. Para mim era como uma mãe, eu era tratada como filha.

Minha mãe e minha madrinha falaram que eu fui batizada na igrejinha do Museu, mas eu só entrei aqui quando meu marido veio trabalhar. Me falaram que aqui era lugar que as mulheres ficaram presas.

Ali do outro lado era o Pingão, a gente se divertia como em uma discoteca, mas também acabava às 21 horas. Você não via confusão apesar de ter o lado A e o lado B da rua. A gente não se dava, achava que as meninas eram metidas, mas não tinha esse negócio de jogar piada. Na rua Max Albin, onde tem agora uma aula de negócio de pegar onda, embaixo era um porão, a gente dormia lá, era quentinho. Depois minha mãe conheceu meu padrasto e fomos morar ali onde agora é a igreja e a minha casa.

Onde está minha casa era um terreno sem nada. Ali meu irmão e eu começamos a construir, fizemos um barraquinho de tábua, só cabia uma caminha e para entrar você tinha que abaixar. Eu e meu irmão começamos a catar tábua que vinha quando dava ressaca. Meu irmão construiu do outro lado também, ele fez um quarto grandão, chique pra caramba. Depois ele começou a trabalhar e levou minha mãe para morar com ele.

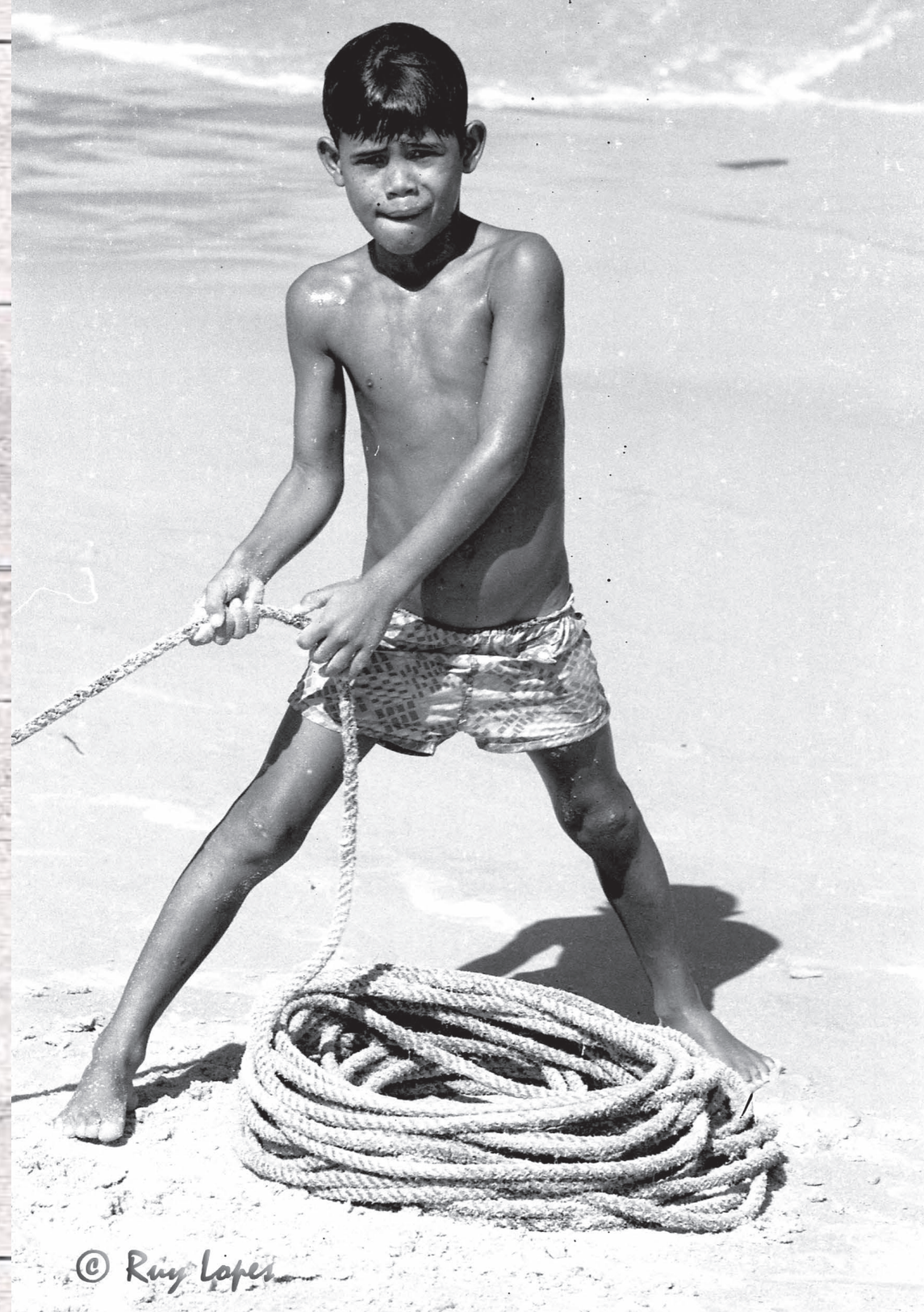
Meu irmão que já faleceu, pintou esse quadro. Era o bar do Seu Peçanha, desse jeito mesmo, a caixa d'água, o pé de limão, o muro alto. Se tem mais quadros dele, não sei. Tem o da Igreja, mas não sei com quem está. Ele aprendeu a pintar com a esposa do finado Seu Cardoso, ela era pintora profissional.

Depois eu conheci o Luis, casei com ele, fiquei na casa da mãe dele e ali nasceram meus 3 filhos. Com 15 anos fui mãe e, engraçado, minha filha também foi mãe com a mesma idade. Não pude brigar não. Passei 9 anos no Cafubá, mas final de semana eu sempre estava aqui. Trazia meus filhos para brincar. Aí eu me separei, fiquei morando com meu irmão. Como a casa do meu padrasto estava abandonada, conseguimos reformar e hoje ela está lá reformadinha.

Minha mãe vinha para macumba e arrastava a gente. Era muito ruim, a gente ficava lá a noite toda querendo dormir. Ali em cima, no Morro das Andorinhas, também tinha um centro de macumba. Ali era melhor e a gente ia para comer doce. Cada bolo gostoso que eles faziam nas festas!

Os mais velhos, como seu Zé Ribeiro, contavam histórias do saci-pererê, mula sem cabeça, lobisomem. O pessoal falava que via, que estava cheio de marcas. Eu nunca vi, nem quero ver. Lua cheia ninguém saía para rua. Contam que ali na Fonte tinha um mato que tinha assombração. A gente ficava com muito medo, mas eu passei uma infância boa aqui.







WANDERLEY JOAQUIM DIAS

Wandeco

Quando eu me senti gente já era Wandeco. Achei mais legal até que o Wanderley. Nasci aqui mesmo onde a gente mora só que a casa era ali na frente. Era de estuque, tudo embarreado na mão, depois foi mudando. Essa casa meu pai mesmo emboçou, meteu cimento com areia e ficou bonitinha, parecia até de tijolo. A divisão era: quarto, sala, cozinha e banheiro. Eu nasci na casa de estuque, tenho até saudades e às vezes queria ter aquela casa no lugar dessa aqui - ela era bonitinha, arrumadinha, a gente já tava acostumado.

Meu pai me matriculou num colégio mas eu não estudei, porque minha cabeça não pensava em negócio de estudo, eu queria era pescar. Ele saía de casa duas horas da manhã para pescar com meus tios - tio Bogê, finado tio Tinga, tio Manel. E eu era fissurado na pesca, ficava só observando aquilo. Quando dava duas horas, eu já estava acordado na cama. Meu pai tinha um radinho vermelho, quando ele ligava o rádio para ver a hora e saía, eu saía atrás. Ele me bateu muitas vezes de madrugada para eu voltar. Ele falava: "Você tem que ir pra escola!". Eu ia para escola, mas minha cabeça era na Praia. Minha mente nunca foi boa em colégio, eu queria era pescar!

A primeira pescaria minha foi da Lagoa de Piratininga. Eu comecei largando uma redinha, puxando, não sabia nem salvar um peixe da rede, meu tio que tirava. Fui aprendendo, tinha uns 7-8 anos, pequenininho, num banquinho desses da canoa. Quando comecei a pescar mesmo eu tinha 10 anos. A primeira vez que eu fui pescar meu pai falou assim para mim: "Você vai pescar? Então vamos, ponta de cabo!" Mas no segundo dia eu já estava remando. Faltaram dois companheiros então embarquei no remo, eu pequeno, já estava remando aquele remo pesado.

Na época meu pai tomava conta da pescaria de Seu Neneco Gordo. Depois ele tomou conta da pescaria de Dona Madalena. O pescador nessa época era igual jogador de futebol: o cara que era todo certinho, que jogava melhor, todo mundo queria. Trabalhamos mais de dez anos com ela, depois ela foi ficando velhinha, não pôde mais ir à Praia e passou a pescaria para o meu pai. A gente saía a partir de meia noite e ia para Itaipu, ia pelo caminhozinho. Agora só tem a divisão porque abriram aquele Canal e atrapalhou muito da gente estar lá. Se o Canal fosse fechado, rapidinho a gente estava lá e eles estavam aqui.

Naquela época acabava a pescaria e meio-dia a gente vinha embora. Tinha o dia que ia botar rede na Praia para remendar aí ficava o dia todo. Porque os caras também eram bravos, botava a rede na Praia e só saía quando estivesse pronta. Na época era finado Zequinha, Cambuci, pesquei muito com finado Adelino de arrastão. No outro dia a mesma coisa, nem dormia direito, já tava sonhando para chegar o dia seguinte para a gente ir pescar. Na época a gente enchia três, quatro canoas. Era xerelete, espada, cavalinha, guete, pescada, bonito, serra, tinha até um roncador amarelo. A pescaria animava, a gente convivia mais com peixe do que com nós mesmos. Era muita quantidade. Antigamente não era tabuleiro, era em cesto e era barato. O peixe ficava na areia e o pessoal que ajudava a puxar o arrastão levava muita coisa, o que sobrava a gente tinha que fazer um buraco na areia e enterrar. Era bom, eu tenho saudade dessa pescaria até hoje. A pescaria hoje é difícil. Hoje a gente sai pra pescar e volta com meio tabuleiro de peixe, tem vezes que não apanha nem uma cuia de peixe. Muita traineira, muito barco de arrasto que acabou com a pescaria da gente. Não vale nem a pena matar um olho-de-cão que é um bichinho que tá pequeno. Antigamente era cada um grandão! A gente vê um cardume de olho-de-cão, mas tão pequeninho, vou jogar a tarrafa nele? O pescador não vai, não pode.

Quando era criança a gente brincava de jogar bola na areia e de pescaria. Eu nunca fui de outros tipos de brincadeiras. A coisa que eu mais gostava, que fizemos muito e que agora é proibido, é o balão. Nem cafifa eu soltava, gostava mesmo de soltar balão. Fazia de jornal ou comprava folha. É o que eu gosto, mas hoje até evita. Naquela época a gente fazia balão de dez, quinze metros, aquele balãozão de jornal e soltava, aquela galera embaixo, tudo pescador. Na festa de Itaipu a gente fazia para soltar lá.

Nessa época lá em Itaipu tinha finado Natalino, finado Caboclo, Seu Vavá que faziam a festa dos pescadores. Eles faziam aquelas festas com barracas bonitas, broa de milho, cocada, muito doce. E tinha o pau-de-sebo que a turma subia, mas era difícil de chegar. O pessoal ia lá na praça e rolava na areia: "Vou lá 'panhar' aquele dinheiro, aquele prêmio que tá lá". Teve um pescador que subiu e pegou, foi o filho de Maucinho, Marcílio. Depois teve outra festa que foi de Seu Chico, Zequinha, Joel, Bidi. Inventaram lá o Grupo Garoupa, botaram natação e corrida rústica. Eu gostava de correr na areia, ganhei em primeiro lugar, uns três anos. Na época o primeiro prêmio era uns R$150,00. Só que a gente era um grupo assim só de pescador, tinha o Lula, o Xande Pereira e o Jairo que ganhava muita natação. A gente ganhava aqueles prêmios, juntava o dinheiro todo e ia para as barracas que vendiam carne de sol, sentava lá e era tudo na cerveja e no tira-gosto. Porque a gente ganhava o dinheiro era mesmo só pra brincar junto! Tem uns três anos que eu não vou em uma festa de Itaipu, porque não é mais festa de pescador, aquilo tudo acabou.

Lembro que quando a gente ficava doente, quem cuidava era nossa avó ou nossa tia que rezava. Dona Tolica, Dona Anita, mãe de Dilo, Dona Maria que era esposa do finado Mané Barriga, pescador lá do Jacaré. Passava o galhinho lá e daqui a pouco nós estávamos em pézinho. A última que tinha aqui em Piratininga era Dona Conceição. Ela cuidava do pessoal pobre daqui e de quem vinha de fora. Eu mesmo levei na casa dela o Cazuza. Isso aí é uma coisa que já vem deles mesmos, ninguém consegue fazer o que eles faziam. A reza é da pessoa que já tem vocação naquilo. Eram ervas e aquelas garrafas que ela fazia os remédios e davam certo. Ela dava um remedinho para passar no corpo, um óleo. Muita gente se curou com ela. Acabou, rezadeira por aqui não tem mais não. Agora ficou doente tem que ir no postinho tomar uma injeção. Sentiu uma febre tem que correr ali na emergência.

Eu queria é deixar registrado essas coisas boas que você me lembrou agora. Foi legal lembrar do passado. Tem hora que a gente conversa um com o outro, fica sentado na frente de casa falando: "naquele tempo tinha pescador para caramba, a gente ia pra Itaipu pescar. A gente não vinha embora sem trazer um peixe pra casa". Tinha Adelino que era um pescador que tinha um bar, uma mercearia. Ele, quando ficava ruim, que a gente levava uma ou duas semanas sem poder comprar um arroz, comprar um feijão, ele abastecia os pescadores todinhos. É a saudade que a gente sente. Conforme parece que você veio para lembrar a gente um pouquinho. Mas tem muitas coisas ainda e na próxima a gente vai lembrando e vai falando.





JOSIELMA SIQUEIRA LIMA

Dielle

Nasci em Recife, na maternidade da Encruzilhada. Esse apelido, Dielle, eu não sei de onde veio e me pergunto até hoje: por que que já não botaram Dielle? Aí já ficava Dielle, Douguinha, Déia, só minha irmã Joelma que ficou Joelma mesmo... Eu vim com 2 anos para o Rio de Janeiro. Passamos em vários lugares, paramos em Piratininga e por último foi aqui, em Itaipu.

A minha infância era muito boa. Em Piratininga, eu brincava na Lagoa, pegava a canoa do meu padrasto, que é Euclides, e nossa brincadeira todinha era na Lagoa. Eu sempre gostei. A gente brincava com a peneira, pegava muito barrigudinho, eu e meu irmão. A nossa casa também era bem boa, bem bonita. Tudo direitinho, arrumadinho. Minha mãe sempre foi caprichosa, sempre gostou de plantas e de organizar a casa. Minha mãe largou do meu pai, porque ele brigava muito. Batia nela, batia na gente... A bebida, né? Ele era alcoólatra. Ele judiava muito da minha mãe. Não era legal.

Eu tinha uns 9 anos quando a minha mãe me botou numa casa para trabalhar e numa outra casa a minha irmã. Meu irmão era menorzinho, ele não ia. A gente era um pouco rebelde, mas a gente estudava. Eu saía da escola para ir para a casa dessa mulher. Ela era má, dava panelas para eu lavar, não dava comida direito, eu dormia num quartinho. Ela judiava de mim, falou que ia me dar uma bicicleta. Até hoje estou esperando.

Aqui em Itaipu quase não tinha casa, dava para contar. Bares também não, era tudo escasso. Mudou muito. Antigamente eu virava a noite ali na pracinha, a gente conversando, brincava de pique, amarelinha, garrafão. A gente brincava de bater papo, falava de namorados, na época eu era bem namoradeira. Minha mãe mandava minha irmã me vigiar, mas a gente ia lá para o Morro da Peça. Não tinha perigo naquela época. No carnaval, Lucia de Joel, levava Camila, Vanessa, eu... As meninas todas. Eu tinha uma Havaianas metálica que era linda e eu sambava muito!

Comecei a estudar à noite, terminei os estudos e me formei, tenho as fotos da minha formatura. Só eu também, ninguém mais lá em casa. Eu poderia fazer o vestibular, fazer outras coisas, mas optei por ser pescadora. Eu gostaria de fazer biologia marinha.

A parte boa foi quando eu vim morar aqui em Itaipu. Eu já estava maior, já sabia o que fazia. Um dia saí da escola e vi um pessoal descascando mexilhão, era Seu Jorge, que ficava ali na ponta. Eu fui e falei “Posso ajudar?” E ele: “Pode!”. Pequena, eu tinha uns 12 anos, comecei a descascar mexilhão melhor do que ele. Ele começou a observar meu dedo, direitinho. Viu que eu dava para o negócio e falou: “Você quer voltar amanhã?”, eu: “Volto”, e ele: “Aqui, eu vou te dar um dinheirinho”. “Tá bom, eu quero sim, eu volto sim, pode me esperar”. Eu pegava água para ele e para a finada esposa, descascava mexilhão e ele me dava aquele dinheirinho. Aí eu chegava em casa rapidinho, tomava o banho e ia para o Aquarius, para matinê. Todo dia. Até que uma semana, meu padrasto ficou sabendo que eu estava com o pessoal descascando mexilhão e foi lá brigar. Chamando de maloqueiro, que aquilo dali não era trabalho, que estavam explorando uma menor... Eu falei para ele: “Não! Eu quero e eu vou!” Sempre tive personalidade.

Todo dia eu pegava meu dinheirinho e falava: “Aqui mãe, estou ganhando dinheiro, estou trabalhando, quero as minhas coisas, já estou ficando uma moça, tenho que ter minha roupa, meu sapato”. Ia na matinê, comprava sanduíche e refrigerante para todo mundo. Era muito bom... Mas meu padrasto implicava. Queria me bater, eu me escondia. Quando eu via que era ele que estava vindo eu me escondia nas pedras. Seu Jorge dizia para eu ir embora, que não queria problemas, mas eu ficava e trabalhava. E se eu não tivesse minha opinião própria? Dali eu fui crescendo, Seu Jorge me ensinou a tirar o mexilhão, a cozinhar, a ensacar, me ensinou a ir para o mar, a controlar o barco, a mergulhar. Só tenho a agradecer.

Seu Jorge sempre me tratou bem, portanto quando tinha trabalho aqui a gente ficava aqui. Quando não tinha, ia com ele para Boa Viagem, Pedra de Itapuca, para a Praia Adão e Eva. Em frente ao Preventório também,

na Ilha dos Amores. Hoje eu pago meu INSS, tenho carteira de pescadora, que antes não tinha. Seu Jorge que me deu força. Eu dei força para ele ter a carteira dele e ele para eu ter a minha, em 2008. Eu podia ter há mais tempo, mas esperei a hora certa para ter a carteira de pescadora marisqueira. Não queria botar na carteira que eu pesco de tarrafa, de espinhel, de linha... Eu sou marisqueira, trabalho com minhas ferramentas: pé de pato, canudo, máscara e cavadeira. Eu saio 6 horas da manhã, dependendo da maré. Se a maré está secando 5h, 5:30h eu já saio, para pegar ela vazando. Antes era na lenha, agora é tudo no gás. Hoje eu trabalho numa bancada de inox direitinho, quero que vocês vão lá ver. Trabalho com bujão, fogão industrial, as caixas branquinhas, os saquinhos direitinhos. Você tem que ter uma higiene até para vender o mexilhão! Antes era precário, agora já tenho até cartão!

Na época do defeso, eu abri esse botequinho para vender meu pastel, minhas coisas, minha comidinha que eu sei fazer, adoro cozinhar também. Agora comprei outro barquinho para época de lula e para o mexilhão também. Porque eu adoro ficar no mar. Eu costumo falar para Cacilda: “Um dia eu vou para o mar e não vou voltar!”.

Hoje, mesmo se eu vier a ter um dinheiro, ganhar na mega sena, não vou largar! Pescar é muito bom! Não vou pescar por esporte. Vou querer ter uma equipe, gerar empregos e ajudar a fazer uma plantação de mexilhão. O trabalho é sacrificado demais, conta no dedo quem vai para o mar tirar mexilhão para sobreviver. É um trabalho muito sacrificado, como é o do pescador. Mas o mexilhão, o mar, é tudo que eu gosto! Eu encarei mesmo. Adoro o mar! Eu faço o que eu gosto, faço o que eu quero. Não adianta você falar que eu não vou fazer, porque aí é que eu vou fazer. Você tem que ter sua personalidade, se você tiver não adianta. O futuro da marisqueira vai depender dela.



CARLOS AUGUSTO VALDERATO DA CUNHA

Guta



Meu nome é Carlos Augusto, conhecido aqui em Itaipu como Guta. Passei minha infância e adolescência aqui. No princípio, eu vinha passar férias, depois minha vó construiu uma casa e a gente passou a morar. Todo mundo tem um lugar, um refúgio dentro de si e esse lugar, para mim, é Itaipu.

Era um lugar simples, de pessoas alegres, sem preconceito. Existia uma felicidade indescritível na vida simples. Tinha uma cultura própria e as pessoas eram criadas dentro da cultura da pesca. Essa cultura tinha regras, que eram conhecidas e respeitadas. A comunidade tinha mais respeito pelos donos das pescarias: Seu Rubem, Seu Natalino, Seu Bila, Seu Caboclo. Veja bem, o “Seu” era aquele hierarquicamente acima, não tinha esse negócio de proximidade com a garotada não. Ele ficava mais na dele, você conversava com ele, mas era pouco. Seu Rubem, por exemplo, tinha uma canoa e os companheiros dele, pescadores, participavam da divisão do pescado direitinho, cada um com uma parte. Ele tinha um São Jorge de chumbo e quando chegava em casa muito bravo, ele raspava o São Jorge na pedra. Quando ele estava fazendo isso, ninguém chegava perto dele não! Esse São Jorge quando vi já estava pela metade. Dona Sibéria, esposa do Seu Rubem, quase não saía de casa. Eles moravam perto da minha casa, com aqueles filhos todos com ‘R’. Ela fazia uma gambá muito gostosa. Quando minha avó me chamava para ir para escola e eu não queria, Dona Sibéria não falava nada, ficava rindo. Era minha cúmplice.

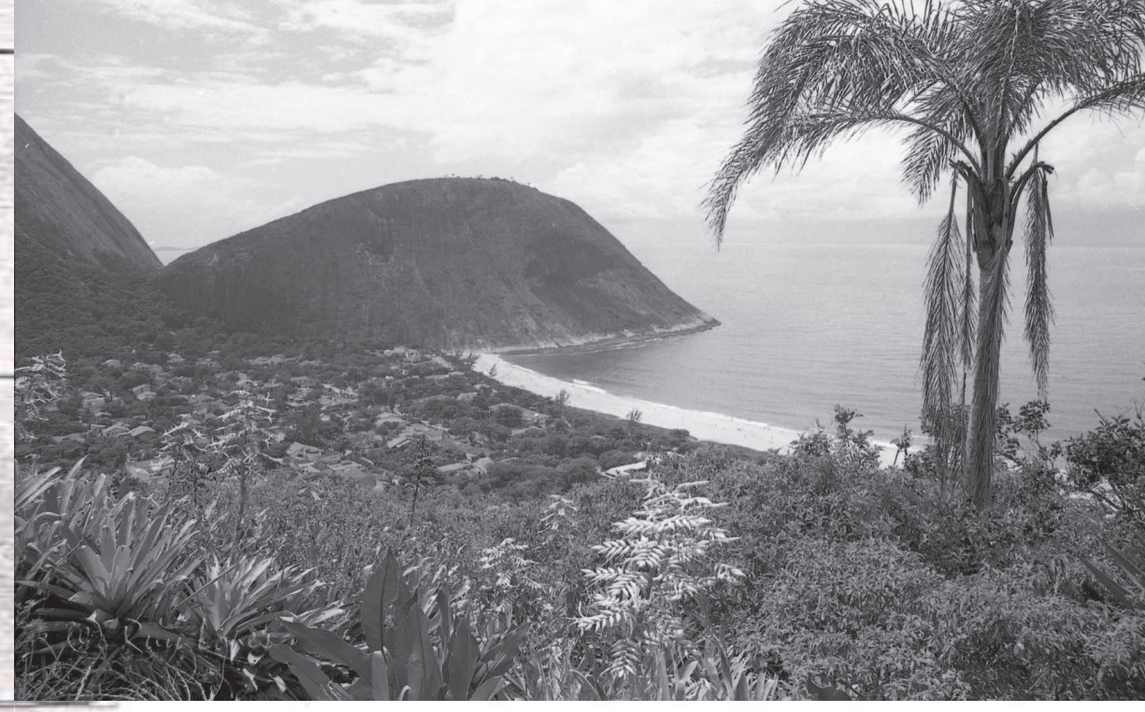
Tinha muita fartura de peixe. Era bom puxar a rede, batia aquele papo, confraternizava com todo mundo e no final ainda ganhava um peixe bonito para levar pra casa. Tinha tanto peixe aqui que, um dia, Manoel Lagarto, quando foi desembarcar, afundou a canoa com peixe e tudo. Outra vez, quando apareceu um cação-martelo na beira da Praia ele pulou em cima, completamente maluco - ele tinha uma força na mão incrível. Virou o Mané Cação. Geralmente, o pescador tem essa força incrível, não sei se é por lidar com o remo, mas a pessoa tinha que ser forte mesmo para pegar aquilo ali.

Eu vi aquela canoa grande, uma velha, que está no Museu, o pessoal botava casca de aroeira, água quente para conservar as redes, que eram de algodão. Cansei de ver aquela tina cheia. Aquela canoa era importante dentro da comunidade, era tudo coletivo, todo mundo dividia as coisas.

Do outro lado tinha a Lagoa, linda! Quando abriram perdeu um metro e meio de espelho d'água, desocupou as margens e foi uma pena, porque era uma quantidade de vida excepcional: frango d'água, marreco, ratão do banhado. Era um trançado de vegetais, de taboa, aquilo tudo flutuava. Os pescadores é que faziam a abertura na enxada. Às vezes levava 3 noites para conseguir abrir, a gente fazia uma fogueira e um siri assado que era gostosíssimo!

Na Duna, a gente pegava ponta de flecha, osso, negócio de amolar pedra, jogava tudo fora, não dávamos importância. Quem andou juntando foi o Seu Hildo. Foi pegando, sem muito método, mas ele que viu que aquilo ali precisava ser preservado. Foi o primeiro em Itaipu que teve essa visão. Quem começou a destruir a Duna foi o miserável do Pizarro. Quando meteram o trator os pescadores jogaram areia dentro do carburador e ficaram rindo. Lembro de ter visto todo mundo indignado com o que estavam fazendo ali e isso foi uma forma de resistência.

E eu ia querer entrar no mercado de trabalho? O povo tão feliz, por que eu ia sair daqui? Foi difícil tomar a resolução de encarar outra vida. Nem sei porque eu fui. Queria ser pescador! Fiquei aqui até o final de 70, aí fiz concurso para o IBGE e fiquei 10 anos dentro de uma barraca na Amazônia. Depois o dono daqui, o português Pizarro, vendeu para a Veplan, e começou a especulação imobiliária. Diversos pescadores, famílias antigas, foram expulsos da restinga. Era uma restinga linda, a gente ia lá pegar coquinho. Hoje lá tem aquele bairro feio pra caramba. Nada contra o pessoal de Camboinhas, mas era uma restinga linda.



Os pescadores do Morro das Andorinhas, não deixaram que fosse invadido. O papel deles foi extremamente importante. E olha que teve até ambientalista que veio para derrubar as casas históricas de pau-a-pique. A delegacia aqui também era de pau-a-pique, mas não prendia ninguém porque também não tinha quem prender. Se prendesse, o cara derrubava a parede.

Na época, a Colônia representava os pescadores, hoje não mais, é uma pena. A reorganização tem que ser política, não a política partidária, mas a política de poder; a estrutura de poder daqui estava na mão dos "Seus", Seu Natalino, Seu Bila, Seu Rubem, Seu Caboclo, por isso que aqui era uma maravilha. Na medida em que você muda para uma pessoa que não tem tradição nenhuma, é uma violência e faz com que a gente acabe se afastando.

Sempre gostei de coisa chegada à terra, de gente que olha para a tua cara e você sabe o que está pensando. Não é importante isso? O relacionamento na cidade, você olha e não sabe o que a pessoa está pensando. Aqui o relacionamento é franco. Você olhava na cara dos pescadores e não tinha dúvida nenhuma quanto ao sentimento dele em relação a você. O que me faz voltar a Itaipu é uma possibilidade disso ser recuperado. Esse tipo de emoção quando você encontra as pessoas que estão resistindo aqui é que me traz de volta, faz enxergar aquilo que passou e que talvez possa recuperar. Ainda tem pessoas que têm raízes aqui.





LEANDRO AUGUSTO DA SILVA

Tetel

Meu nome é Leandro, mas meu vizinho, Alex, não conseguia falar direito, falava Tetel, aí ficou. Apelido às vezes pega mais que nome. Leandro, acho que nem existe mais, é Tetel, fico até meio sem jeito de falar.

Minha infância foi como a de qualquer outra criança daqui: bola, pipa, pique-esconde, correr atrás de balão, guerrinha de mamona. A Praia, a Lagoa, a Igreja, o Morro das Andorinhas, o Morro da Peça, o Museu faziam uma infância diferente, a gente usava muito esses espaços. Brincava muito no mangue de pegar caranguejo - a gente gostava mais da Lagoa porque era mais calma e mais próxima. Minha mãe pegava a gente no Canal com vara, lá era mesmo muito perigoso. Na Lagoa tinha sumidouros, vire e mexe, no verão, sumia um lá.

Esse nome, Morro da Peça, é por causa das peças que tinham lá, resto de peixe, dente de índio... A gente fazia colar com as peças encontradas na Duna, olha só que doideira! Quando fugia um porco na Duna era uma competição para ver quem pegava para ganhar alguma coisa da dona do animal.

A restinga também era boa demais, os campinhos de futebol, o mangue para botar o pé na lama. E tinha a brincadeira de perturbar o Seu Peçanha, que já estava velhinho e tinha um bar antigo. Quando ele estava dormindo, a gente ficava jogando pedra na porta dele para acordar. Era um bar antigo e nós gostávamos de entrar no casarão. Tinha uma cabeça lá dentro, não sei se era de bode ou de boi, e nós ficávamos impressionados. Quando era criança, não pensava nisso, mas hoje acho que a verdade é que a gente jogava pedra porque queria ficar lá dentro. Tinha muita criança se divertindo por aqui... Hoje em dia, infelizmente, não tem um espaço para as crianças correrem, jogarem uma bola.

Meu pai pescava na Lagoa, eu ficava ajudando meu pai ou brincando. Acho que quando criança, nós queríamos ser “mini pescadores” e, na brincadeira, a gente pegava o peixe de acordo com o nosso tamanho. Teve um momento que eu ia pescar com ele, ajudava a botar o barco, a lavar o barco, a vender o camarão na Praia. Às vezes ele ficava zangado, porque não chegava no horário, eu queria brincar. Lá em casa ninguém chamava ele de pai, chamava de Quinha. Nós somos 10 irmãos, cada um faz um pouquinho e um cuida do outro.

A vizinhança era bem menor, conhecíamos todo mundo, o pessoal do Seu Chico, do Cambuci, do Maurinho, família do Eli, gente daqui como meu pai e minha mãe. Quando você perde a referência, tudo muda. Perder meus pais foi um momento complicado, é o que eu sinto até hoje. Eu sinto a saudade pelo cheiro. Lembro até hoje do cheiro do cafezinho com leite da tia Cecília. Já o mangue tem gente que fala que tem cheiro de esgoto. Não, eu sinto cheiro de saudade. É bacana.

O pessoal antigo daqui estudou pouco, parou, teve dificuldade. A gente teve dificuldade também, mas nem se compara. Acho que a principal questão é de querer ficar aqui, um apego bem grande pelo local, por essa vida. A gente ia para escola de kombi, mas voltava a pé. Teve um momento em que eu pescava de manhã, trabalhava com capoeira à tarde, estudava à noite. Pescava com Jairo e Julio, com Lunga. Minha vida era toda a aqui.

Depois fui trabalhar nos correios, contratado. Meu irmão começou a fazer Matemática e falou: “Por que você não faz faculdade?”, falei: “Caramba, faculdade!”. Aí ingressei na faculdade de Educação Física. Eu amo o que eu faço, mas eu vejo professor hoje pouco valorizado, não é só pelo político, pela gente mesmo, mas não me arrependo. Não vou ficar aqui chorando, sou professor com muito orgulho e vou ser professor até onde der. Mas se alguém me chamar para ajudar na pesca, eu também vou: sei puxar rede, sei safar um peixe, sei remar. Estou de férias agora, vou pescar duas semanas. De fome não morro.

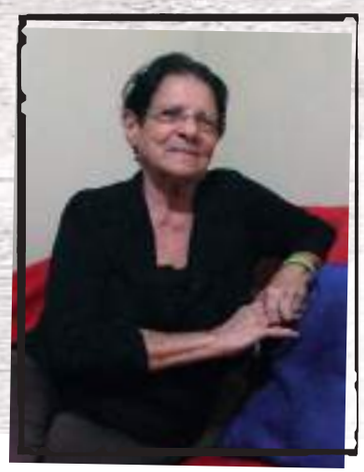
Tem gente que casou, voltou, eu também fui e voltei. Depois começaram a surgir as responsabilidades. Eu tenho um filho de 9 anos e levo ele para esse lugares que foram e são importantes para mim.

O que me faz permanecer aqui é o amor pelo local. Chamo Itaipu de meu quintal. A gente fica tão chateado, porque desde criança esse dono da construtora ficava tentando degradar meu pai, para assinar documento, para sair. A especulação vai acontecer o tempo todo, como aconteceu com a galera que teve que sair daqui. A gente está sofrendo uma pressão para sair, mas não posso desistir. Você vê, o lugar que morei a vida toda, uma casa centenária, meu pai nasceu ali, a nossa história toda ali, de repente tem que sair! A história, cadê a história? Nem gosto de imaginar. Eu pretendo ficar aqui.

A gente está reativando a associação de moradores. Já tiveram vários projetos aqui na época da Colônia, com Seu Chico. Teve curso de plantação de mexilhão, oficina de construção de barco, cinema, capoeira. A gente pensa em fazer cursos de condutor ambiental, garçom, cozinheiro, desenvolver a parte cultural e de esportes. É a vida: antigamente fazia esses cursos lá, então eu agora estou tentando fazer o que fizeram por mim. Vamos tentar ativar, a gente tem que mostrar força e eu luto para esse lugar melhorar.



DILZA DOS SANTOS FREITAS BATISTA



Nasci na Fonte, numa casinha que tinha ali perto de Itacoatiara. Meu pai fazia lavoura atrás da casa e era pescador. Lá foi muito bom, a gente pescava siri, catava sarnambi, mexilhões e tinha muita verdura nessa casa. Depois mudamos para Itaipu, ele fez um barraco lá na restinga. Era um barraco de tábua e não tinha piso, molhava e socava aquela areia, que endurecia. Somos 4 irmãos, dois casais. Minha mãe trabalhava de doméstica e quando não tinha trabalho, fazia doces para vender na Praia, botava o tabuleiro na cabeça de madrugada e saía. Eu ficava em casa, tomando conta dos meus irmãos e fazia almoço para o meu pai.

A minha mãe partejou muitas crianças. Ela faleceu aqui com 81 anos e nessa época ainda saía para vender milho lá na Praia de Itaipu, todo dia de madrugada. Ela não podia ficar em casa. Guerreira, não falava nada do que sentia, igual a mim, sinto as coisas e não falo nada.

A infância foi muito boa, eu usava boné e maiô, não botava roupa não, era igual índia. Vivia assobiando com atiradeira no pescoço e fazia esparrela para pegar passarinho. Mas não brincava, vinha da escola, fazia meus deveres e depois ia trabalhar. Naquela época não tinha rede tingida como tem hoje, de nylon. Então, com 15 anos, eu enchia os tachos d'água que usavam para tingir. Tinha um tacho lá perto de casa, do Seu Natalino. Eu botava uma lata de vinte na cabeça, duas de 10 na mão e carregava 30 litros de água, para encher os tachos. Queria encher sozinha porque ganhava mais. Trabalhava muito, não tinha tempo para brincadeiras: carregava água, fazia feixes de lenha, tingia rede, puxava rede na Praia. Fazia também muita rede e puçá, que aprendi com meu pai. Minha mãe me

ensinou a cozinhar, salgados e doces. Minha vida foi essa de trabalho, não foi brincadeira, não tive chance.

Eu ia a pé para o Colégio Athayde. Ia feliz, porque eu gostava muito de estudar. Por isso fiz auxiliar de enfermagem com 52 anos. Naquela época a diretora era dona Alcina e eu a amava: ela fez tudo por mim, até comprou minha roupa de formatura. Eu era inteligente e não era tímida não, fazia até discurso. Arrumava confusão na escola, também. Não aturava que zoassem comigo, partia pra cima. Tinha um gênio danado, mesmo depois de adulta.

Quando teve a retirada dos moradores, a Veplan indenizou alguns. A minha mãe disse que não tinha ninguém por ela e que não queria dinheiro, queria uma casa para nós. A Veplan fez, e nós viemos morar aqui no Engenho do Mato. Eu não gostei, falei muito com ela, briguei, sapateei, esperneei, mas não teve outro jeito. Aqui era tudo mato, não tinha caminho e no primeiro dia eu me perdi. Quem me trouxe para casa foi um cachorro que eu tinha.

Não sabia nem brincar carnaval, não gostava de baile nessa época. Depois que me casei a vida ficou mais dura ainda, aí que fui saber o que era sofrimento. Fui morar na casa da minha sogra, tia Onília, que tinha uma pensão. Ela me tratava muito bem. Tive três filhos, até que não deu pra ficar mais. Achei melhor me separar e criar meus filhos sozinha. Teve uma época, não lembro qual foi o ano, que teve muita chuva, deu enchente e aquelas pedras lá de cima rolaram para Praia. Eu carregava aquelas pedras na cabeça para fazer o alicerce da minha casa e sair da casa da minha sogra. Quando eu abandonei o pai dos meus filhos, ele foi e vendeu. Ele pescava em traineira em Jurujuba, passava semanas fora, depois voltava. A vida dele era assim. Ele me deixava grávida e quando voltava encontrava o filho já na cama, deitado. Acho que ele achava muito bom fazer filho, quando chegava, não sabia nem como é que foi. Criei sozinha, eu queria ser uma pessoa independente. Até hoje, eu sou assim, respeito muito, agora, esse negócio de dizer que sou propriedade, não! No meu dicionário não tem isso não! Aí comecei a trabalhar no Rio, vendia minhas folgas para poder dar colégio para eles. Hoje meus filhos são muito educados, me respeitam muito, me procuram, me dão carinho.

Eu preferia puxar a rede na pescaria do Natalino. Ele sempre largava a rede na frente, e tinha muito respeito, não se ouvia um palavrão. Eles davam peixe como se fosse um homem que tivesse puxado, porque a gente puxava mesmo, não era brincadeira não, as mãos ficavam vermelhas. Eu gostava dessa vida, era uma farra. Jurema, Débora, Maura todas puxavam rede.

Os aprendizados eram passados entre as mulheres, às vezes na casa de alguém juntava aquela roda. Não tinha confusão, era muito unido. Dica e eu sempre tivemos muita amizade, ela é uma pessoa maravilhosa, uma irmã, me ajudou muito. Foi ela que arrumou um caminhão para me levar para o hospital quando eu comecei a me sentir mal no parto. As mulheres eram muito guerreiras, tinham mais atitude, eram mais responsáveis que os homens. Lá em casa eu era a cabeça. Para criar três filhos, sozinha na beira de praia, você escuta de tudo. Por mais educação que você dê, as crianças aprendem o que não presta e foi uma luta cuidar de três filhos, botar na escola, trabalhar. Tinha onze lavagens de roupa, lavava em tanque e em bacia, não tinha máquina e ainda trabalhava fora. Levantava meia noite para passar roupa, deixava as roupas do freguês todas arrumadinhas e ia trabalhar. E feliz, tocava o rádio e cantava. Era minha vida.

Trabalhei até 2012, quando fiquei ruim da coluna, tive que operar. Agora deu problema na cervical, mas não vou operar de novo. Depois dos 79 não dá mais. Casei com esse meu marido faz 30 anos. Ele é muito bom pra mim, se dá muito bem com meus filhos. Felicidade era quando eu tinha 7, 8 anos, depois não soube. Mas teve coisas que compensaram e hoje eu sou feliz.





REGINALDO FREITAS DE ABREU

Guete

Nasci aqui dentro, no que chamam de Museu hoje em dia. Me chamam por esse apelido desde que nasci. Poucas pessoas sabem meu nome, mas é por Guete mesmo que prefiro ser chamado.

Éramos 12 irmãos e agora ficaram 5. Minha avó era uma pessoa muito querida, cuidava de todos os netos. A gente morava aqui no Museu, nesse portão. Minha tia morava naquele outro ali, era todo mundo junto. Passava dificuldade, não fome. Não é sofrimento de passar fome não, é o sofrimento da vida. Não tinha nada de cama, forrava o chão com esteira. Às vezes não tinha leite, mas tinha pão com ovo - a gente criava pato aqui por cima. Ia para escola de bermuda velha, sandália velha, caderno embaixo do bracinho, todo mundo a pé. Uma turma de feio. O ônibus vermelho chegava de 4 em 4 horas, era o "mata sapo", mas a gente não tinha dinheiro para passagem e ia a pé mesmo. O lanche na escola era só uma canequinha de leite, às vezes os amigos dividiam alguma coisa.

Depois que saímos daqui fomos morar lá na Lagoa, eu devia ter uns 10 anos. Fomos para uma casa de pau-a-pique, lá dentro da Duna. Chamava de Morro da Peça, agora acho que mudaram até de nome né? Quando ventava caía muita areia e de noite era um breu. Antes da Veplan, tinha a Lagoa, era tipo uma prainha e a gente tarrafeava, pescava siri, tinha uma rua ligando tudo, depois acabou.

A gente mesmo fazia lamparina com querosene, lata e uma bucha de pano velho. De manhã cedo o nariz estava todo preto, parecia até macaco. Não tinha dinheiro para comprar vela. Tinha a hora certa de acender, se não acabava e a gente ficava no escuro.

Uma vez apostaram comigo, tinha uns 7 anos, que eu fingia de morto, caía durinho e ganhava uns centavos. Como é que pode? Fechava o olho, areia quentona mesmo, pá pum no chão, ficava uns segundos sem respirar. Ficava ali na areia quente mesmo. Acostumei fingir de morto. Era uma brincadeira gostosa e dava para comer pão com mariola, com mortadela. A gente brincava também de fazer macumba na praia: pegava um pano engonhado, um "cado" de fruta, batia tambor - lata velha com pano na boca - cantava uns pontos brabos e as crianças caíam para trás fingindo.

Meu pai era pescador, como a maioria da minha família. Desde 5, 7 anos era ponta de cabo, ficava segurando aquela cordinha na beira da Praia, com aqueles recabinhos na cintura. Aprendia a consertar rede, batia para tirar areia, puxava a corda e fazia corda em roda. Pescaria aqui em Itaipu, ninguém ensina a ninguém não. Você tem que saber o que você está fazendo, qual é a sua posição. Só tem uma coisa que ensina: prestar atenção no que você está fazendo para fazer igual.

Meu pai passou mal, veio andando até perto de casa e faleceu, eu estava com 13 anos. Nossa mãe cuidou da gente, ela bebia também, mas acho que ela morreu feliz porque nenhum dos filhos dela bebe mais. Na época do Dia das Mães tinha uma festança maravilhosa, abria o portão aqui, juntava os pescadores, cada um dava uma coisa e comia à vontade.

Comecei a pescar com finado Natalino, depois com Manoel Lagarto, depois com o pai de Lula, finado Zequinha, que sempre cuidou de mim. Eu dormia no quarto de pescaria dele, tomava conta da canoa, preparava tudo, botava a estiva da frente, passava sebo nos paus para escorregar melhor, afinava os toletes. Tinha um tacho preto grandão onde a gente fervia aroreira para tingir rede. Ali a gente também assava peixe, aipim. Aquela canoa antiga para caramba que ficava ali, está aí no Museu.

Eu nadava muito e sempre me chamavam para pegar os defuntos que morriam na Lagoa ou ficavam presos em buraco na pedra. Às vezes vinham no arrastão também. Nosso corpo é a pior desconstrução, pior coisa que tem de fedorento é o nosso corpo. Eu já estava acostumado com aquele cheiro. Também já salvei muita gente, crianças e animal. Tem que saber salvar, se não, na ânsia da morte, ele se agarra no seu pescoço e vai te levar.

Eu me casei, tenho dois filhos, separei. Minha ex-esposa é muito gente boa até hoje. Amo eles, minha família é maravilhosa comigo. Hoje em dia posso dizer que sou uma pessoa rica. Não é em dinheiro não. Dinheiro ajuda, mas atrapalha. O que me fortalece muito é ter essa dignidade de andar, de ter meus amigos que me adoram. Eu adoro todo mundo.

Quando pesca a noite inteira, 8 dias, você dorme no barco, mas não é dormida satisfeita, é à moda boi! Quem ganha mais é o cozinheiro, que ajuda a gente e ainda faz a nossa comida. Essa vida é perigosa, você vai e pode não voltar, porque o mar não tem cabelo. A gente aprende tudo isso olhando, prestando atenção no que os outros fazem, é assim. Já sou aposentado, mas se quiser voltar a pescar, posso, porque conheço. Me aposentei ali em Ney, eu trabalhava na peixaria dele. Tem muita gente que diz que é pescador, mas quem é mesmo vive de pescaria para manter a família.







RENI JOSÉ DE FREITAS

Eu ainda peguei aquele tempo de parteira. Foi Ana, esposa do Alexandre Ferreira, antigos aqui em Itaipu, que fez meu parto. Meu pai sempre foi pescador, minha mãe sempre doméstica. Antigamente o pessoal não gostava muito que as mulheres trabalhassem fora. Eu sei que da parte da minha mãe e da minha avó é todo mundo de Itaipu. Minha avó morreu com 101 anos. Eu morava e moro ainda no mesmo lugar.

Meu pai, Rubem José de Freitas, era pescador profissional, tinha 3 canoas de arrastão e trabalhou a vida toda na pesca. Tenho dois irmãos mais velhos que não chegaram a pegar escola. Eles foram os primeiros a acompanhar meu pai, ele não queria estar com uma pessoa diferente, preferia os filhos, queria todo mundo junto trabalhando na pesca. Quando ele faleceu, deixou as canoas para cada um dos filhos - Miro e Roni. Perguntaram para gente sobre dividir os negócios de pesca, mas ninguém quis, porque nós sabíamos que eles haviam dado muito duro a vida toda.

Quando a situação na Praia estava ruim, meu pai plantava. Isso já vem dos avós dele, um pessoal que vinha da lavoura. Ele fazia balão de carvão, criava galinha, porco, plantava aipim, abóbora, milho, feijão. Era tudo muito farto.

Eu comecei ajudando a puxar o arrastão. A gente vai acompanhando desde criança e eu fui crescendo e vendo as pessoas de mais idade, conversando e consertando rede, essas coisas...Meu pai fazia tarrafa assim como faço até hoje. Comecei a pescar com 14, 15 anos com meu tio. O nome dele é Joaquim, mas o apelido é Jota. Aprendi com ele e remava junto com meu primo. A pescaria do meu pai era mais pesada e eu criança não aguentava aquele remo enorme. Meu tio pescava de rede alta, uma pescaria mais leve.

Naquela época as pescarias tinham uma companha certa. Não modificava um pra colocar outro, era igual emprego, todo mundo tendo seu lugar certinho a não ser que um adoecesse. Era difícil arrumar uma vaguinha. Na época da tainha a gente ficava torcendo que faltasse alguém. E funcionava tudo, todo mundo se dava bem, peixe que pegava, vendia. O pessoal vinha aqui comprar peixe, enchia o jacá do cavalo e ia por aí gritando e vendendo peixe. No dia seguinte já estava com dinheiro certinho para pagar as pessoas. Hoje o pessoal dá calote à beça!

Antigamente era tudo escurão, não tinha luz. A gente fazia aquele lampião com lata de leite, torcidinha de roupa de algodão e querosene. Televisão a gente nem pensava em ter. A gente tinha era amizade, porque fazia amizade rápido. Conversava, né? Tinha muito campo de futebol em Itaipu e tinha o Esporte Clube União. A gente fazia campeonato, tinha uns meninos bons que só não eram profissionais porque viviam da pesca. Lá, aos sábados, tinha o futebol de tarde e a noite tinha baile. Naquela época todo mundo sabia dançar, sabia tirar uma dama, era tão bom! Tinha baile à beça.

Antigamente, nessa época do ano, nós tínhamos bastante chuva, chovia forte, então a Lagoa crescia muito, ficava totalmente cheia e vinha onde hoje é a delegacia. Aí o próprio pescador abria. Eu também cheguei a alcançar isso. Chegava de manhãzinha, estava todo mundo com pá, enxada, fazia um córrego e a água ia descendo, aquela pressão! A gente ficava alucinado para ver logo estourar e a velocidade da água! A água levava quase um mês talvez, dependendo do mar que, quando vinha revolto, batia contra a Lagoa. E nisso, enquanto a Lagoa ia perdendo a pressão, o mar ia jogando a terra. O próprio mar fazia esse serviço de fechar.

Quando ligaram esse Canal, morreu muita gente nessa Lagoa, todo mundo sabe disso. Todo mundo sabe também que tem esgoto sendo jogado e que ela está muito assoreada. Muita química, muita sujeira. Fizeram isso aí para desmembrar Itaipu de Piratininga. As pessoas não estão ligando para essa nossa classe, não querem nem saber quem vai ficar, quem deixa de ficar. Isso tudo a gente vai pensando no coração, né? Bate uma tristeza

muito grande... Os pais da minha esposa foram expulsos de Camboinhas naquela época. Eles resistiram até onde deu, foram os últimos a sair. Já estavam ameaçados, pela Veplan e pela Tratex, de saírem sem direito a nada. Hoje moram no Cafubá.

Eu posso dizer que sou um pescador profissional, porque eu pesco em todas as modalidades. Ensinei meus dois filhos a pescar. Quando eles eram solteiros, pescavam comigo. Os dois trabalham com o mar, um é sargento da Marinha e o outro trabalha na plataforma de mergulho. A gente também não quer os filhos passando o que a gente está passando. Você quer o melhor pro seu filho, pro seu neto.

Isso aí que tem me dado medo: o futuro da pesca. Eu acredito que ainda vai dar um jeito nisso! Olha, a Colônia é o alicerce do pescador. Eu dependo da Colônia, eu pago a Colônia. Acho que todo pescador tem que ter Colônia, associação, reserva. Independente de qual for o órgão, quanto mais fortalecer um ao outro melhor! Tem que ter a união, tem que ser igual aos dedos da mão da gente, ser unido! Eu também estou na Resex. Tem que estar, tem coisas lá que me interessam, que me fortalecem. Tanto no mar, como aqui no Museu, na Lagoa. Espero que se unam para olhar o lado do pescador, para ter uma fiscalização da pesca, uma limpeza na Praia, ordenamento dos barcos. Tem uma coisa que mudou muito em Itaipu: a consciência.



JOSÉ SIQUEIRA DA SILVA

Tidi



Nasci no Morro das Andorinhas, de parteira. Poucos viveram uma infância igual a minha, porque tive o prazer de viver uma infância tranquila. Minha criação foi maravilhosa, pois a gente corria pelo mato, brincava de Tarzan, fazia casinha na árvore...

Meu avô, Leonel Siqueira da Silva, era um mulato bem forte, ele era como se fosse um caboclo e minha avó era índia. Meus tios contavam que meu avô, em uma dessas viagens, raptou minha avó para morar junto. Para ninguém incomodar eles, como a minha avó tinha essa nacionalidade indígena, eles subiram o Morro em 1870 mais ou menos. Já imaginou 1870 em Itaipu? Mato puro, não tinha nada! Meu pai contava, na época, que ele escolheu aquele lugar lá em cima, também, para ter um ponto de referência para ver os peixes. Lá de cima eles conseguiam ter essa visão melhor, com certeza a água era muito clarinha e dava para ver os cardumes de peixe entrando. Dessa união eles tiveram oito filhos. Foram crescendo e meu avô ia dividindo as tarefas dos filhos, botava quatro para agricultura e quatro ficavam na pesca. E viviam harmoniosamente em cima dessa montanha, plantando quase de tudo: milho, feijão, aipim, laranja, tangerina, café... Meus tios levavam essas coisas todas na baia do cavalo para trocar lá em Niterói por querosene, arroz...

Meu pai era Manoel Siqueira da Silva e minha mãe, Nilda de Souza Bechara. Meu pai pescava, mas também viveu na roça bastante tempo, depois foi para a construção civil. Minha mãe descia para pegar água na casa do Neneco Gordo, da família de Carlinhos, aqui embaixo. Minha mãe carregava água grávida, uma lata na cabeça e às vezes um balde na mão. Naquela época as mulheres eram muito guerreiras, fortes, remavam, pescavam... Dona Ida, minha tia, pescava.

Ainda lembro a gente indo a pé para o colégio Alcina, que fica na entrada do Engenho do Mato. Era minha mãe que me levava de manhã e meu pai ia me buscar todos os dias, fumando o cachimbinho dele, escorado no cajadozinho de madeira. Era uma caminhada longa, mas a gente não reclamava, não chorava porque sabia que aquilo tinha uma importância muito grande na nossa vida.

Quando eu tinha 12 anos de idade, eu comecei a pescar. Pesquei com muitos deles aqui, pesquei com Gilson, com Seu Jota, pai do Gilson, com Roni, com Carlinhos. Pesquei muitos anos com essas pessoas, dos 12 aos 20 anos. Eu entrei como ponta de cabo, depois fui aprendendo a remar, aí depois eu aprendi a botar aquelas redes de tainha.

Eu peguei a Praia sem Canal, graças a Deus eu pude andar por essa Praia do Canto do Prato ao Canto do Ponte. Muitas vezes meu pai me levava para arrancar marisco lá no Canto do Ponte... A gente cozinhava o marisco lá, trazia e vinha andando direto até em casa. E nesse meio do caminho a gente ainda colhia alguns coquinhos daqueles coqueirinhos que ficavam na restinga. Não tinha uma construção, era só restinga. Acho que foi a especulação imobiliária da época que abriu aquele Canal, porque ia ser feita uma marina dessa Lagoa. Mas dificultou a pesca, porque os pescadores de lanço, até então, iam nesse trajeto a pé para fazer essa pescaria. Dificultou e ainda separou propositalmente, né? Camboinhas, hoje, tornou-se uma elite lá do outro lado.

A casa onde eu moro tem mais de cem anos, é uma casa básica, toda ela feita de barro, barro socado no pé. Entorno dela todo é feito de bambu, as colunas de tijolo de barro feito lá em cima mesmo. A janela é de madeira maciça antiga, ainda carrega as dobradiças de ferro, tem tramela. O bambu era todo colhido na época da Lua para não rachar, a madeira também. E a telha era daquela feita na coxa. É uma casa toda feita de estuque, pau-a-pique. Acredito que ela foi feita pelo meu avô e pela minha avó, porque o bambu dela já está esfarelando de tão antiga que ela é. É uma casa que tem muita história.

Tinha uma outra casa - que foi do meu tio por parte de pai, onde eu morei com meu pai e minha mãe e depois tio Bichinho morou - que, infelizmente, a gente perdeu. A minha casa tem mais de cem anos, essa devia ter uns cem. Ela foi derrubada por um promotor de justiça que dizia que aquilo lá era favela. Favela como, uma casa de barro antiga? Isso foi em 2002. A gente ainda conseguiu a ajuda da UFF, mas, infelizmente, não deu tempo. Foi lamentável, uma tristeza muito grande, causou choro demais lá em cima. Essa casa tinha um significado muito grande pra gente, porque nasceram muitos filhos ali dentro, meus irmãos. Ele quis destruir a história, mas não destruiu a história, destruiu, sim, o patrimônio que hoje, se estivesse lá, seria um museu!

A Acotma (Associação da Comunidade Tradicional do Morro das Andorinhas) surge depois dessa derrubada. A gente tem que ter uma associação para representar melhor, ter mais identidade, para poder reivindicar reuniões. A Acotma foi a base para a gente começar nossa luta, não ser massacrado pelo poder aquisitivo e especulação imobiliária. Depois veio a associação do Renatão lá do Quilombo e a gente começou a pegar mais força junto às comunidades tradicionais, junto aos sitiantes.

Quando o Parque foi criado, a gente estava no Conselho na época, mas não estava com força, porque quase todos eram ambientalistas, então era muito difícil lutar com essas pessoas, ainda mais numa área de preservação que só vê o macaco, os pássaros, o mico, o gambá... Mas o ser humano vive em harmonia com isso tudo sim, sem degradar e sem destruir. Hoje, a Acotma tem um termo de compromisso com o Parque, somos parceiros, mas a liberdade que a gente tinha, a gente não tem mais. A gente sempre cultivou, sempre tivemos roça, mas, agora, a gente tem que plantar o que eles passarem pra gente. Não pode plantar aipim, não pode plantar um pé de fruteira. A gente não pode fazer uma melhoria do nosso próprio caminho para andar melhor, porque tem muita pedra, muito buraco. As pessoas lá em cima estão envelhecendo, ficando cansadas... A gente não

vive adequadamente com água, não temos luz direito, esgoto... Eles só reivindicam os direitos deles, e os nossos, onde estão? Tudo o que a gente faz, vem denúncia. São 14 casinhas de uma só família, mesmo número de cômodos, cadastradas pelo Parque, tudo vistoriado, tudo bonitinho. Ninguém quer ver os nossos direitos, nem a nossa causa, só quer dizer que a gente destrói, que a gente está favelizando... O povo lá em Itacoatiara se incomoda muito com a comunidade tradicional, mas eles têm que entender que a gente está ali antes deles, que a gente olhava lá de cima e só via floresta, mas que agora a gente olha lá pra baixo e só vê mansão subindo pela pedreira.

A gente faz nosso papel com nossos sobrinhos, primos, afilhados, a gente conversa com eles e tenta mostrar que, conforme eu estou aqui, já estou na terceira geração e que eles têm, também, que cuidar desse espaço, do habitat deles. Lá em cima é nosso paraíso, não dá para descrever, é fascinante. Acordamos e dizemos que é o lugar mais maravilhoso no mundo.







MARCOS ANTÔNIO DE SOUZA

Minha mãe e meu pai foram nascidos e criados lá em cima, no alto do Morro das Andorinhas, no Sítio da Jaqueira. Minha mãe tinha 14 anos quando conheceu meu pai. Ela pescava com o pai dela, foram se conhecendo, acabou que ficaram juntos. É aquele ditado: juntado com fé, casado é. Ela teve quatro filhos com ele, moravam naquela casinha de pau-a-pique que hoje é minha. Minha mãe sempre pescou e acompanhava meu pai na pesca. Quando acabava de pescar, tinha as funções dela. Lá em cima, não tinha água, vinham aqui na Lagoa lavar roupa, pegar água.

Eu também sou nascido e criado na Comunidade Tradicional do Sítio da Jaqueira. Tive infância no meio da natureza, brincava muito com meus primos: pega-pega, polícia e ladrão, pique-esconde, bola de gude, pião, bandeirinha, fazia casinha de palha de coqueiro, ficava brincando de fazer comidinha, pegava vaga-lumes, botava no saco e fazia de lanterna. Comecei a descer para cá e brinquei muito em cima daquela Duna ali, aquele sítio arqueológico. Ela era muito alta, ficava brincando de dar salto, rolava na areia, passava por baixo das pitangueiras. Depois passei a entrar pelo mato, fazer escalada, investigar as cavernas. Natureza para mim é tudo.

Antigamente não tinha luz, era só à base de vela e lamparina. A minha comunidade era bem isolada, só descia para comprar sal e querosene. A gente é que nem índio. Lá em cima tinha tudo, eu ia para roça com meus avós ajudar com o aipim, milho, abóbora. E tínhamos nossos cafezais. Depois de colhido o café tinha que secar, descascar, torrar num tacho de cobre e socar no pilão para virar pó. Lá também tinha uma casa de farinha. Não faltava nada, a gente foi criado da pesca e da lavoura. Era só para a gente mesmo, mas tinha umas coisas que fazia troca. Trazia um aipim e trocava com o pessoal aqui embaixo por outra coisa. Meu pai falou, antes de falecer, para eu dar continuidade à rocinha dele e eu estou dando. Falo com meus irmãos também para a gente não deixar acabar essa cultura. Nunca ligamos para dinheiro, mas para nossa felicidade, nossa cultura. Todo mundo lá em cima tem essa noção.

Meus avós passaram para mim sobre as ervas para curar. Não era cultivada não, era a própria natureza que dava: tem carobinha, tem espinheira santa... O pouco que eu sei vou passando para frente.

Nosso caminho era uma trilha, não como é hoje, era por trás da Igreja de São Sebastião. Quando meus avós estavam numa idade muito avançada, meu tio fez a rua para poder subir veículo, levar mantimento e medicamentos. Melhorou um pouco o acesso, mas também piorou, começaram a invadir e a ter especulação imobiliária.

A gente sofria muita pressão: da especulação imobiliária, dos ambientalistas, das pessoas que têm interesse até hoje no Morro das Andorinhas. Queriam nos tirar de lá e fazer esses condomínios de luxo, com vista para Praia de Itacoatiara, de Itaipu. Quantos milhões eles iam ter? Cada vez que muda o governo, eles começam a falar que a gente é um bando de favelado, que lá em cima tem boca de fumo, que o helicóptero pousa para deixar arma. Inventam tanta coisa para poder nos prejudicar! Mas aí o Morro das Andorinhas foi anexado ao Parque. Agora tudo que é feito lá tem que entrar em contato com o Parque para eles autorizarem. A gente assinou um termo para poder ficar, mas a gente mora lá muito antes do Parque. Eu estava até falando para acabar com esse negócio de termo e delimitar nossa área. Lógico, com regras a seguir e prestar contas. Eles têm que entender que a gente está ali muito antes deles e que a nossa área pertence a gente, que é a nossa cultura. Meus avós deixaram um monte de aipim plantado e para eles é uma agressão, porque não pode ter roça no Parque. É como se eu estivesse agredindo o meio ambiente, mas se hoje tem aquela floresta é porque nós ajudamos aquele solo, não arrancamos nenhuma árvore.

Eu sempre trabalhei na pesca. Só que a pesca nem sempre dá o que você quer. Eu comecei na pesca com 10, 14 anos, descia com meu pai, ele pegava a canoa junto com meu tio. Nunca gostei de pescar de linha. Até que

veio uma máscara de mergulho na rede do meu pai e ele me deu. Fiquei felizão, comecei a aprender sozinho, na beira da Praia. Eu olhava no fundo do mar e ficava encantado. Depois veio na rede também um snorkel e fui aprendendo. Hoje, não quero me gabar, sou um dos melhores mergulhadores de apneia daqui de Itaipu. Hoje em dia, tenho bastante experiência, já desço meu limite e não me arrisco como antigamente, não fico tão afobado para pegar um peixe.

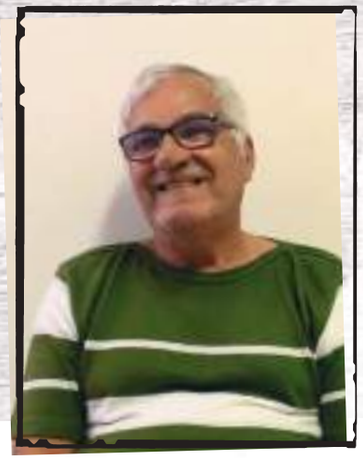
Depois fiz um curso de guardião de piscina aqui no Bombeiro e comecei a trabalhar para a minha renda ser maior. Trabalho como guia também, conto histórias do lugar, dou aulas de ecologia, de ervas medicinais, de preservação.

Conheci uma menina, casamos e tive uma filha que ficou comigo quando nos separamos. A mãe dela viu que eu tinha mais disponibilidade para poder criar. Eu sou um homem bem responsável mesmo, porque eu botei ela no mundo, então eu quero dar o melhor. Ela é o xodó de todo mundo, é a única menina da família. Passo para ela o que é certo, o que é errado, ensino a plantar, a colher. Tento botar na mente dela sobre a cultura da comunidade. Conto aquelas histórias antigas de lobisomem, de bruxa, como me contavam; está sendo uma vivência, ainda boa. Não vai ficar como era antigamente, a gente está vivendo como pode, tentando guardar o que foi bom.

Tudo muda, até a pesca, que era farta, hoje está difícil. Por isso criaram a Resex, para evitar que fique predatória, inclusive o mergulho. Mas ela tem que favorecer os caiçaras, não os de fora. Nunca vi alguém aqui sendo preso por pesca irregular. A Colônia também ajuda muitas pessoas de fora e deixa o pescador um pouco de lado. Se a Colônia é feita para os pescadores, então tem que ser do pescador.



JOSÉ CARLOS DUTRA



De uma família de cinco filhos, eu sou o último. Morriam muitas crianças aqui de infecção intestinal, naquela época não tinha recursos médicos. Minha mãe perdeu 3 filhos. Quando engravidou de mim estava com 45, 46 anos e tinha muito medo que eu morresse também. Então meu crescimento foi assim, sob muitos cuidados e cheio de restrições. Por isso não nasci aqui, nasci lá em Niterói. Por isso também meu pai não me deixava pescar.

Minha mãe morreu com cem anos. O cabelo dela ainda tinha uns fiapos negros, não estava totalmente branco. Ela era muito durona, bem rígida mesmo. Meu pai morreu com 71 como queria morrer: dentro de um barco, pescando. Ele começou a pescar com 14 anos. Meu irmão também foi pescador. Eu era vidrado na pesca, acompanhava meu pai, fazia tudo e ele não deixava que eu pescasse, queria que eu estudasse. Um dia ele me ameaçou: “Se algum dia você faltar aula, não vem mais pescar comigo”. Ele nunca deixou eu pegar firme na pescaria, para não deixar de estudar: “Vai tomar gosto, vai querer parar de estudar e ser pescador.” Meu pai era um ídolo para mim e eu não podia decepcioná-lo.

Nós morávamos no centro de Itacoatiara. Aquela pedra que tem em Itacoatiara, para nós tem o nome Cuíba. Hoje chamam de Pampo e não é nem pelo peixe, é pelo Clube.... Depois viemos morar na entrada, próximo a um bananal. Naquela época, fora da pesca, se vivia da exploração de carvão vegetal e da banana. Lá tinha muita jaca, caju, araçá e um tipo de pitanga, que era enorme e roxa. Os cactos produziam umas frutas que quando estavam bem maduras, abriam e tinham uma polpa com carocinhos igual figo. E coquinho que a 10 metros de distância você sentia o cheiro de maduro. Os

sarnambis maiores que eu vi até hoje, pegamos em Itacoatiara. Às vezes eu passava mal por comer muita coisa. Nós vivemos muito felizes, nunca passamos fome, tivemos um teto, tudo que a pesca deu e da minha mãe, que criava galinha, vendia ovos, fazia rede e passava muita roupa.

Com 8, 9 anos comecei a me ligar na pesca que papai fazia. A memória do meu pai me orgulha até hoje! Era uma pessoa que levava as coisas muito a sério. Ele pescava para o Seu Roberto. A maioria da companha era de sobrinhos do meu pai, além do meu irmão. Meu pai ficava na vigia. Era a pessoa mais importante da pescaria. Ele ia para lá antes do dia amanhecer e ficava até o finalzinho da tarde. Pela quantidade de tainhas que pulavam, ele calculava quantos peixes tinha naquele cardume. Quando não vinham pulando muito, ele via a sombra delas e o resultado final da pescaria era sempre muito próximo do que calculavam. O sinal que o vigia dava era o guarda chuva aberto, com o casaco ou correndo na pedra, fazendo ziguezague. Era a coisa mais linda, pena que a gente não tem filmagens. Eu ficava na ponta de cabo, dentro do grau da hierarquia, era o último e recebia 360 cruzeiros. Com o meu primeiro quinhão comprei um sapato preto de bico fino, foi a maior alegria. Eu gostava de quando ia pintar a canoa, porque quem fazia os desenhos das letras na canoa era eu.

Vinham muitas senhoras e moças puxar a rede do arrastão. Meu pai separava as mulheres dos homens para não ouvir palavrão. Ele mesmo dava o peixe para evitar, às vezes, um abuso, mas elas ganhavam a mesma coisa, não tinha esse negócio de ser mulher e ganhar menos. Algumas mulheres, como minha mãe, eram escolhidas a dedo para confeccionar as redes. As do Seu Roberto, só ela fazia.

Quando cheguei aos 16, 17 anos, me chamaram para dar aula à noite de alfabetização de adultos em Itacoatiara. Alfabetizei uns 20 rapazes e senhores. Conforme meu pai queria, estudei pedagogia, sou especialista em educação e magistério e trabalhei na área de educação. Morei em Brasília por seis anos, mas passei mal lá, minha pressão subiu, porque lá não tem mar.

Aqui não tinha problema nenhum, tudo tranquilo, sem violência. Nós tínhamos medo é das histórias que as pessoas contavam. Diziam que, uma vez, vinha um cara de barco e um outro apareceu na pedra, que ele esticava o braço para pegar e o braço tinha cinco, seis metros. Ele também esticou a perna que era bem comprida para virar a canoa dentro d'água. Tinha um outro que se vestia com o couro de um bicho e saía pela beirada da Lagoa na época da pesca do camarão assustando as pessoas, dizendo que era um urso e todo mundo corria. Eu tinha mais medo era do seu Augusto Lanchão, um caboclo que morava na restinga. Minha mãe dizia que ele pegava os meninos para fazer sabão. Um dia eu tive cobreiro, minha coxa ficou em carne viva. Minha mãe me pegou pelo braço e pediu para meu irmão Olympio me levar no Seu Augusto para ele rezar. Ele morava num casebre: o piso era areia, aquela tarimba com esteira, um banquinho e o fogão a lenha do lado. Essa cabana era feita com pedaços de madeira que encontrava na Praia e coberta por folha de coqueiro. Sentado no banquinho de madeira, era um caboclo mesmo, a gente não entendia o que ele falava, parecia que ele só roncava um pouco. Meu irmão me puxou para dentro e Seu Augusto me rezou, passou vassourinha lá fora, passou uma água com sal que ardeu pra caramba e uma semana depois estava liso, não tinha mais nada. "Quanto é Seu Augusto?", "Eu não cobro essas coisas, eu quero fazer o bem". A partir disso passei a ter uma admiração, um carinho por ele! Como um homem desse pegava criança para fazer sabão? Era uma pessoa que fazia o bem! Tinha esses personagens aqui em Itaipu! Lembro muito bem de uma figura que morava aqui no Museu, chamado Seu Nilo. Pescador também, era um caboclo, bem queimado de sol e a pele dele brilhava. Ele sentava ali no portal para almoçar ou jantar e comia num tacho, com a mão, igual índio. Tinha personagens marcantes por aqui, como o Zé Mentiroso e aquele outro que foi comprar fogos para a festa de São Pedro e, bêbado, acendeu todos os foguetes para avisar que estava chegando. Tem histórias bem engraçadas.

Em Itaipu as pessoas respeitavam uns aos outros, de repente começou a ter uma certa desorganização. O futuro de Itaipu eu vejo na Resex, se ela cumprir o seu papel. Eu sou do conselho da Resex e acho que ela veio em uma hora muito boa. Tem muitos problemas aqui, como a pesca industrial e a dragagem que foi feita nas obras do Porto Maravilha, que descarregaram o lixo todo aqui.

Eu que tenho minhas raízes aqui me sinto muito feliz dando esse depoimento. Fui entender de tombamento e patrimônio com a Igreja de São Sebastião. Aí que fui entender como que devia ser tratado um bem público, que deveria ser cuidado e resguardado pelas lembranças que tinha. Gosto muito de recordar as coisas boas, gosto muito de falar sobre Itaipu, sobre pesca, sobre minha infância, acho que isso fortalece cada vez mais. Quando falo para as minhas netas e para o meu filho, eles me ouvem.



JAIRO AUGUSTO DA SILVA

Todos os meus irmãos nasceram aqui nessa casa. Só eu e Jaime nascemos no hospital. Somos os últimos. Nós somos uma família muito unida que não consegue desgarrar um do outro. Então você vê que a minha casa tá sempre cheia de irmãos e de sobrinhos. Aqui era um carrilho de casas até na Rua F e lá tinha a delegacia de pau-a-pique. Antes de lotear e vender era um condomínio de pescador, um território pesqueiro. Não tinha muro, não tinha terreno. Cada família tinha cerca de 8, 10 pessoas e no mínimo 3 ou 4 da minha geração. A gente brincava de amarelinha, bandeirinha, queimado, garrafão, bola de gude, taco, pique-esconde, mocinho e bandido... As Dunas, a Lagoa e a Praia eram um imenso parque de diversão, com muita vida e tranquilidade.

Eu alcancei também aquele costume de interagir socialmente nas festas e no esporte, né? Na minha juventude tinha campeonatos de futebol, festas juninas, bailes, festas nos bares e aniversários. Eu desfrutei muito disso. Tinha também o barracão de Natalino, o Rancho Alegre, onde ele organizava bailes. Na geração anterior à minha, as pessoas daqui namoravam muito entre si. Na minha época já tinha muita veranista, vinham as garotas do Rio, inclusive para as casas noturnas. Eu fui bem farrista até os meus 28 anos, até conhecer Eliana. Naquela época meu pai a ajudou na pós-graduação em meio ambiente, mas ela era casada. Depois separou e é uma mulher bonita... Me atraiu bem! Ela se desenvolveu muito nas questões sociais da agroecologia. Às vezes, ela vai no movimento de discussão da pesca e eu vou nos eventos de agroecologia. A gente tem essa coisa da militância e aprendemos muito um com o outro. É uma pessoa que ajudou no meu crescimento.

A maioria dos pais naquela época já não incentivava muito os filhos a ser pescador. Existia também uma pressão – um preconceito – do que era o pescador e o homem do campo. Até na própria literatura, o pescador aparece com uma garrafa de cachaça e o homem do campo, como muito ignorante, "jeca". Aqui se vivia da lavoura e da pesca. Meu bisavô já era pescador, tanto por parte de mãe quanto de pai. Comecei muito novinho porque me encantava com as canoas, com o arrastão, com o modo que os antigos trabalhavam. Tudo tinha um carinho muito grande: como tratava do material, preparava as redes, cuidar da canoa. Era tudo direitinho, tinha muito respeito e eles levavam muito a sério. Desde a idade de 7 anos eu já catucava as tarrafas do meu pai. Eu sempre gostei de pescar na Lagoa, de pescar camarão. Minha especialidade sempre foi tarrafa e com 12 anos já tinha bastante habilidade na agulha e feito muita tarrafa. Com 13 anos comecei a trabalhar de companheiro em uma pescaria. Comecei com Seu Carlinhos, depois Tóti, com Zeca, com Lunga. Virei um profissional qualificado para dentro da pescaria: a gente passa por essa escola, aprendia com os mestres e com os mestres dos mestres. Aprendemos todo o conhecimento tradicional, essa coisa de lidar com maré, com vento, com o peixe... Hoje a minha modalidade é rede de emalhe, mas já pesquei de arrastão e de linha.

Sempre gostei de ajudar os jovens, de organizar, de estar junto. Mas eu não tinha essa visão que tenho hoje, como cidadão. Depois a gente vai adquirindo com a militância, vai se empoderando. Quando eu comecei a militar nas questões do direito da pesca, por volta dos 23 anos, que fui entender que também tem um fator histórico. Foi uma grande aula e teve muita troca de informações. Se eu vivo da pesca, tenho que me inteirar politicamente sobre os meus direitos, sobre qual é a minha representação, mas as pessoas se acomodam, acham que "ah, isso é política". A nossa vida é política, se a gente não gostar da política, eles fazem o que querem. Eu não gosto de política não: eu sou obrigado a fazer política! A pessoa tem que entender que a política é discussão do bem comum. Eu procuro sempre me inteirar mais sobre a razão das coisas. O negócio é ter interesse, mas a sociedade é muito egoísta.

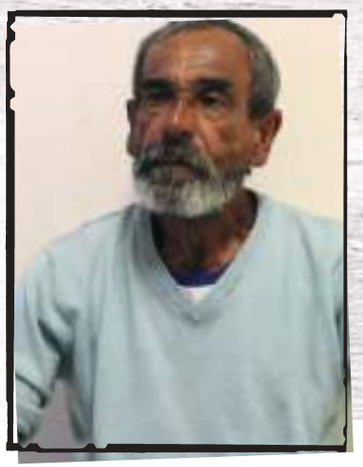
Quando as Colônias foram criadas, em 1920, pelo comandante Frederico Villar, alguns direitos dos pescadores eram quase paralelos aos dos militares. Isso foi até depois do golpe, aí a política mudou. Tinha a policlínica do pescador, vinham recursos para a saúde preventiva, assistência social, o Funrural. As lideranças da pesca tinham assento dentro da Colônia, tinham suas posições. Ela era gerida por interventores do governo, mas eles tinham respeito. Depois, os programas de governo passaram a incentivar a pesca industrial de maneira equivocada. Não só a pesca industrial, mas também a mineração, o agronegócio, as barragens, os grandes empreendimentos e a especulação imobiliária. Depois da Eco 92, passou a ter uma visão diferenciada, valorizaram mais as comunidades tradicionais que têm uma relação com a natureza bem harmônica e sustentável. Quer dizer, foi acordado, mas não foram criadas políticas públicas. Hoje a gente vive o contrário. Estamos na contramão, retrocedemos e estamos negociando com grande poder econômico, que é o maior causador dos problemas ambientais. O crescimento é desordenado, sem manejo, sem equilíbrio, sem respeitar leis ambientais. O capital sempre passando por cima com um rolo compressor e muitas das vezes a corda arrebenta para o lado mais fraco, para cima do pescador. Hoje o litoral sul do estado é todo loteado por condomínios, você não tem acesso a 95% do território. A Baía da Guanabara é toda dominada pela Petrobrás, com marinas, portos, estaleiros. A gente já não tem mais o mesmo acesso aos recursos naturais. Inviabiliza o nosso trabalho e a nossa existência.

Às vezes, as unidades de conservação têm um conceito muito pesado para as comunidades tradicionais. Vêm de um conceito americano de Parque, expulsando e proibindo a comunidade de tudo. Mas a gente fica aqui na resistência. A gente não conseguiu avançar ainda numa política pública para defender de fato essas comunidades. A Resex é uma grande ferramenta para o pescador artesanal, mas a gente se esbarra com conflitos, com interesses econômicos e com o aparelhamento político até dentro do próprio setor que fomenta a pesca. Isso é uma coisa muito louca, é tanta contrainformação que o pescador fica confuso. A gente entende que a Resex tem que manter o nosso modo de vida, o recurso natural, o ordenamento de espaço, o direito do pescador artesanal. O que fica em falta é o poder público, ação pública e recursos públicos: nos programas que vêm para fomentar a categoria, sempre falta recurso e infraestrutura. O problema todo é esse!

É muito difícil lutar contra esse sistema. Acho que deveria fortalecer o setor e valorizar a pesca como uma fonte de trabalho, de cultura e de segurança alimentar. A sociedade também precisa mudar a forma de educação e construir um alicerce de luta. Não tem ninguém pensando nas futuras gerações. Hoje, eu me vejo com uma condição um pouco melhor do que muitos jovens. Ganho pouco, mas tenho dignidade, vou lá pescando e ainda tenho recurso natural. Triste é o cara que estuda, passa noites em claro e não tem campo de trabalho porque um psicopata negociou com uma empresa ou com outro psicopata... Para mim, esses políticos são um bando de psicopatas e irresponsáveis.

Eu acho que a pesca nunca vai se acabar não, sempre vai ter alguém que vai querer pescar e se pegar na pesca. Mas depende muito da vontade política e do empoderamento da base. A gente tem que trabalhar mais a comunidade, se unir, se organizar, fazer eventos sociais, culturais. As pessoas gostam muito de ser valorizadas. Dar valor ao conhecimento tradicional e isso tem um poder. Eu acho que esse trabalho vai ter um efeito positivo. Você vê nas fotos, sente nas fotos. Você não viveu, mas você sente. Aquele monte de canoa, um monte de profissional pescando, aquela riqueza de peixe. É o que acontece quando valoriza a cultura.





AURELIANO MATOS DE SOUZA

Cambuci

Sou nascido e criado aqui na Praia de Itaipu, resido na casa número 1, Colônia Z-7 e sou um pescador artesanal. Na época que nasci não tinha o Canal. Do lado de baixo da Lagoa moravam mais ou menos umas dez a doze famílias de pescadores, eram casas de tábuas, pequenas, de dois para três cômodos, na Duna Pequena. Na parte de baixo, de frente para a Praia, moravam, também, mais ou menos quinze famílias de pescadores. Nasci e me criei ali, eu e meus irmãos.

Quando nasci, a parteira falou para o meu pai: "Caboclo, é um menino, qual vai ser o nome dele?", aí ele falou: "Já que sou Caboclo, ele vai ser Cambuci." Minha mãe morreu eu estava com 5 anos. Sou filho de uma segunda família do meu pai. Meu pai, como não pôde criar, deu meus irmãos para os padrinhos criar e só eu fiquei com ele. Ele sempre foi muito pacífico, um grande pescador. Meu pai saía daqui para pescar em Copacabana, Leblon, Grumari, Botafogo... Saíam duas canoas daqui, chamava-se parceria, juntava duas companhas e eles iam para lá. As canoas usavam vela na época, iam pra Copacabana acampar, levavam barraca, panela, tudo, ficavam 20 dias, um mês. Quando a pescaria aqui estava fraca, eles iam para lá pescar, se estivesse bom, ficavam lá um mês. Se estivesse ruim, na mesma semana vinham embora. Tudo na vela e no remo, nada de motor.

Meu pai foi meu herói, foi tudo, um homem muito bom, muito religioso, catedrático, só me ensinou coisas boas. Com cinco anos de idade, ele me levava no verão, que o mar corre manso, pra tudo quanto é lugar. Meu pai tinha um motor Arquimedes, motor de popa, enchia as canoas de peixes e ia para o mercado que era ali perto das Barcas. Ali tinha um pedaço de praia com mais ou menos 80 metros, praia mesmo, com areia, onde as canoas e os barquinhos de pequeno porte subiam areia acima. Era mansinho, uma enseada.

Eu fui à escola, que era aqui onde é o Athayde. Eram quatro salas abertas, de pau-a-pique. Aí eu fui me formando rapazinho, mas eu não queria escola, não queria nada, eu queria era pescar. Meu pai brigava comigo, reclamava, mas eu queria pescar, não adiantava.

Posso dizer que comecei a faculdade da pesca com 12 anos, já era atrevido, queria fazer as coisas que não sabia. Meu pai reclamava comigo, mas me ensinava. Com 14 anos, eu disse: "um dia vou ter uma pescaria." Eu queria ser dono de pescaria, aquilo era minha paixão, eu fazia de tudo. Onde hoje é o Museu, meu tio tinha um quarto comprido que ele dividia no meio com uns compensados, um papelão grosso. A gente dormia numas tarimbas, eu e mais três. Dormi ali dos 14 até os 19, quase. Quando comprei minha primeira canoa, estava com 21 anos de idade.

Na época que eu era rapaz, as redes eram feitas de fio cru, chamado tucum e tinha uma feita com o tal fio alemão que molhava e ficava mais encharcado e mais pesado com a areia. Tinha que botar a rede para secar quase todos os dias na Praia e, de dois em dois meses, tinha que dar tinta. Dentro do tacho, que tenho até hoje e que ficava no Museu antes do patrimônio tirar todo mundo de lá, a gente fervia aroeira, raiz do cajueiro, murici. Botava a tinta no cocho, que é tipo uma caixa de cimento, esperava ficar morna e ia passando a rede, aí esperava escorrer e botava na canoa. No outro dia ia pescar na Praia e ela estava bonitinha, parecia nova, ficava durinha, vermelhinha.

Eram mais ou menos umas oitos pescas de arrastão que tinha e cada pescaria tinha um dono, um mestre e uma faixa de oito a dez companheiros. Quando chegava abril, maio, junho, julho e agosto, a pesca do arrastão à sorte – a pescaria de lanço – parava e a gente pescava só tainha e parati. De março para abril era o parati, quando chegava maio era tainha. Mas era muita coisa, uma coisa linda.

Em Itaipu, eram duas pescarias: de arrastão, a predominante, número um; e a pescaria de rede alta, que hoje em dia se trata de rede de malha. Na época que eu era rapaz era pescaria de rede alta, não tinha essa pesca de corvineira porque tinha o espinhel. Pesca de arrastão era predominante porque era mais sustentável, mais fartura, mais quantidade, dava para matar 5, 6, 8 toneladas de peixe.

O território daqui era o seguinte: a Praia não tinha o Canal. O Canal deve ter levado uns dois anos ou mais para ser feito. Eles carregaram muita pedra, muito caminhão, foi uma obra grande. Ele foi aberto há mais ou menos 40 anos. Antes, quem abria a Lagoa eram os pescadores. Ia uma faixa de 60 a 70 pescadores com pá e enxada para abrir a Lagoa e fazer esse Canal. Levava uns dois dias para abrir... Esse Canal aberto de um metro e pouquinho, se abrisse às 10 horas da manhã, com o impacto da Lagoa, de tarde já estava com quase 50 m de largura. Coisa absurda, parece mentira, mas é verdade. Aí entrava muita criação, muito camarão. Nessa época, meu pai era presidente da Colônia e ia lá na Lagoa de noite, com 5 ou 6 pescadores, com polícia e tudo para vigiar o pessoal que roubava camarão, porque tinha que deixar crescer. Quando crescia, depois de um mês mais ou menos, saíam burros de camarão. Essa Lagoa era praticamente uma mãe dos pescadores, sustentou muitas famílias.

Antes desse Canal que a Veplan abriu, era uma Praia só. A gente, na época, tinha o lugar certo para pescar: aqui era Porto Pequeno, do lado era Porto Grande, onde tem o Canal era Coroa, depois era Volta, depois Areia Preta, depois Malha, depois Caminho Grande, depois Pegador, depois Caminho das Moças, depois Baleia - nome na época do meu pai - que veio a ser Proa do Camboinhas, Popa do Camboinhas, Monte de Areia e Canto do Ponte.

Meu pai sempre disse: “esse pedaço de mar Itaipu é um lugar abençoado por Deus.” Eu mesmo comandando minha pescaria, já matei muito peixe. Já peguei cinco, seis toneladas de xaréu, de corvina, de enchova, coisa que hoje em dia era até para dar um enfarte de se ver. Peguei tudo isso, pescada amarela... Fui o único pescador que pegou essa pescada amarela, meu pai até dizia que nunca viu pescador nenhum matar e eu matei mil e poucos quilos. Deus sempre me abençoou e eu tenho orgulho de chegar em qualquer lugar e dizer: “eu sou um pescador artesanal”. Pescador sou eu, que tenho uma canoazinha, um barquinho de 10 toneladas. Agora, uma embarcação de 80, 100 toneladas, não é um barco, é um mini navio pesqueiro! Essa pesca se tornou uma imensidão de norte a sul! Eles, com tantas aparelhagens, estão jogando o peixe cada vez mais para a profundidade. A nossa pesca artesanal, que já sobreviveu com dez, doze pessoas numa pescaria de arrastão, agora não pode ser mais de quatro, por causa dessa escassez. Assim mesmo, antigamente a pescaria ganhava três partes, agora é tudo dividido em parte igual. A pesca de rede de malha ganhava em cinco partes, depois três, agora uma.

Tendo em vista o que eu aprendi, o que eu vivi e o que eu produzi, eu, hoje em dia, Deus me perdoe, vivo de miséria de quantidade pescada. Mas aqui é um lugar turístico, o peixe aqui é caro, então nós sobrevivemos disso. Dificilmente você vê 3, 4 toneladas de peixe no arrastão, até tem, mas é difícil, não é sempre, nem todo ano, nem todo mês. Na época que eu era rapaz, de maio a agosto, eram 2 a 3 toneladas de tainha quase toda semana. Até agosto, frequentemente, de 15 em 15 dias, de 20 em 20 dias, morria na faixa de 8 a 10 toneladas de tainha. Eram de 7 a 8 pescarias e todos eles matavam. Tinha peixe que eu soltava porque não tinha mercado para ele, como vaga-lume, olho-de-cão, espada, cavalinha. Agora tem mercado para tudo: de uns dez anos para cá começou a vender vaga-lume, um filé maravilhoso, o pessoal vem aqui para comprar vaga-lume para restaurantes, pensões... A pesca artesanal é uma pesca que sobrevive, porque não tem grandes despesas.

Hoje eu tenho duas canoas, estava com quatro, mas vendi duas. Essas eu não vendo, vão ficar lá. Não tem mais tainha, mas minha rede de tainha está lá, o tacho de dar tinta também, isso aí eu não vendo. Vou deixar lá para matar a saudade, ficar olhando.... A história que tenho para contar a vocês é que eu escolhi a profissão certa, que eu me apaixonei, herdei do meu pai.





DAVI CÔRTES DOS SANTOS

Nasci em Itacoatiara. Eu e toda minha família - meus pais também nasceram aqui. Meus avós tinham um terreno na entrada de Itacoatiara, eram posseiros ali há mais de cem anos. Eles moravam em uma casa muito antiga, encostada na pedreira. Com o tempo, os espertos foram comprando, saiu todo mundo e construíram aquele condomínio.

Minha casa era praticamente um sítio, era livre, tinha terra em volta, mato mesmo e frutas de todo tipo: araçá, goiaba, carambola, jabuticaba, pé de abiu. A infância era boa, infância da inocência. De noite não tinha para onde ir, a gente tinha que aproveitar era de dia mesmo. Nossa brincadeira era o colégio. Eu ia por dentro do mato porque minha casa tinha um caminho que ia direto para lá. Então nossa brincadeira era subir em árvore, fazer carrinho de lata, pique-esconde. Naquele tempo era muito bom, soltava pipa, jogava peão, bolinha de gude, caçava, tinha pescaria. Você conhecia todo mundo que morava aqui, quando chegava uma pessoa nova, a gente se enturmava. Eu mesmo conheci Itacoatiara bem pacata, tinha terrenos ainda, hoje em dia não tem mais. Naquela época ninguém ia à praia, praia era só para pescar. Natalino, Bila, Nilo, colocavam cerco em Itacoatiara mesmo com o mar brabo. Mas, para tomar banho, ninguém ia não.

Para passear, não saía de Itaipu. Quando estudava, tinha aquelas excursões: “vamos conhecer a fábrica de Mineirinho lá em Niterói”, “vamos lá no Horto”, tudo era uma alegria, uma festa. Nossa distração aqui sempre foi o futebol. Tinha aquela rivalidade entre Piratininga, Engenho do Mato, Itaipu e Fonte. O Clube União tinha um time de futebol muito bom, viajava, fazia excursão, saía para todo canto. Era como se fosse time profissional, todo mundo queria jogar lá!

Meu pai vendia de tudo no comércio que tinha em Itacoatiara, tipo um supermercado. Se não tivesse alguma coisa, ele anotava, ia lá embaixo e comprava: peça de bicicleta, tecido para colégio, uniforme... Depois revendia para a turma que tinha comércio, Seu Lelego, Seu Zequinha. Era uma casinha muito simples, piso de chão. Ele mesmo abria e fechava o comércio. Sempre trabalhou muito, não tinha folga. A folga dele era ir de noite à Igreja, aos domingos fechava um pouquinho mais cedo.

Meu pai tinha esse comerciozinho e meu avô, Manoel José Côrtes, tinha o Armazém Fiel na subida de Itaipuaçu. Ali na Fonte, em frente ao Armazém, tinha um poço de mais ou menos um metro e meio de manilha. A água era azulzinha, limpinha, todo mundo pegava água ali. Era o armazém mais conhecido, só de alvará tinha mais de setenta anos. Meu avô tinha tropas de burros e levava banana para o Largo da Batalha e Icaraí. Andava nessa serra toda, que naquela época era tudo bananal. Às vezes ele vinha do Largo da Batalha à noite, dormindo e montado no burro, que trazia ele direitinho. Minha avó já sabia quando o burro apontava, puxava ele e ajudava a tirar as coisas de cima do lombo do animal.

Derrubaram o Armazém, que era meu até ano retrasado. Ele já era dos meus avós, foi para os meus pais e depois para mim. Só que eu perdi na justiça e tive que sair dali tem dois anos e pouco. Aquilo tudo era uma fazenda, na época. Eu tinha uma casa na subida para Itaipuaçu, na divisa de Maricá com Itaipu, e a parte de baixo era dos meus avós, da minha mãe. Mas ela perdeu tudo também, como eu perdi lá em cima. Eu trabalho desde os 13 anos com meu pai nesse comércio. Depois que ele faleceu, fiquei cuidando do Armazém, mas não herdei, eu comprei dele, porque, na época, ele queria vender, mas ninguém queria comprar. O Armazém era uma casa muito antiga, tinha muita obra para fazer, chovia dentro. Com sacrifício, consegui colocar um telhado bom, fui fazendo e fiquei ali.

Quando meu pai comprou o sítio, eu era garoto, tinha 13-14 anos. Meu pai ficou ali, mas esse pessoal do Cruz Nunes sempre queria pegar tudo. Briga-



mos bem na justiça. Na época, muita gente me ajudou, todas as associações ajudaram. Eu sempre andei muito para o lado de Itaipuaçu, porque na minha época não existia isso de Serra da Tiririca. Quando eu morava lá em cima, não existia esse negócio de não poder construir. Não tinha INEA nessa época, não existia nada. Minha casa fiz no lombo do burro e no meu lombo também porque não existia nem a estrada de Itaipuaçu. Ou subia de burro ou subia a pé. Quando construí minha casa, acordava bem cedo - quatro ou cinco horas da manhã -, vinha na casa do meu avô, pegava um animal, enchia de tijolo. No fim de semana fazia mutirão, as pessoas me ajudavam a cavar o barranco. Minha mulher me ajudava, peneirava barro, carregava tijolo, fazia massa. Fizemos a casa com o tempo. Só eu morei ali mais de 40 anos. Sem luz, mais de 15 anos.

No dia do despejo foi muita gente lá em cima, tinham três caminhões desses de baú, grandes. Eu estava lá no Armazém e deixei minha filha em casa dormindo. Quando ela ligou gritando, peguei o carro, passei lá, vi aquele movimento e subi direto no INEA para pedir socorro, mas ninguém se interessou, sumiu todo mundo. Liguei para alguns da Associação, mas não adiantou ligar para ninguém. Quando cheguei já tinha um caminhão cheio pela metade, puxando tudo do jeito que queria: guarda-roupa com pé-de-cabra, quebraram tudo... Tinha dois policiais, um oficial de justiça e um advogado. Até meu advogado chegar do Rio, eles já tinham enchido os caminhões. Eu não fui notificado, não assinei papel, minha mulher e minha filha também não. Eles fizeram o seguinte: chegaram lá, bateram palma. Minha filha estava sozinha. Quando ela abriu a porta, arrebentaram o arame para entrar, bateram na janela, na porta. Ela pensou que fosse assalto.

Eu sou presidente da ASSET (Associação dos Sitiantes Tradicionais da Serra da Tiririca), mas quase não participo mais. Depois que saí lá de cima, fiquei meio assim... Eu participava muito de reunião, no Museu, nas casas, no Engenho do Mato, no Renatão, lá em Itaipuaçu. Assim que surgiu o Parque, a gente nem podia chegar perto das reuniões. Mas a gente queria participar, então fizemos uma associação. Juntamos eu, Renatão, Tinoco, Joel, aquela turma da Fonte e Engenho do Mato. O Parque, hoje, tem que agradecer os sitiantes. A gente preservou aquilo ali.



PEDRO RODRIGUES LOPES

Nasci aqui mesmo, onde chamavam Pingão, do lado do Museu.

A infância aqui era boa, era mais unido do que agora. Tinha muita brincadeira, você subia na Duna - que nós chamávamos de Morro da Peça - para brincar de mocinho e bandido. Se você cavar vai encontrar negócio de índio lá. Antigamente a gente achava prata, patacão, uns troços de cobre, carcaça de cabeça, jogava tudo fora. Se procurar tem ainda.

Nós crianças íamos ajudar o pai, mas tinha que ir ficar quietinho. Comecei a pescar com 8 anos, ele me acordava 2, 3 horas da manhã para eu ficar na pontinha do cabo. Não tinha inverno, não tinha verão, não tinha ficar cansado. A gente ficava até a hora de ir para escola.

Meu tataravô, meu bisavô, meu avô, todo mundo da família pescava. Antigamente você botava um arrastão, não tinha a maioria homem para puxar não! Eram as mulheres dos pescadores que puxavam! Os filhos puxavam também. Elas também tinham que ganhar o peixinho delas. Mesmo que o marido levasse um peixe, elas queriam o delas, porque elas botaram força.

Até uns 12 anos eu era ponta de cabo, era muito magrinho. Fui pegar remo com 15 anos, levava o peixe daqui para a Praça XV, não tinha motor. Antigamente tinha muito peixe, você pedia pelo amor de Deus para cavalinha, cangulo irem embora. Porque não tinha o mesmo valor que xerelete, corvina. Pegava uns 30 tabuleiros de lula. Época boa! Quando eu falo fico emocionado! A pesca é uma saudade.

Quando meu pai morreu, para mim acabou a pescaria daqui. Eu disse: "vou para o barco de alto mar". Eu tenho 50 anos de pescaria: 30 de alto mar e 20 aqui na Praia. Tenho o maior orgulho de ser pescador. Não existe nada no mundo como a pescaria. A pesca é o seguinte: se você está aborrecido em casa, não tem comida, brigou com a esposa, vem para pesca e acabou. Não vai discutir, não vai brigar. Vem pescar, quando voltar já acalmou. É por isso que pescador tem 40 anos de casado.

Conheci Lia em tempo de arrastão. Eu já tinha separado da minha primeira esposa, que é minha prima, mãe de 3 filhos meus. Hoje ela, eu, o marido dela e a minha esposa somos todos amigos. Tive uma filha só com Lia.

As casas eram feitas de madeira que a gente catava na Praia, às vezes chegava a dar briga para pegar. Tinha casa de estuque, melhor que tijolo, pintada por fora quando achava lata de tinta na Praia também. Ficava bem colorido. A gente morava do lado de lá do Canal, depois a Veplan indenizou e fomos morar lá no Cantagalo. A Lagoa era funda, tinha uma boca de barra, quando arrastávamos camarão, vínhamos até a boca. Jogaram muita pedra, já morreu muita gente ali.

Eu não sei cozinhar, só sei fritar peixe, ovo e fazer café. Já comeu fritada de sarnambi? E sopa de tatuí? Não tem coisa melhor! Aquela foto ali com os ovos de tartaruga, quem pegou foi o Toninho, mas eu comi e era melhor que ovo de galinha. A sopa também é muito forte, gostosa, quem fazia era Dona Amélia. Mas a minha comida preferida é macarrão.

Tinha forró lá no Esporte Clube União. Era barro vermelho, aqueles sapatos de bico pontudo, a poeirada para cima. Nós dançamos forró até na areia! Mas era muito gostoso. Bloco carnavalesco não tinha muito. Tinha rancho, antigamente não existia bloco de rua, era rancho. Quem organizava era tio Roberto e saía todo mundo, Bila, Caboclo, Neneco. Eu saía porque minha mãe me puxava pela mão. Ela gostava, falava em rancho ela tava dentro! Eles mesmos tiravam as músicas, não tinha ninguém tocando, era só no canto e na mão. Meméia é capaz de lembrar das letras, uns troços bonitos, aquelas fantasias bonitas de cetim, lembro que meu pai arranjou até uma cabeça de boi pra sair.

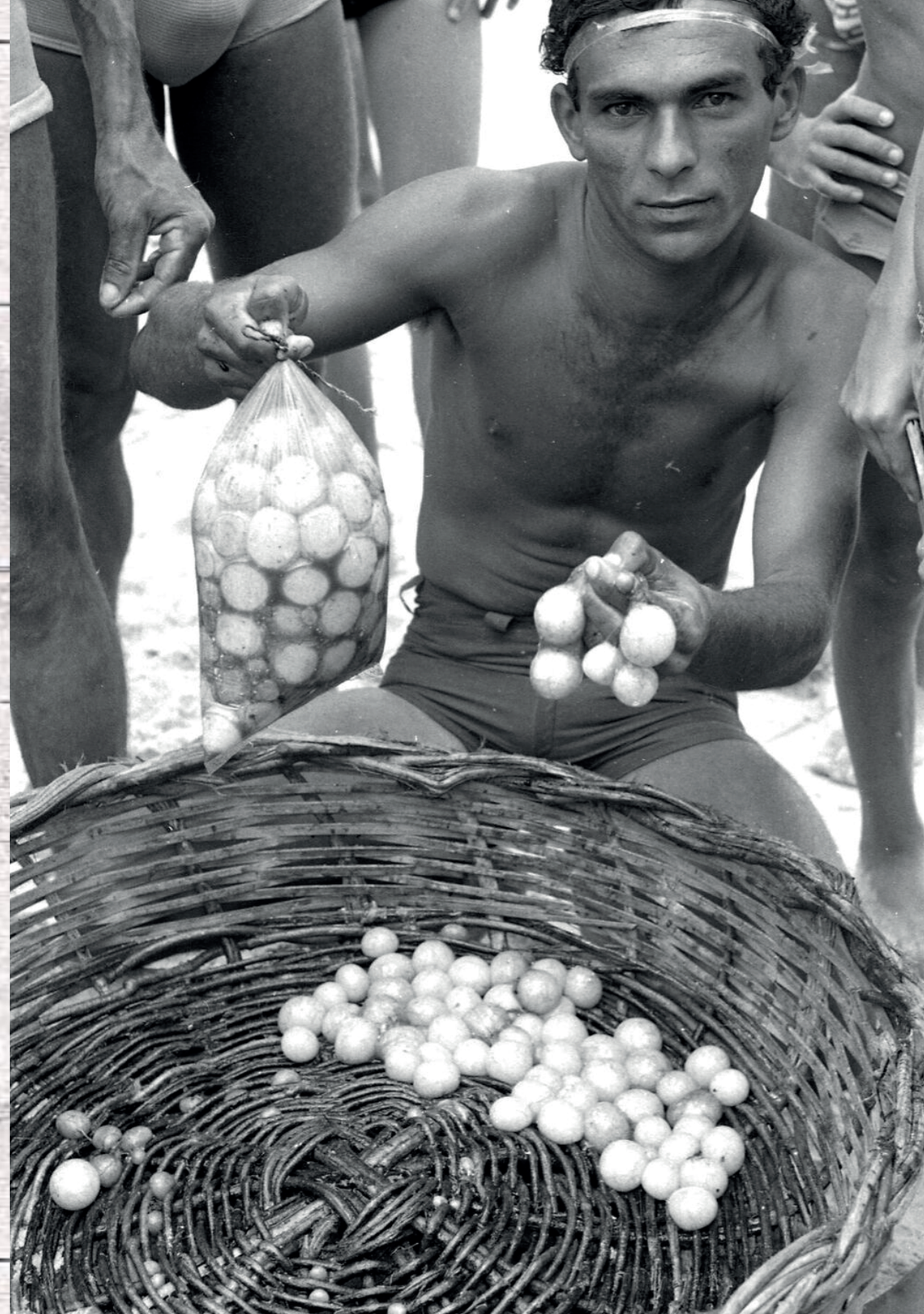
Tinha era quadrilha na festa junina. Eu marcava quadrilha. A quadrilha é boa, melhor que um carnaval. Tinha muita coisa de comer, era bolo de

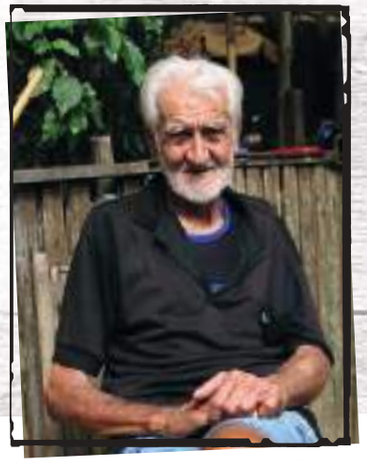
fubá, canjica, manjar, doce de abóbora e para beber, canelinha, batida de coco, meia de nylon, que é um suco de maracujá grosso, forte, com cachaça. Tinha fogueira e barraca do beijo. Era uma brincadeira suave.

Nunca tive pneumonia, não tomo vacina, nem de idoso, só tenho pressão alta. Não tomo remédio, vocês são escravos de médico. Eu vi a morte três vezes para me pegar no alto mar, mas ela não me quis. Você pode ver, eu vou morrer um dia, mas vou morrer rindo. Sabe por causa de quê? Porque o que eu quis na minha vida foi isso aqui, vou sair satisfeito. Eu levo a vida na brincadeira, entendeu? Às vezes me contam mentiras e eu conto as minhas.

Se Lula, Cambuci e Maurinho não continuarem com a pesca artesanal, acabou. Vai entrar uma firma grande, que já está no planejamento, vai tudo embora, esses barracos de praia. Itaipu vai ser uma cidade maravilhosa, vai ter apartamento, vai ter tudo. Só não vai mais ter pescador.







AMÉRICO FERNANDES SOUZA

Bichinho

Nasci em Itaipuaçu, com a parteira, chamava dona Jalda. Era a maior parteira que tinha em Itaipuaçu. Meu pai morreu eu tinha 5 anos, ele bebia muito e morreu de cirrose de cachaça. Nessa época eu era criança, não tinha utilidade para nada, só brincar. Lá em casa, não tinha nem rádio. Quem era nós pra ter rádio? Vim para cá com 8 anos. Minha mãe ficou viúva, se juntou com meu padrasto e ele me trouxe aqui pra cima. A família dele já morava aqui, o pai e a mãe. A mãe dele era índia, chamava Gata. Não sei de onde roubaram aquela índia... Meu padrasto, nasceu no dia 5 de agosto de 1888. Eu tenho tudo guardado, certidão, tudo direitinho. Essa comunidade aqui tem 200 anos!

Minha infância foi o trabalho. Eu ajudava o meu padrasto na roça, a gente vivia de lavoura. Tinha de tudo plantado aqui, não descia para comprar nada, só sal, querosene, fósforo e arroz. Era aipim, banana, jaca, cana, hortaliças, colhia de tudo aqui. Nós tínhamos uma pequena casa de farinha e moenda de cana. Criava porco, às vezes comia carne, às vezes doava para as pessoas e também aproveitava a gordura para fazer banha. Eu ajudava meu padrasto a capinar, colhia e ensacava o milho e o feijão, descascava, secava no Sol... A minha luta foi grande! Era tudo para o nosso sustento, bem pouco o que vendia. A gente mais doava para quem não tinha.

Quando eu peguei a idade de 10, 12 anos, comecei a dedicar a pescaria. Eu ia pescar, acabava a pescaria, ia pra roça com o velho. Chegava 16 horas, saíamos para jogar bola. Às 17 horas, já tava em casa. Eu nunca gostei de pescar de arrastão. Você trabalha muito e ganha pouco. Meu forte é a pesca caiçara. Pesquei 50 anos, naufraguei 3 vezes, só não morri porque Deus não quis. Até que me deu problema na coluna e eu parei. Agora não tenho mais condições de pescar não. Ensinei muita gente a pescar.

De primeiro, aqui não tinha barco, nem caíco, só as canoas de Bila, Natalino, Lô, Caboclo, Manoelzinho Correa.... Não tinha nada. O primeiro barraco que apareceu em Itaipu foi do pai do Bamba, Seu Fernando. Ele e Dona Leonina fizeram um barraco de pau-a-pique para vender mingau. A Praia de Itaipu antigamente não era conforme hoje, era uma Praia só. O mar tá afastando de nós. E tem dois fenômenos, que antigamente existia e que hoje não existe mais: chover e mar brabo. Todo quarto de Lua o mar ficava brabo. A chuva enchia a Lagoa e encostava no muro do cemitério. Aí fizeram esse Canal, depois que Pizarro vendeu Itaipu para a Veplan. A Lagoa está morta de tanto esgoto e areia. De primeiro, você não passava – era até perigoso. Agora, passa com água na canela, tem dia que você passa, não molha nem o pé. E se continuar assim, vai acabar fechando.

Comecei a pescar, como efetivo, com o pescador mais profissional e respeitado que tinha aqui, o Seu Roberto. Para arranjar uma vaga com ele era uma dificuldade medonha. Fiquei 10 anos com ele. Depois o filho dele pegou a pescaria, começou a complicar e eu saí. Pesquei com Jota mais uns 8 anos e foi a mesma coisa, botou os 2 filhos. Não estou aqui para obedecer ordem de criança não. Eu não queria ser mandado por quem sabia menos que eu. Larguei a pescaria deles também e comecei a pescar sozinho. Tinha um monte de bacuri para criar, eu pensava nos meus 6 filhos. Quando o mar tava brabo, não dava para pescar, eu ralei muito: trabalhei de servente de pedreiro, capinava lote, limpava terreno, fazia biscate. Filho não pede para vir ao mundo, o culpado é pai e mãe, a hora da comida deles é sagrada.

Casei com Dona Aída, ela tinha 14 anos. Eu tinha uns 18, 20 anos. Ela nasceu dentro do Museu, família toda de pescador. O pai dela faleceu, a mãe também e ela ficou à mercê dos irmãos. Eu pulava de galho em galho, mas a minha consciência pesou um pouquinho e falei com meu padrasto. Ele falou “traz ela pra cá” e nós fizemos nossa casa. Minha história é longa!

No tempo que a gente tava aqui não tinha Parque. Isso aqui era Morro das Andorinhas. Eles quiseram tirar a gente de qualquer maneira. Imagina, se a gente não fica aqui, tinha virado uma favela ou não tinha mais o

Morro. Nós que começamos a preservar isso aqui. O velho, quando morreu, falou: "não deixem ninguém fazer nada aqui em cima, a não ser o pessoal da família". A ordem foi cumprida até a data de hoje, que eu ainda estou vivo. Mas deu muito problema. Ainda bem que conhecemos o Ronaldo Lobão, da UFF, que deu uma força para a gente. A Laura, o Kant, muita gente contribuiu! Documentamos tudo certinho, fizemos uma ordem ecológica, árvore genealógica, tudo certinho para permanecer aqui. Hoje em dia, não fazemos grandes lavouras porque o Parque não quer que desmate. Quer dizer, se amanhã ou depois não tiver um real para comprar um pão, nós tomamos café puro. Se tiver um aipim, uma batata, todo mundo come e fica satisfeito. Eu falo para eles que a gente que mora em lugar que tem terra, tem que plantar. O Parque mudou mais o modo de viver porque, antigamente, a gente vivia tranquilo aqui em cima. Não fechava barraco para dormir, era tudo aberto e ficava à vontade. Hoje em dia não pode mais. Quando você esquece, tem gente dentro de casa, gente no caminho, gente na porta. Depois que eles fizeram o Parque aqui, fizeram essas caminhadas, nêgo erra o caminho e invade a casa da gente. Eu falei para o pessoal do Parque encarecidamente para botar uma guarita aí. Também falei que precisa arrumar o caminho que está ruim, um pedregulho só. Quando eu desço, agora eu desço com uma muleta, com dificuldade, um sacrifício medonho! Se tivessem um bom senso, eles acertavam o caminho, aterravam, faziam uma escadinha para melhorar o caminho da moradia e de quem vem fazer caminhada. Os projetos não saem do papel. Eu queria morrer, mas queria deixar o melhoramento para quem fica.

Seu Chico foi meu espelho. Ele chega a chorar quando eu falo isso pra ele. Eu me espelhei nele. A gente era humilde, não sabia nada, não sabia conversar. Chegava o pessoal aqui, eu saía escondidinho. Agora não, agora a cabeça abriu, a mente abriu. Fui até no Rio fazer entrevista, em Niterói, na UFF, ganhei a medalha Tiradentes! Perguntaram se eu preferia na Alerj ou em Itaipu, eu disse: "se vocês acham que eu mereço a medalha, se tem essa vontade de homenagear, prefiro aqui em Itaipu, porque aqui estou junto dos meus amigos." Me homenagearam ali naquela capelinha de São Pedro na Praia.

ERALDO FRANCISCO RODRIGUES



Nasci a 300 metros da Praia, com a parteira Dona Júlia. Somos 9 irmãos. A gente dormia quase tudo embolado, o casal no quarto e a gente pela sala, nas esteiras. Nossa casa era feita de madeiras tiradas do mato, bambu e tampava barro nas paredes. Foi uma infância gostosa, cheia de liberdade, pescando e indo pouco ao colégio.

A gente brincava aqui na Praia, jogava bola o dia todo, até o anoitecer. Às vezes apanhava porque não aparecia em casa. Não tinha muito gosto de ir pra escola, mas estudei até a quarta série. Ia a pé, brincando, rasgando roupa, rasgando livro e caderno um do outro, brigando pelo caminho. Depois dos 16, 17 anos era cachaça, muita cachaça mesmo. Era só bebida e liberdade! Quem queria saber de estudar com essa liberdade toda aí? Ninguém! Bem poucos estudaram.

Comecei a pescar com 9 anos, porque qualquer dinheirinho que entrasse já era bom. Comecei a pescar com meu tio. O apelido dele era Neneco Ligeiro e era responsável pela pescaria do Seu Ernesto. Aprendi a pescar com a pescaria de arrastão, como ponta de cabo. A tarefa do ponta de cabo era cuidar das cordas: puxava as cordas, fazer ela em roda direitinho, lavar, deixar na canoa, às vezes ajeitar para no outro dia, quando soltar, e ela ir embora sem embolar. A pesca da tainha não precisava quase corda, só na beira da terra. Se cercasse no meio do mar ela não vinha, ia toda embora, muito

inteligente a tainha. Todo mundo se dava bem e a pescaria da tainha tinha muita fartura. A gente ia crescendo nas funções, aprendendo: de ponta de cabo, remador, vigia... Às vezes é o mestre que incentiva a gente a melhorar e ganhar um dinheirinho. Ele que dá as ordens, sabe de todas as funções, mas está cada vez mais difícil arrumar companheiros.

Nessa época, era até engraçado, quando chegava mulher na pescaria, os coroas, donos da pescaria, falavam: "não quero que mulher puxe minha rede porque dá azar, dá falta de sorte". Pura ignorância. Hoje em dia a gente gosta quando tem mulher ajudando na pescaria, pra lá, pra cá. O arrastão é pesado, tem que ter ajuda. Nós gostamos de bastante gente puxando, seja homem, seja mulher, seja lá quem for. Está faltando muito material humano para pescaria.

A Praia antes era tudo barraco de pescadores, de guardar material, a gente chamava de companha. A maioria dormia nesses quartos de pescaria na Praia, eu principalmente. Minha criação foi quase toda dormindo aqui na Praia. Não tinha trabalho de chegar, estava ali pertinho, era só jogar o barco n'água e ir pescar. Essas casas todinhas eram quartos de pescaria. Foram vendendo, vendendo e transformou-se nesse comércio que você vê aí. Meu padrinho Natalino foi dos primeiros a vender peixe limpo - robalo, pampo - peixes bons, valorizados. Ele comprava da própria pescaria, limpava e vendia para o pessoal de Itacoatiara, naquela época só tinha nego rico lá. Hoje até eu limpo pra vender para as pessoas de fora.

A Praia era uma só. Depois roubaram da gente. Depois do navio Camboinhas acabou a restinga, abriram uma estrada lá no canto para tirar os ferros e aí quando fizeram o Canal o roubo foi completo. Dividiram e roubaram nossa praia todinha, deixando a gente só com esse pedacinho aqui. Dificultou muito porque o pessoal do lado de lá, os pescadores e os puxadores de rede, não vinham, não tinha como atravessar o Canal. A Veplan foi indenizando o pessoal, dando um dinheirinho, tapeando todo mundo. O camarada achava que aquele dinheiro ia dar realmente para morar, que ia se dar bem, vendiam e saíam. Mas se deram muito mal. Quem ia peitar a Veplan? Fazer o quê? É o progresso!

Eu era criança e já tinha festa de Itaipu, nessa época quem fazia essa festa de São Pedro e São Sebastião era meu padrinho Natalino. Agora tudo é pago, tem que pagar para colocar barraquinha, antigamente não. Eram mais dos pescadores e tinha também procissão de barco nas festas, ia pelo mar, os barcos embandeirados. O namoro aqui é que era difícil: pai e mãe vigiando, ainda mais que a gente bebia cachaça. Sou solteiro até hoje, mas tenho 4 filhos, muitos netos e bisnetos.

Nós trabalhamos para a Reserva. Você tem conhecimento que temos uma Reserva Extrativista aqui? Se a Reserva Extrativista funcionasse, a pescaria sobrevivia, ia voltar a esperança de novo. Hoje em dia esses grandes empresários cresceram o olho, têm barcos muito aparelhados, conhecem tudo, veem todo o movimento, se o peixe é grande, se é pequeno... Aí acaba mesmo, não tem jeito. A pesca industrial vem em cima e pega tudo, pegam toneladas e mais toneladas.

Aqui na Praia também tem que ter mais união e ordem. Tem gente que traz um barco, bota na beira da Praia e leva anos sem vir aqui ver o barco. Isso atrapalha quem pesca todo dia. E acho que devia ter um frigorífico também.

Estou um mês e pouco sem jogar o barco n'água. Já estou sentindo falta dos remos. O dia fica muito bom quando a gente rema, faz exercício. No dia que não vou pescar, vou na Praia, caminho, corro, levanto uma bolinha para não enferrujar. Não saio daqui da beira dessa Praia, isso aqui é uma felicidade.



MAPA DOS PONTOS DE PESCA



*Mapa adaptado a partir do croqui disponibilizado em KANT DE LIMA, Roberto & PEREIRA, Luciana Freitas. Pescadores de Itaipu: Meio ambiente, conflito e ritual no litoral do estado do Rio de Janeiro. Niterói: EdUFF, 1997, p. 331.

GLOSSÁRIO[1]

Areia preta:
um dos pontos de pesca da Praia de Itaipu cujo nome faz referência à cor escura da areia naquele local. [1]

Balão de carvão:
antigo método de confecção de carvão vegetal a partir da queima da madeira disposta em forma de cone e revestida de barro.

Braça:
antiga medida de comprimento equivalente a 2,20 metros. [2]

Caicar:
ato de controlar a canoa com os remos. É uma das funções identificadas e atribuídas em meio à companha. [3]

Caíco:
embarcação de aproximadamente 3 m de comprimento com fundo chato. [4]

Camboinhas:
bairro da Região Oceânica de Niterói-RJ, cuja praia – de mesmo nome – foi, outrora, uma extensão da Praia de Itaipu. A separação entre as praias se deu nos anos 70 com a abertura definitiva do Canal que ligou a Lagoa ao mar. O nome da praia e, consequentemente, do bairro tem origem no encalhe do cargueiro Camboinhas ocorrido em fins da década de 50 na Praia de Itaipu.

Canal:
canal aberto entre a Lagoa e a Praia de Itaipu, na década de 70, pela empresa responsável pelo loteamento do bairro. Esta abertura, outrora sazonal, resultou na diminuição do espelho d'água, no assoreamento da Lagoa, além de ocasionar o aumento da sua salinidade e alterar a fauna local. [5]

Companha:
nome dado, em Itaipu, para o grupo de pescadores de uma determinada "pescaria". [6]

Companheiro:
pescador membro de determinada companha. Em função da modalidade de pesca desempenhada, cada companheiro terá uma função definida.

Companhia de Desenvolvimento Territorial de Itaipu:
empresa responsável pelo loteamento "Cidade Balneária de Itaipu", aprovado pela gestão municipal em 1945. [7]

Corogondó:
molusco comestível cuja captura é feita em pedras submersas ou junto à arrebentação.

Corvineira:
tipo de rede utilizada na modalidade de pesca de Rede Alta ou Rede de Espera. Pode ter de 400 a 1000m de comprimento; de 1,5 a 2m de altura e malha de 40 a 80 cm. [8]

Engenho do Mato:
bairro da Região Oceânica de Niterói limítrofe a Itaipu. Surge a partir do loteamento da antiga Fazendo do Engenho do Mato. [9]

Espinhel:
petrecho de pesca que consiste em uma linha de comprimento superior a 100 braças onde são presos diversos anzóis intervalados. [10]

FUNRURAL:
o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL) era a autarquia responsável pela gestão do Programa de Assistência ao Trabalhador Rural (PRORURAL), instituído pela Lei Complementar nº 11, de 25 de maio de 1971. A princípio, este Programa tinha como beneficiários os trabalhadores rurais e seus beneficiários que atuassem em regime de economia familiar ou subsistência. A partir do Decreto número 71.498, de 5 de dezembro de 1972, os pescadores sem vínculo empregatício cujo meio principal de vida fosse a pesca em regime de economia familiar passaram, também, a ser contemplados pelo mencionado Programa.

1 | As informações disponibilizadas neste Glossário, em sua maioria, baseiam-se nos trabalhos listados nas Referências Bibliográficas.

Garatéia:
petrecho de pesca que reúne, em uma mesma haste, três ou mais anzóis.

Hotel Havaí:
antigo hotel localizado na orla da Praia de Itaipu.

Lambreta:
tipo de isca artificial muito utilizada na pesca de anchova.

Linguadeira:
tipo de rede de pesca cujo comprimento varia de 400 a 1000 m, com altura de 1 a 2 m e malha de 80 a 110 cm. Utilizada, em Itaipu, na captura de linguado, arraia-viola, cação-viola, garoupa e bagre grande. [11]

Mexilhão:
molusco bivalve comestível cuja captura é feita em rochas costeiras. A captura de mexilhão – "mariscagem" – ainda é realizada na Praia de Itaipu.

Morro da Peça:
1. Elevação rochosa de 198 metros de altitude localizada em Itaipu. Integra a área do Parque Estadual da Serra da Tiririca. 2. Denominação outrora atribuída à Duna Grande pelos moradores de Itaipu.

Morro das Andorinhas:
acidente geográfico que delimita as fronteiras entre os bairros de Itaipu e Itacoatiara. Possui 196 metros de altitude, 2,6 km de extensão e a área por ele compreendida é considerada como de preservação permanente. No alto do Morro está localizado o Sítio da Jaqueira onde vive uma comunidade tradicional. Atualmente, o Morro das Andorinhas integra o Parque Estadual da Serra da Tiririca.

Museu de Arqueologia de Itaipu:
Museu localizado nas ruínas do antigo Recolhimento de Santa Teresa, construção tombada pelo IPHAN em 1955. Nestas mesmas ruínas que outrora fizeram as vezes de moradia para muitas famílias de pescadores, seria inaugurado o Museu em 1977. Muito embora traga a arqueologia no nome e em grande parte do seu acervo, o MAI desenvolve projetos e trabalhos junto à comunidade de seu entorno a partir de ações socioeducativas e pesquisas participativas.

Pano de rede:
extensões de malha de comprimento variável e altura, em média, de uma braça e meia. Uma rede de pesca é composta de diversos panos. [12]

Pesca de arrasto; arrasto; arrastão; lanço à sorte:
modalidade de pesca artesanal que, para ser realizada, demanda um grupo, em média, de 7 pessoas , denominado de "companha". Os pescadores – ou "companheiros" – utilizam canoas de madeira (que podem ter até 9 metros de comprimento) a remos e lançam a rede – que pode medir até 300 metros – de maneira a criar um cerco na beira da praia para, posteriormente, puxá-la. [13]

Pesca de caceia:
modalidade de pesca em que se estica uma rede alta perpendicular à praia e faz-se a recolha depois de, mais ou menos, uma hora. [14]

Pesca de corrico/currico:
modalidade de pesca que consiste em lançar iscas naturais ou artificiais de uma embarcação em movimento, de maneira a atrair os peixes. [15]

Pesca de rede de emalhe/emalhar/malha; de rede de espera; de rede alta:
modalidade de pesca em que se estende a rede - alta; corvineira ou linguadeira - próximo à praia ou a formações rochosas. Coloca-se a rede de tarde e recolhe-se a captura na manhã seguinte. [16]

Pescaria:
1. denominação atribuída a um grupo de pescadores que realizam determinada modalidade de pesca. 2. conjunto de petrechos e embarcações que pertencem a um indivíduo. [17]

Pizarro:
Francisco Pinto Pizarro da Gama Lobo era o proprietário da Companhia Territorial de Itaipu, empresa responsável pelo loteamento Cidade Balneária de Itaipu. [18]

Ponta de Cabo:
função desempenhada pelo integrante mais novo ou menos experiente da companha. Cabia a este pescador, entre outras coisas, auxiliar a puxada da rede na pesca de arrasto. [19]

Porto Grande:
um dos pontos de pesca da Praia de Itaipu onde as canoas grandes ficavam encalhadas. [20]

Porto Pequeno:
um dos pontos de pesca da Praia de Itaipu onde as canoas pequenas ficavam encalhadas. [21]

Puçá:
petrecho de pesca confeccionado a partir de um aro circular ao qual se ata uma rede de formato cônico, tipo "saco". [22]

Recabo; recabinho; arrecabo:
pedaços de corda de comprimento variável que eram amarradas, em uma ponta, à extremidade da rede e, na outra, à cintura do Ponta de Cabo, de forma a auxiliar a puxada da rede de arrasto para a areia. [23]

Resex Itaipu:
Reserva Extrativista Marinha criada por decreto estadual em setembro de 2013 sob administração do Instituto Estadual do Ambiente (INEA). A Resex Itaipu compreende a área marinha adjacente às praias de Itacoatiara, Itaipu, Camboinhas e Piratininga e a Lagoa de Itaipu. Esta Unidade de Conservação tem por objetivos a valorização do patrimônio social, cultural, econômico e ambiental das comunidades tradicionais que habitam e usufruem da área em questão; a proteção dos meios básicos de subsistência destas comunidades e o uso sustentável dos recursos naturais. [24]

Tarrafa:
modalidade de pesca realizada na Lagoa de Itaipu. Utiliza-se como petrecho uma rede circular – tarrafa – que é lançada sobre o cardume e recolhida rapidamente. Antigamente, tinha como espécie-alvo o camarão. Mediante escassez desta espécie, a modalidade em questão torna-se cada vez mais rara em Itaipu. [25]

Terra Nova:
nome dado a um dos loteamentos feitos no atual bairro de Itaipu. [26]

Vaga:
onda de grande porte.

Veplan:
empresa responsável por implantar o "Plano Estrutural de Itaipu", projeto de loteamento aprovado pelo governo municipal em 1976 e que iria substituir o antigo loteamento "Cidade Balneária de Itaipu". A abertura permanente do Canal, assim como a remoção de moradores da restinga e entorno da Lagoa foram algumas das ações implementadas pela companhia na época. [27]

Vigia:
membro da pescaria ou companha responsável por observar a passagem do cardume e por avisar aos pescadores – mediante gestos e barulhos – o momento de cercá-lo. [28]

NOTAS

[1] KANT & PEREIRA, 1997, p. 135.

[2] KANT & PEREIRA, 1997, p. 84.

[3] KANT & PEREIRA, 1997, p. 91.

[4] KANT & PEREIRA, 1997, p. 83.

[5] FARIAS; VIANA & MACHADO, 2011, p. 72. SALANDIA, 2001, p. 32-33 e 95. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 43.

[6] KANT & PEREIRA, 1997, p. 90.

[7] SALANDIA, 2001, p. 25-27.

[8] KANT & PEREIRA, 1997, p. 84. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 30.

[9] FARIAS; VIANA & MACHADO, 2011, p. 71. SALANDIA, 2001, p. 41.

[10] KANT & PEREIRA, 1997, p. 88.

[11] SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 31.

[12] KANT & PEREIRA, 1997, p. 149.

[13] SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 26 e 29-30.

[14] KANT & PEREIRA, 1997, p. 86. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 33.

[15] KANT & PEREIRA, 1997, p. 89.

[16] KANT & PEREIRA, 1997, p. 87. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 30.

[17] KANT & PEREIRA, 1997, p. 90 e 139.

[18] SALANDIA, 2001, p. 25.

[19] KANT & PEREIRA, 1997, p. 165.

[20] KANT & PEREIRA, 1997, p. 135.

[21] KANT & PEREIRA, 1997, p. 135.

[22] KANT & PEREIRA, 1997, p. 89.

[23] KANT & PEREIRA, 1997, p. 162 - 163.

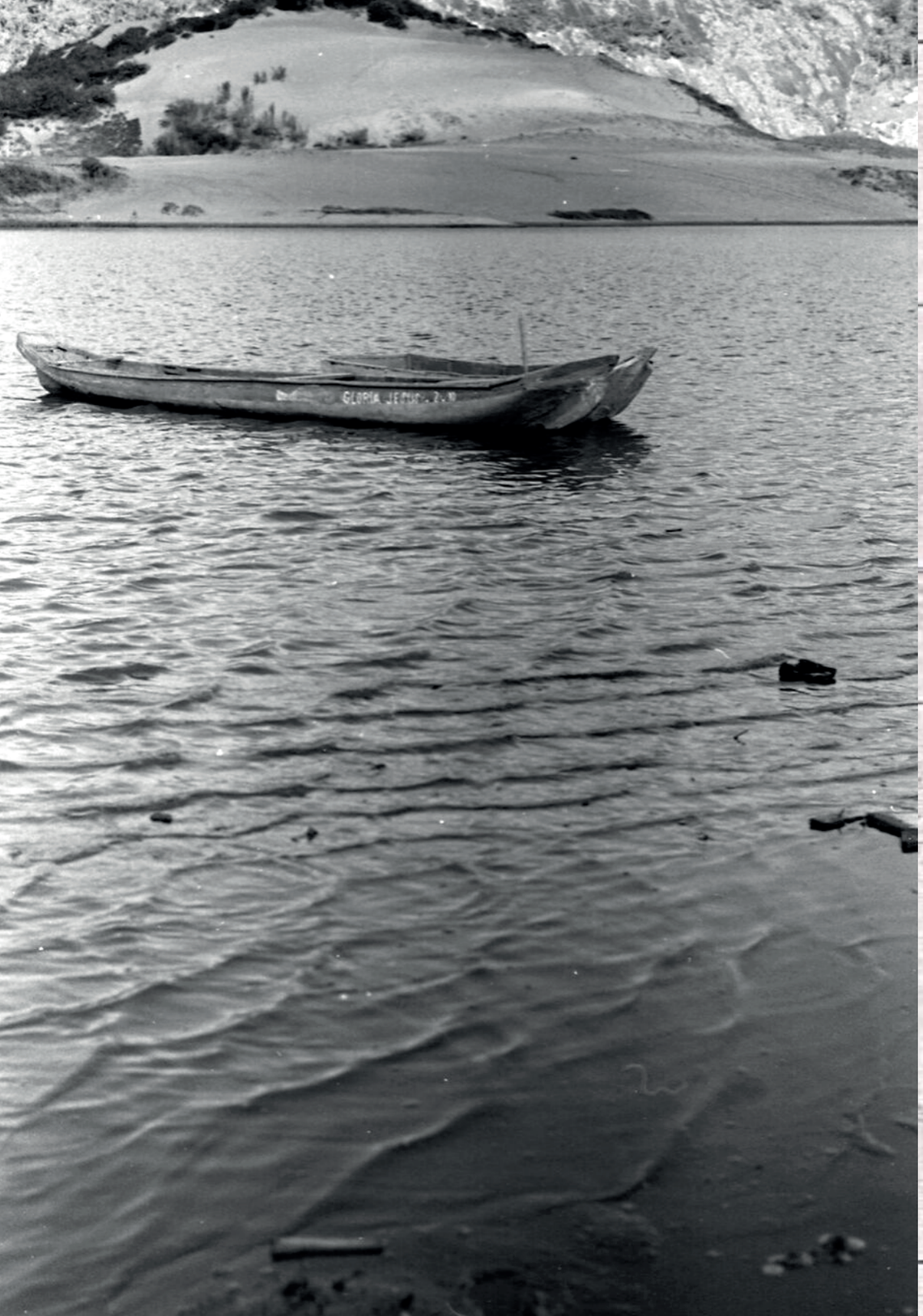
[24] RIO DE JANEIRO. Decreto nº 44.417, de 30 de setembro de 2013.

[25] KANT & PEREIRA, 1997, p.94-95. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 34.

[26] SALANDIA, 2001, p. 31 e 39.

[27] FARIAS; VIANA & MACHADO, 2011, p. 72. SALANDIA, 2001, p. 32-33 e 41. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 43.

[28] KANT & PEREIRA, 1997, p.166. SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE, 2013, p. 26.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIAS, José Mauro dos Santos; VIANA, Célio Mauro; MACHADO, Marcello de Barros Thomé. A construção da hospitalidade turística na história da cidade de Niterói – RJ. ***Revista Hospitalidade.*** São Paulo, v. VIII, n. 1, p. 58-77, jan-jun, 2011.

KANT DE LIMA, Roberto & PEREIRA, Luciana Freitas. ***Pescadores de Itaipu: Meio ambiente, conflito e ritual no litoral do estado do Rio de Janeiro.*** Niterói: EdUFF, 1997.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 44.417, de 30 de setembro de 2013. Cria a Reserva Extrativista Marinha de Itaipu no município de Niterói e dá outras providências. ***Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro***, 01 out. 2013. Disponível em: ***http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdq3/~edisp/inea0047593.pdf*** Acesso em 28 mar. 2018.

SALANDIA, Luis Fernando Valverde. ***O papel da estrutura fundiária, das normativas urbanas e dos paradigmas urbanísticos na configuração espacial da Região Oceânica de Niterói, RJ.*** Mestrado em Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SECRETARIA DO ESTADO DO AMBIENTE (SEA); INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE (INEA). ***Estudo técnico para criação da Reserva Extrativista Marinha de Itaipu – Resex Itaipu.*** Niterói, 2013.

Realização e Produção:
Museu de Arqueologia de Itaipu
Universidade Federal de Goiás
Moradores e pescadores de Itaipu

Coordenação Geral:
Bárbara Primo
Mirela Araujo

Articulação comunitária:
Jairo Augusto da Silva
Jorge Nunes de Souza
Leandro Augusto da Silva
Pedro Rodrigues Lopes
Rosilene Augusta da Silva

Pesquisa, entrevistas e filmagem:
Bárbara Primo
Mirela Araujo
Morgana Maselli
Priscila Bittencourt
Rosilene Augusta da Silva

Transcrição e revisão:
Ademas Pereira
Antônio Bronza
Flávia França
Flávio Silveira Almeida
Guilherme Tavares
Juliana dos Reis
Luiza Félix
Morgana Maselli
Natalia Amorim
Sara Schuabb
Simone Lívia Moraes da Costa

Produção de textos:
André Filipe Dinis
Bárbara Primo
Mirela Araujo
Regina Araujo

Fotografias:
Acervo MAI
Priscila Bittencourt
Ruy Lopes

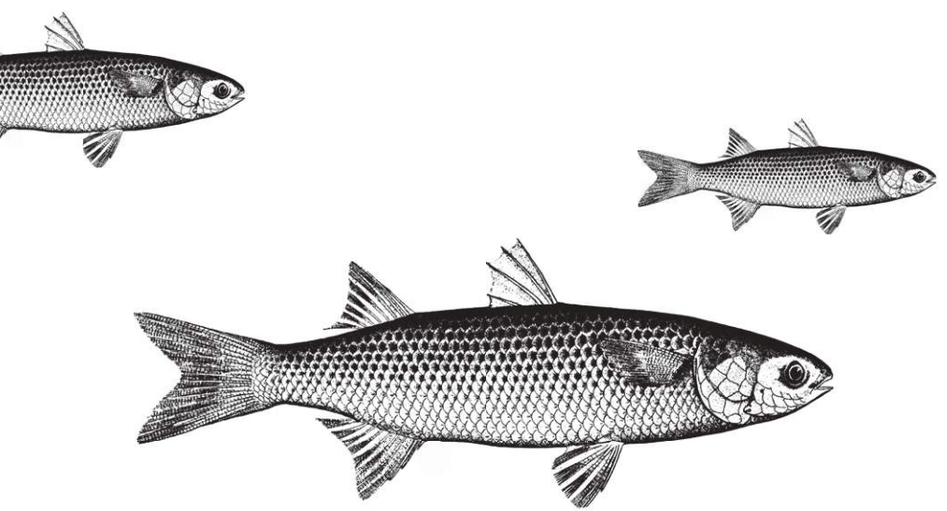
Programação Visual:
Priscila Bittencourt
Thiago Venturotti

Entrevistados:
Adelir de Souza Freitas
Américo Fernandes Souza
Antônio Carlos Dutra
Aureliano Matos de Souza
Carlos Augusto Valdetaro da Cunha
Davi Côrtes dos Santos
Dilza dos Santos Freitas Batista
Dinea Rosa de Abreu
Dione Gomes Monteiro
Dora Mattos Rodrigues
Eraldo Francisco Rodrigues
Érika Gonçalves de Souza
Geraldino Mendonça
Jairo Augusto da Silva
João Batista dos Reis
Jorge Nunes de Souza
José Carlos Dutra
José Renato Gomes da Costa
José Siqueira da Silva
Josielma Siqueira Lima
Juliete dos Santos Cunha
Leandro Augusto da Silva
Lúcia Rosa de Abreu
Marcelo Lopes Dutra
Marcos Antônio de Souza
Maria Ribeiro Gomes
Marinês Sirqueira Cruz
Mauro de Souza Freitas
Nício dos Reis
Nício dos Reis Filho
Pedro Rodrigues Lopes
Penha Avelina Barbosa
Reginaldo Freitas de Abreu
Reni José de Freitas
Ronaldo Carvalho de Lima
Rosalina de Freitas Gonçalves
Rosilene Augusta da Silva
Tânia Rodrigues Lopes
Vinicio Francisco de Brito
Wanderley Joaquim Dias

Apoio:
Eunice Batista Laroque
Fábio Bastos Cordeiro
Flávio Silveira Almeida
Maria Luiza Cândido Silva
Patricia Dolub
Stelvio Henrique Figueiró da Silva

Agradecimentos:
Aos moradores e pescadores de Itaipu
À Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro







APOIO

Rede de Museologia Social

Associação dos Amigos do CRPH-DC

MINOM-ICOM

UFG

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL

ISBN 978-85-63637-04-8